

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALINE SANTOS PEREIRA RODRIGUES

A REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA COLOMBIANA EM *CIEN AÑOS DE SOLEDAD*,
DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

CURITIBA

2019

ALINE SANTOS PEREIRA RODRIGUES

A REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA COLOMBIANA EM *CIEN AÑOS DE SOLEDAD*,
DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do título de Mestre, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências
Humanas, área de concentração: Estudos
Literários, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Ramos D. Chagas.

CURITIBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Rodrigues, Aline Santos Pereira

A representação da história colombiana em *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez. / Aline Santos Pereira Rodrigues. – Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Pedro Ramos Dolabela Chagas

1. Garcia Marquez, Gabriel, 1928 - 2014 – Crítica e interpretação.
2. Ficção colombiana. 3. Colômbia - História. I. Título.

CDD – Co863.6



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
40001016016P7

ATA Nº930

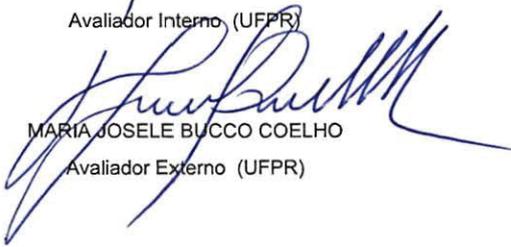
ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM LETRAS

No dia quatro de junho de dois mil e dezenove às 14:00 horas, na sala 1013, Rua General Carneiro, nº 460 - Ed. D. Pedro I, foram instalados os trabalhos de arguição da mestranda **ALINE SANTOS PEREIRA RODRIGUES** para a Defesa Pública de sua dissertação intitulada **A REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA COLOMBIANA EM CIEEN AÑOS DE SOLEDAD, DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ**. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: PEDRO RAMOS DOLABELA CHAGAS (UFPR), RODRIGO VASCONCELOS MACHADO (UFPR), MARIA JOSELE BUCCO COELHO (UFPR). Dando início à sessão, a presidência passou a palavra a discente, para que a mesma expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. A aluna respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais. A Banca Examinadora, então, reuniu-se e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela APROVAÇÃO da aluna. A mestranda foi convidada a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. A aprovação no rito de defesa deverá ser homologada pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais do programa. A outorga do título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, PEDRO RAMOS DOLABELA CHAGAS, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

CURITIBA, 04 de Junho de 2019.


PEDRO RAMOS DOLABELA CHAGAS
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


RODRIGO VASCONCELOS MACHADO
Avaliador Interno (UFPR)


MARIA JOSELE BUCCO COELHO
Avaliador Externo (UFPR)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
40001016016P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ALINE SANTOS PEREIRA RODRIGUES** intitulada: **A REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA COLOMBIANA EM CIEÑ AÑOS DE SOLEDAD, DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua *aprovção* no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 04 de Junho de 2019.

P. Ramos
PEDRO RAMOS DOLABELA CHAGAS
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

Rodrigo Vasconcelos Machado
RODRIGO VASCONCELOS MACHADO
Avaliador Interno (UFPR)

Maria Josele Bucco Coelho
MÁRIA JOSELE BUCCO COELHO
Avaliador Externo (UFPR)

Para Heidan,
por todo amor cultivado e compartilhado.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por mais esta oportunidade em minha vida; à Universidade Federal do Paraná por aceitar minha proposta de estudo e ao meu orientador, Professor Pedro Ramos D. Chagas, pelo auxílio e orientação em todo o processo de pesquisa.

Sinto-me extremamente agradecida por todo apoio recebido dos meus pais Sandra Mára Santos Pereira e Clézio Donizete Pereira, meu irmão Leandro Santos Pereira e meus avós Maria Leonor Corrêa dos Santos e Dorvalino Ferreira dos Santos, por eles não me deixarem desistir quando tudo parecia confuso e sempre me acolherem de forma tão amorosa e sincera. Agradeço à Liara Cunha Gonçalves e ao Charles Mascena, por serem amigos tão incríveis e importantes em minha vida; à Manu Sutil pela admirável revisão textual e a prontidão em fazer as adequações necessárias neste texto.

Agradeço principalmente ao meu esposo, Heidan dos Santos Rodrigues, por todo amor e paciência dedicados a mim e a minha pesquisa. Sem ele, com certeza, nada disso estaria acontecendo. Por ser meu refúgio e calma nas horas de incerteza e por acreditar a todo momento na minha capacidade. Muito obrigada.

O terror de escrever pode ser tão insuportável como o de não escrever.
(GARCÍA MÁRQUEZ, 2003, p. 349).

RESUMO

Ao escrever *Cien años de soledad*, García Márquez fez mais do que criar uma narrativa ficcional, o autor colombiano relaciona a História da Colômbia à Macondo. Ao delinear situações vivenciadas pelos personagens, principalmente os da estirpe da família dos Buendías, o autor sugere diversas correspondências com a História do próprio país. Propõe-se verificar como se estabelecem as relações entre a ficção de Macondo e a realidade da Colômbia e como elas são construídas e apresentadas ao leitor durante a narrativa. A hipótese do estudo se estabelece a partir da concepção de que a ficção de García Márquez se utiliza da realidade histórica da Colômbia para refletir criticamente sobre ela, fazendo com que a obra ficcional não seja apenas uma narrativa inocente, mas sim um texto reflexivo sobre marcos históricos do país do próprio autor. Esta pesquisa, de cunho bibliográfico, esteve em constante diálogo entre a obra ficcional objeto de estudo e os textos teóricos. As leituras teóricas sobre a História da Colômbia e a relação entre Literatura e História se mostraram essenciais para a compreensão e reflexão da obra de García Márquez. O estudo se estrutura em três capítulos: o primeiro capítulo apresenta um breve panorama sobre a História da Colômbia e as experiências de vida do próprio García Márquez; o segundo capítulo, explicita o enriquecimento mútuo tido a partir da aproximação entre as áreas da Literatura e da História; e, por fim, o último capítulo traz a análise da obra, considerando todos os conhecimentos já dissertados nos capítulos anteriores. As correspondências entre a História da Colômbia e a narrativa de Macondo sugerem mais do que apenas uma representação do país, elas são postas na ficção como propostas de reflexão sobre a realidade e a necessidade de compreender o que é ser colombiano e também latino-americano. Além disso, as experiências do autor relacionam-se a todo momento com a ficção criada, situação que torna todos os capítulos da obra enriquecedores e sugestivos. A leitura e estudo de *Cien años de soledad* proporciona, além de fruição literária, a possibilidade de compreender traços históricos de um país que mesmo sendo marcado pelo embate entre liberais e conservadores e pelo contato com os norte-americanos, sobreviveu e se eternizou na cidade fundada por José Arcádio Buendía e Úrsula Iguarán.

Palavras-chave: García Márquez. Colômbia. Macondo. História.

ABSTRACT

When García Márquez wrote *Cien años de soledad*, he did more than just create a fictional narrative, the Colombian author connected the History of Colombia to Macondo. In delineating situations experienced by the characters, especially those of the lineage of the Buendias family, the author suggests several correspondences with the History of his own country. It is proposed to verify how the relations between the fiction of Macondo and the reality of Colombia are established and how they are constructed and presented to the reader during the narrative. The hypothesis of the study is established from the conception that the fiction of García Márquez uses the historical reality of Colombia to reflect critically on it, making the fictional work not only an innocent narrative but a reflective text on frames of the author's own country. This bibliographical research was in constant dialogue between the fictional work object of study and the theoretical texts. The theoretical readings on the Colombia's History and the relation between Literature and History have been essential for the understanding and reflection of the work of García Márquez. The study is structured in three chapters: the first chapter presents a brief overview of the History of Colombia and the life experiences of García Márquez himself; the second chapter, explains the mutual enrichment obtained from the approximation between the areas of Literature and History; and finally, the last chapter brings the analysis of the work, considering all the knowledge already discussed in the previous chapters. The correspondences between the country's History and the narrative of Macondo suggest more than just a representation of the country, they are put in the fiction like proposals of reflection on the reality and the need to understand what it is to be Colombian and also Latin American. In addition, the author's experiences are related at all times to the fiction created, a situation that makes all chapters of the work enriching and suggestive. The reading and study of *Cien años de soledad* provides, in addition to literary fruition, the possibility of understanding historical traits of a country that, although marked by the clash between liberals and conservatives and by contact with the North Americans, survived and became eternalized in the city founded by José Arcadio Buendía and Úrsula Iguarán.

Keywords: García Márquez. Colombia. Macondo. History.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2. COLÔMBIA E GARCÍA MÁRQUEZ.....	15
2.1 COLONIZAÇÃO E INDEPENDÊNCIA.....	16
2.2 AS GUERRAS CIVIS COLOMBIANAS.....	24
2.3 O NETO DO CORONEL NICOLÁS MÁRQUEZ.....	31
3 AS POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA	54
3.1 TEXTO LITERÁRIO E TEXTO HISTÓRICO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS	55
3.2 O <i>BOOM</i>	68
3.3 A HISTÓRIA E A FICÇÃO ENTREVISTAS NO MASSACRE DAS BANANAS	73
4 BUENDÍAS E COLOMBIANOS: CORRESPONDÊNCIAS HISTÓRICAS	81
4.1 A SOLIDÃO DOS BUENDÍAS	83
4.2 MACONDO E A RELAÇÃO COM OS NORTE-AMERICANOS.....	95
4.3 LIBERAIS E CONSERVADORES EM MACONDO E NA COLÔMBIA.....	103
4.4 GARCÍA MÁRQUEZ E A IDEOLOGIA MARXISTA.....	111
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
REFERÊNCIAS	127

1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista o enredo construído por Gabriel García Márquez em *Cien años de soledad* (obra publicada originalmente em 1967)¹, é possível afirmar que a genealogia dos Buendías não foi criada por acaso. Ao ler e refletir sobre a obra, vê-se a história da Colômbia, não se tem apenas Arcádios e Aurelianos, mas a história de todo um país. Para tanto, a presente dissertação objetiva verificar como o autor articula questões históricas da Colômbia na fundação de Macondo e na construção da família Buendía, de modo a ressaltar os aspectos que compõem os personagens (a ficção, portanto) e a relação desses aspectos com a construção da história colombiana. Logo, como hipótese do estudo, ver-se-á a possibilidade de identificar aspectos históricos (os quais culminam em uma concepção identitária) da Colômbia no enredo de García Márquez. No que se refere à metodologia aplicada a este estudo, ela esteve em constante cotejo com a obra literária de García Márquez. A relação entre a ficção e a história é vista como enriquecedora, uma vez que não afirma a ficção como reflexo da realidade, mas esclarece sobre a importância da correspondência entre ambas.

Dessa maneira, a construção do primeiro capítulo deste estudo se realizou considerando a necessidade de contextualização da história da Colômbia e das vivências do próprio escritor. A apresentação desse contexto é significativa, uma vez que entendido os marcos históricos da Colômbia e como eles se refletiram para García Márquez no seu processo de amadurecimento como escritor, assim como o crescimento do autor colombiano a partir de suas próprias experiências, pode-se analisar *Cien años de soledad* de modo mais complexo e verificar as correspondências entre a história vivida e a história ficcional. Em vista disso, o primeiro capítulo apresenta uma breve história da Colômbia desde a colonização e independência do país até as guerras civis enfrentadas pela nação; pondera-se também sobre as experiências do próprio García Márquez, desde sua infância em Aracataca até a publicação e reconhecimento de *Cien años de soledad*. É necessário pontuar que nesse capítulo é compreendido fatos relevantes como a *Guerra de los Mil Días*, *El Bogotazo* e *La Violencia*, assim como o Massacre das Bananeiras. As considerações a partir de Traumann (2018), Jorge Melo (2017) e LaRosa & Mejía (2013) auxiliaram na compreensão da história colombiana, apresentando dados para a construção da linha temporal desse país. Verificando sobre a biografia do escritor, é possível afirmar que os marcos históricos da Colômbia, os quais García Márquez vivenciou ou até mesmo aqueles que

¹ Neste estudo optou-se por utilizar-se a edição publicada em 2014 pela *Penguin Random House*.

o escritor teve conhecimento a partir das histórias contadas por seu avô materno, influenciaram no desenvolvimento do olhar crítico do autor tanto para a área jornalística quanto para a área literária. Em vários momentos, ao refletir sobre a biografia de García Márquez, entrelaçam-se episódios marcantes da própria Colômbia. Para essas considerações, Saldívar (2000), foi essencial, bem como os próprios escritos de García Márquez (2003), os quais revelam as próprias memórias do escritor.

O segundo capítulo deste estudo apresenta uma leitura sobre a aproximação entre as áreas da Literatura e da História. Evocando textos teóricos sobre esse tema, tais como Torre (2017), Pesavento (2003), Martins (2015), Borges (2010), Candido (1965), pode-se perceber como os textos históricos e literários podem se enriquecer mutuamente. Além disso, discorre-se sobre a importância de *Cien años de soledad* para a literatura latino-americana, a relação da publicação da obra com o *boom literário*, bem como a relevância do realismo mágico na composição de Macondo. O capítulo três apresenta a análise sobre as correspondências entre os Buendías e os colombianos. Ressaltando a aproximação da história da Colômbia com a ficção criada por García Márquez. Para tanto, julgou-se oportuno a divisão do capítulo em subtemas, os quais apresentam correspondências específicas com a história. Em um primeiro momento, há considerações sobre o sentimento de solidão presente em *Cien años de soledad*. Para a compreensão do uso dessa palavra e entendimento da metáfora a qual ela está ligada, foi necessária a leitura do próprio discurso de García Márquez na cerimônia de entrega do Prêmio Nobel de Literatura, intitulado *A solidão da América Latina*, seguindo para a compreensão do conceito de alteridade e construção identitária a partir de Augé (1999), Hall (2015) e Glissant (2005) e, por fim, a comparação entre a solidão apresentada por García Márquez em *Cien años de soledad* e a solidão teorizada por Octavio Paz em *O labirinto da solidão* (1984). A obra de Paz oferece reflexões sobre a identidade mexicana e aborda temas como a figura do pachuco, as máscaras mexicanas, a importância da religiosidade para o México, a Independência e a Revolução Mexicana, entre outros, tendo como fio condutor o sentimento de solidão que o mexicano carrega em sua própria história e identidade. García Márquez, por sua vez, ao escrever sobre a família Buendía, também apresenta ao leitor a solidão como um aspecto significativo durante o enredo escrito. Em cada personagem esse sentimento se revela de uma maneira, é certo que ele está presente em toda a estirpe e é característica importante na formação da identidade de cada sujeito da família fictícia. Dessa maneira, considerando a importância que o sentimento de solidão apresenta nas obras desses autores, julgou-se produtiva a reflexão comparativa entre as perspectivas de Paz e a ficção de García

Márquez, destacando semelhanças e diferenças entre elas e verificando, portanto, como a noção de solidão pode se estender por todo o continente latino-americano.

Em sequência a análise proposta no capítulo três, disserta-se sobre a relação com o estrangeiro – a presença da Companhia Bananeira na ficção –, a ligação com a *United Fruit Company*, como o imperialismo norte-americano esteve presente na construção da identidade colombiana e o reflexo desse aspecto histórico na obra de García Márquez. Sobre a postura estadunidense frente à América Latina, é necessário pontuar que José Martí (apud KRAUZE, 2011, p. 30-31), visto a experiência de treze anos residindo nos Estados Unidos, adverte que em vez de os norte-americanos respeitarem a América Latina, eles se consomem em ignorância e avareza diante dessas terras. Em relação às posições políticas dos Estados Unidos no final do século XIX, o jornalista cubano afirma que os norte-americanos “em vez de fortalecer sua democracia e salvar-se do ódio e das misérias das monarquias, estão aumentando a corrupção e diminuindo a democracia; e o ódio e a miséria renascem com toda sua ameaça”. Também como aspecto de análise, verifica-se a postura dos liberais e conservadores, destacando como as experiências pessoais do autor colombiano e os marcos históricos políticos da Colômbia correspondem com a narrativa dos Buendías. Nesse cenário, tem-se o Coronel Aureliano como figura central da discussão e toda a representatividade das posturas dos Partidos Liberais e Conservadores na realidade de Macondo e a da Colômbia, além da importância da Guerra dos Mil Dias na história colombiana e no enredo ficcional. Por fim, há proposta sobre reflexões políticas no enredo de García Márquez. Assim, nesse último momento, pontua-se, a partir de Rousseau e Marx, sobre possíveis traços de organização política em Macondo, considerando principalmente a fundação do povoado.

Além dos teóricos apontados, outros também foram necessários durante o estudo, como o texto de Martin (2010) e as considerações de Marquette (2010), por exemplo. Todas as leituras realizadas contribuíram para a análise construída. Vale ressaltar também que todo o arcabouço teórico desta pesquisa esteve em constante diálogo com a obra literária a fim de alcançar os objetivos propostos neste estudo, assim como confirmar ou apresentar nova postura interpretativa tendo em vista a hipótese estabelecida.

2. COLÔMBIA E GARCÍA MÁRQUEZ

Considerando a análise da obra *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez (2014), é necessário, para o desenvolvimento da reflexão, atentar-se à história da Colômbia, uma vez que, além de ser a pátria do autor, suas situações históricas se entrelaçam com a história ficcional de Macondo. A Colômbia é um território permeado de momentos significativos desde sua colonização até sua contemporaneidade; a maneira como a nação foi se construindo, não somente de maneira física, mas também identitária, é algo importante de se entender. A todo momento há colombianos buscando a melhor maneira de governar o próprio país. A política é a grande coluna vertebral para compreender a história da Colômbia. Os conflitos que assolaram o território, principalmente os que envolveram opositores políticos, marcaram momentos de desenvolvimento e estagnação da pátria.

Além de compreender sobre a História da pátria de García Márquez, faz-se interessante também conhecer a própria vida do escritor. Nascido em 06 de março de 1927 em Aracataca, Colômbia, o autor de *Cien años de soledad* é uma figura muito importante não somente para seu país, mas para toda a América Latina. Ao estudar a vida do escritor colombiano, percebe-se ainda mais a grandiosidade de suas obras. A origem humilde, o laço afetivo com os avós maternos, as situações vividas no decorrer de sua formação estudantil e os primeiros e únicos anos como acadêmico, além das experiências com o jornalismo e as intermináveis leituras literárias, lapidaram a maneira como García Márquez encarava a vida e o auxiliaram a descobrir sua verdadeira vocação: escritor. Os traços de nostalgia que o colombiano carrega consigo desde sua saída de Aracataca e a morte do avô Nicolás Márquez, estão sempre presentes nos textos biográficos do autor, o que permite perceber a necessidade que García Márquez tinha de conhecer sua própria terra, rememorar e compreender sua infância. Ao compreender esses fatores, vislumbra-se um García Márquez que está pronto para diluir em sua própria Literatura toda a carga resgatada e aprendida. Ao conhecer a vida do autor, conhece-se também a inspiração para seus personagens, cenários e enredos.

Assim, este capítulo tem como objetivo compreender brevemente as principais situações históricas da Colômbia para saber como o país se formou e como os colombianos se portaram diante dos contextos mais relevantes que se deram durante os anos. Assim como, apresentar as passagens mais significativas da vida de Gabriel García Márquez.

A presente reflexão se inicia abordando o período da colonização à independência da Colômbia, espaço de tempo em que se discute sobre os primeiros povos que habitavam a região, a chegada dos espanhóis, a formação da Grã-Colômbia, o surgimento da necessidade da

independência e a figura de Simón Bolívar para o país. Em sequência, apresenta-se elucidações sobre a criação dos partidos liberais e conservadores, conflitos políticos como a Guerra dos Mil Dias, *La Violencia*, o *Bogotazo*, além do Massacre das Bananeiras e da Perda do Panamá. Vê-se como as guerras civis com objetivos políticos refletiram no desenvolvimento do país, além disso, percebe-se que a constante relação entre a Colômbia e os Estados Unidos influenciou vários aspectos históricos da nação de García Márquez. Por fim, pondera-se sobre a trajetória de vida de García Márquez, situações marcantes vivenciadas pelo escritor e que culminaram em seu amadurecimento como leitor e literato.

Os textos teóricos escolhidos serviram de base para os objetivos deste capítulo, uma vez que Traumann (2018), Jorge Melo (2017) e LaRosa & Mejía (2013) se complementam e trazem uma visão rica sobre a história da Colômbia e as considerações pontuadas por Saldívar (2000) auxiliam na compreensão sobre as experiências vividas por García Márquez, as quais também contextualizam passagens tidas em Macondo. Contudo, é necessário ressaltar que este capítulo não objetiva fazer uma análise histórica completa sobre a História da Colômbia ou sobre a biografia de García Márquez. Os pontos ressaltados nesta discussão foram determinados a partir da necessidade de uma contextualização para a análise literária proposta, a brevidade da reflexão se dá pelo mesmo motivo.

2.1 COLONIZAÇÃO E INDEPENDÊNCIA

O que faz a Colômbia ser Colômbia? Quem são os colombianos? Essas são algumas das dúvidas postas em discurso ao se deparar com o estudo desse país. O autor Andrew Traumann, traz em sua obra “Os Colombianos” (2018) um rico panorama sobre a Colômbia, ressaltando desde os costumes rotineiros até as feridas dos grandes massacres e guerras civis enfrentados pela Colômbia. O estudioso pontua que a história da Colômbia é muito rica e importante para a compreensão da construção política da América Latina, mas, infelizmente, essa história não é muito conhecida pelos brasileiros. A região que compreende a Colômbia, a Venezuela, o Equador e o Panamá, antes chamada de Grã-Colômbia, foi cenário para revoltas de independência e local de atuação de Simón Bolívar.

Não há informações sobre quando os primeiros humanos chegaram ao local que hoje é conhecido como Colômbia, mas afirma-se que entre os séculos VI e IX d.C. alguns grupos indígenas viveram nessa região, entre eles há os taironas e os muíscas. Os taironas desenvolveram-se onde hoje se localiza a cidade de Santa Marta, essa civilização dominava a arte em cerâmica, sabiam construir pontes e estradas, além de organizar terraços para cultivar

alimentos. Eles “eram também comerciantes, além de terem desenvolvido grandes habilidades na engenharia e arquitetura, possuindo um avançado sistema de estradas e de barreiras contra inundações” (TRAUMANN, 2018, p. 149). O segundo povo que se tem conhecimento, os muíscas, apresentavam-se de modo mais humilde, tendo a agricultura e a pesca como suas atividades principais, entretanto, eram mais numerosos que os taironas. Estavam localizados próximo de onde hoje é Bogotá. Os taironas não apresentavam ritos religiosos elaborados, já os muíscas tinham ritos complexos que levaram ao surgimento da lenda do El Dorado, crença que, depois de conhecida pelo estrangeiro, iluminava os olhos cobiçosos, principalmente dos espanhóis, para encontrar a fortuna em ouro escondida nas águas geladas da lagoa Guatavita (local situado a cerca de 50 quilômetros da atual Bogotá). Os dois povos falavam um idioma conhecido como chibcha. Os muíscas não possuíam a figura de um monarca, dessa maneira, é errôneo pensar que essa civilização era um império, tampouco eles mantinham sujeitos de outros povos sobre seu domínio.

A chegada dos primeiros conquistadores espanhóis se deu em Guajira, em 1500. Contudo, como explica Traumann (2018), as primeiras tentativas de colonização ocorreram dez anos depois, em Urabá, onde fundou-se o povoado de San Sebastián. Anos mais tarde, criou-se Santa Marta e depois Cartagena. Como elucidado o trecho a seguir:

A vitória militar sobre os indígenas foi comandada por Gonzalo Jimenez de Quesada, que derrotou e submeteu os muíscas sem grandes dificuldades. Utilizando o mesmo método de Hernán Cortez, Quesada aproximou-se inicialmente de forma amistosa de membros da tribo e, depois, capturou e torturou seu líder para que este revelasse onde se encontrava o ouro. [...] Em 1538, Jimenez de Quesada fundou a cidade de Santa Fé de Bogotá (futura Bogotá, capital da Colômbia), que se tornou o centro político do território recém-conquistado que chamou Nova Granada [...] (TRAUMANN, 2018, p. 150 e 151).

Segundo Jorge Orlando Melo, em “Historia mínima de Colombia” (2017), o contato dos espanhóis com os indígenas que habitavam o território colombiano foi algo traumático e agressivo. É possível verificar, comparando os períodos históricos vivenciados pelo país, que o momento da colonização caracteriza a primeira de muitas batalhas que iriam ocorrer nesse espaço territorial. O estudioso afirma que a conquista diminuiu drasticamente a população indígena. Um dos motivos para tal situação foram as enfermidades e epidemias como varíola, sarampo, tifo, malária e novas formas de gripes que foram trazidas pelo estrangeiro e assolaram o local, causando inúmeras mortes. “La malaria, el sarampión, la viruela, la peste bubónica, la fiebre amarilla o el pian, desarrolladas en Europa medieval o en África, no existían en América y sus habitantes no tenían resistencia a ellas” (MELO, Jorge, 2017, p. 54). Além das doenças, a colonização das terras é marcada por guerras armadas, rendição de nativos e queima de

cultivos indígenas. Um exemplo disso é a conquista do território que compreende Antioquia, liderada por Jorge Robledo, espanhol que se aproveitou das inimizades entre as próprias tribos indígenas para ter um “exército de índios” ao seu lado lutando com outros nativos, gerando, desse modo, grande matança. Havia também povos que se recusavam a aceitar o domínio europeu, entre eles os *yalcones*, grupo que vivia na zona do alto vale de Magdalena. Ao contrário das tribos que lutaram entre si sob manipulação dos conquistadores, os *yalcones* fizeram uma aliança com povos de ambos os lados de Magdalena e realizaram um levantamento em 1539, ocasionando a morte de alguns espanhóis. Contudo, em 1540, a região sofreu nas mãos de um grupo europeu que, após conquistar a amizade dos indígenas e promover o diálogo pacifista, mataram muitos dos caciques. “La rebilión volvió en 1543 y em 1544 los españoles lograron dominar otra vez a los indios, ya case extinguidos del todo” (MELO, Jorge, 2017, p. 57).

Não é possível imaginar com clareza como os grupos indígenas viam os espanhóis, como interpretaram a chegada desse povo tão diferente e que aos poucos causaram tanto sofrimento. Armas, animais (cavalos e cachorros), doenças, sem contar a aparência e os trajes, surgiram para os nativos como algo novo e é curioso pensar como eles poderiam justificar essas novidades em suas crenças e tradições. É certo que houve posturas diferentes entre os grupos indígenas frente ao colonizador, muitos enfrentaram-no e outros participavam de guerras ao seu lado (como forma de vencer uma tribo inimiga). Um dos fatores que levava os nativos a aceitarem o europeu e submeterem-se a eles, era o poder de fogo que o estrangeiro tinha.

Durante o processo de colonização, o espanhol tomou para si vasto território com povos muito diferentes entre si. No meio social, havia os chamados *criollos* e os *chapetones*, os primeiros eram de descendência espanhola, mas nascidos no Novo Mundo, os segundos, por sua vez, eram os colonos nascidos na Espanha. Existia uma grande diferença e até mesmo certa hierarquia entre eles. Os *chapetones* podiam ocupar espaço administrativo, militar, religioso e político (ligado à Coroa Espanhola), os *criollos* apesar de terem uma vida próspera, eram impedidos de alcançar cargos altos na Coroa, em suma, eles “valiam” menos que os *chapetones*.

Em 1739, devido ao grande poder territorial da Espanha, o império espanhol decidiu criar vice-reinos, entre eles Nova Granada (local que abarca atualmente Equador, Venezuela, Colômbia e Panamá). Apesar de ser um dos territórios mais isolados, havia uma grande dedicação ao comércio em Nova Granada e grande exportação de ouro. Traumann cita que um dos motivos que chamou mais a atenção dos espanhóis nesse território foi a grande quantidade de mão de obra, por isso, as populações indígenas sofreram muitas perdas e uma enorme redução demográfica. Outro aspecto que influenciou nessa situação foi a miscigenação com os

espanhóis, como decorrência, a língua chibcha foi deixando de existir. “Os indígenas que escapavam ao processo de assimilação tiveram que se isolar na região amazônica para que seu modo de vida sobrevivesse” (TRAUMANN, 2018, p. 153). É necessário ressaltar que a colonização espanhola na região que atualmente compreende a Colômbia muito se parece com a colonização portuguesa no Brasil, a perda dos povos indígenas brasileiros também se mostrou significativa nesse momento histórico do país, sem contar a imposição do idioma, da cultura e da religião do colonizador. A colonização marcou a Colômbia assim como marcou o Brasil. Outro aspecto que os dois países compartilham é a importação de mão de obra africana. Devido à diminuição de mão de obra indígena, causada pela exaustão e óbito dos indígenas, no século XVI, a Coroa Espanhola optou pela escravidão africana. Além disso, havia a Igreja Católica não somente para catequisar os povos que viviam no “território descoberto”, mas recolher tributos como os dízimos, a capelania e o censo (locação das terras da Igreja). Com relação à educação, essa era destinada apenas aos filhos dos homens da elite; em Bogotá, dois cursos eram oferecidos: Teologia e Direito. Desse modo, “o caráter elitista da educação formal ajuda a explicar porque o processo de independência da América Latina acabaria sendo uma obra das elites locais, fartas dos monopólios comerciais e políticos dos espanhóis, e não uma revolta das massas” (TRAUMANN, 2018, p. 153).

Em vista disso, o processo de independência pode ser visto como uma reação da elite *criolla* no final do século XVIII. Por não terem mais sentimento de ligação com a Espanha e julgar boas e necessárias as ideias de: igualdade de todos perante a lei, ascensão pelo mérito e liberdade de expressão, as elites locais lideraram o movimento. Segundo Traumann, a ideia da independência surgiu em uma situação em que os *criollos* conseguiram comercializar com os Estados Unidos, ex-colônia britânica. Essa circunstância deixou claro que o Pacto Colonial já não estava mais sendo proveitoso para os *criollos*. Tendo como foco a região da Colômbia, a Guerra da Independência dos EUA influenciou o posicionamento pró-independência nessa região. Visto que o rei da Espanha, após participação espanhola na guerra de independência norte-americana, determinou aumento nos impostos sobre qualquer tipo de transação comercial interna para recuperar-se dos gastos tidos. O povo foi extremamente afetado por essa decisão e não tardou para começar manifestações contra o aumento do imposto.

Los Comuneros era como se chamava o grupo que iniciou o protesto contra o imposto espanhol. Liderado por Juan Francisco Berbeo, o grupo formado por 20 mil homens, conseguiu a anulação do aumento da taxa, mas a glória não durou muito, meses depois, a Espanha enviou 500 espanhóis para conter o grupo. Muitos *criollos* foram mortos, contudo, “apesar do fracasso humilhante, a Rebelião *Comunera* se tornou parte do folclore patriótico colombiano e hoje é

considerada o primeiro passo dado para a Independência” (TRAUMANN, 2018, p. 155). Dessa maneira, é possível compreender que o processo de independência da Colômbia foi um marco histórico pensado por donos de terra, ricos e detentores de prestígio social, com a intenção de obter, além de mais riquezas, poder político. Nessa região, Antonio Nariño e Francisco de Paula Santander foram líderes nesse processo.

Ao atentar-se para a história da independência colombiana, pode-se afirmar que Simón Bolívar também participou e influenciou nesse acontecimento. Após ter perdido sua esposa para a febre amarela, Bolívar decidiu viajar da Venezuela para a Europa, aproximando-se cada vez mais das ideias liberais. Em 1807, visitou os EUA e declarou ter conhecido a “liberdade nacional”, visto a prosperidade dos estadunidenses na área comercial mesmo apenas vinte e três anos após a independência do país. O líder político venezuelano decidiu, assim, utilizar os moldes de desenvolvimento dos estadunidenses na América espanhola, permitindo que o continente sul-americano fosse também independente. Em paralelo a isso, em 1806, o imperador francês, após fracassar na Batalha de Trafalgar (não conseguindo, assim, invadir a Grã-Bretanha), decidiu que os países europeus e suas respectivas colônias não poderiam mais comercializar com os britânicos, criando-se, dessa maneira, o Bloqueio Continental. Um ano depois, Portugal, país que não aderiu ao bloqueio, foi dividida entre França e Espanha por meio do Tratado de Fontainebleau. Foi nesse período que a família real portuguesa e sua corte vieram para o Brasil. Quatro meses depois, a França assumiu o poder na Espanha, e Napoleão Bonaparte nomeou seu irmão José Bonaparte como novo rei da Espanha. Aqueles que eram colônias espanholas foram resistentes ao domínio francês, uma vez que, mesmo não gostando do rei Carlos IV, preferiam um rei espanhol a submeterem-se a um soberano francês. Os *criollos*, por sua vez, decidiram organizar uma “junta” própria, apoiando Fernando VII (filho de Carlos IV, futuro rei). Nesse momento histórico, Bolívar se mostrou muito perspicaz, ele e outros liberais como Antonio Nariño, Camilo Torres, José Acevedo y Gómez, Antonio Baraya e Francisco José de Caldas, “reuniram-se frequentemente e planejavam a criação de uma junta de governo totalmente independente da Espanha, com apoio popular. Essa junta governaria até que fosse eleito um novo líder para o país” (TRAUMANN, 2018, p. 158).

Seguindo essas ideias liberais, um dia na Plaza Mayor de Bogotá, alguns *criollos* criaram um desentendimento com um comerciante espanhol, os *criollos* envolvidos no episódio começaram a gritar que o espanhol havia insultado todos os nativos. A situação foi tão bem articulada que, diante da população revoltosa, o prefeito de Bogotá não teve outra opção senão aprovar a criação da junta que assegurava ser leal ao rei. A junta de Bolívar não cumpriu sua promessa, pois o real objetivo era buscar a independência da Coroa espanhola. Segundo

Traumann (2018), a partir de 1810, foram criadas outras juntas, essas em Caracas, Quito, Bogotá e Buenos Aires, elas reivindicavam para si a autoridade administrativa enquanto o rei estivesse em domínio francês. Dessa maneira, o vice-reino conhecido como Nova Granada começou a se fragmentar. O conflito foi inevitável e contrapôs realistas e patriotas, espanhóis e *criollos*. Entre 1810 até 1815, o confronto se deu como uma guerra civil com operações militares, o primeiro local do embate foi Bogotá e as províncias de Tunja e Socorro (regiões centrais do país); o segundo local foi a província de Papayán; o terceiro foi a Costa Atlântica, Cartagena e Santa Marta, até à Venezuela. As divergências internas fizeram com que esse período histórico da Colômbia ficasse conhecido como “Pátria Boba”. A desunião facilitou que, em 1815, Fernando VII, já libertado, recuperasse pela força o local que considerava ser sua “herança”. Em pouco tempo, México, América Central, Venezuela, Equador e Colômbia estavam novamente sob o comando do rei. Bolívar, nesse período, estava exilado na Jamaica. Em relação a esse espaço de tempo, é válida uma reflexão, assim como a história de outros países que também foram colônias europeias, a Colômbia, em determinado momento, sentiu a necessidade de ser livre, contudo, a busca pela independência entrou em conflito com a inexperiência de liberdade. É possível perceber o início de um sentimento que acompanhou o país por vários anos, o sentimento de querer ser uma nação. Essa vontade de criar um local onde os indivíduos possam sentir que pertencem a ele, está relacionada ao desejo de se reconhecer e ser reconhecida como uma pátria.

Apesar de recuperar o território, a Espanha começou a perder forças novamente por duas circunstâncias: a brutalidade destinada àqueles que se revoltaram contra a Coroa fez com que os indecisos percebessem a necessidade da independência, além disso, a Grã-Bretanha se posicionou a favor dos rebeldes. Assim:

Bolívar voltou a comandar um exército de *criollos*, indígenas e europeus [...], uniu-se ainda ao advogado líder militar dos *llaneros* [...] e futuro presidente da Grã-Colômbia, Francisco de Paula Santander, e em 7 de agosto de 1819 venceu as tropas espanholas na decisiva Batalha de Boyacá. [...] Em 17 de dezembro de 1821, o “*El Libertador*” – como seria chamado – declarou novamente independência em relação à Espanha e a união entre Venezuela e Nova Granada sob o nome de República da Grã-Colômbia (TRAUMANN, 2018, p. 162).

Dessa maneira, é necessário pontuar que no dia 20 de julho de 1811 foi feita a Declaração de Independência da Colômbia, entretanto, devido à resistência espanhola, somente em 1819 foi criada a República da Colômbia com a sua primeira constituição (pautada em um modelo republicano, com poderes separados e garantias individuais), tendo Simón Bolívar como seu primeiro presidente. Devido ao fato de Bolívar ser venezuelano, foi decidido que o vice-

presidente deveria ser um colombiano, assim, Santander assumiu o cargo. Traumann pontua que apesar de algumas mudanças, como a extinção dos impostos espanhóis, vários aspectos se mantiveram, mesmo com os ares novos da independência, por exemplo, a escravidão, além disso, o catolicismo passou a ser a religião oficial do país. Dessa maneira, nota-se que nesse período ocorreram reformas limitadas e voltadas para os novos “donos do poder”, ademais, os liberais, apesar de receberem crédito por influenciarem na conquista da independência, representavam uma minoria no governo, o que também refletiu nas poucas alterações sociais.

Em 1822, o Equador se uniu a Grã-Colômbia, todavia, dentro de quatro anos, o próprio Equador se rebelou, os equatorianos sentiam-se prejudicados no setor da indústria têxtil; a Venezuela aproveitou-se e também se mostrou descontente, alegando que não eram bem representados. Nesse mesmo momento, surgiram empasses entre Santander e Bolívar, principalmente quando Bolívar quis elaborar uma Constituição a qual criaria o cargo de presidente vitalício da Grã-Colômbia. Santander alegou que o desejo de Bolívar revelava uma traição aos ideais republicanos, uma monarquia disfarçada; o vice-presidente defendia que a Grã-Colômbia deveria se consolidar antes de mais nada. De modo geral “se afirma que os apoiadores de Santander formaram o embrião do futuro Partido Liberal e os de Bolívar, do Partido Conservador. [...] Na verdade, a base de apoio de ambos era bastante heterogênea e guiada muitas vezes mais por interesses pessoais do que ideológicos” (TRAUMANN, 2018, p. 165). Não tardou para que Bolívar apresentasse outros planos para o país, recuando sobre as ideias originais e optando pelo conservadorismo. O ápice da apresentação dos novos caminhos políticos que Bolívar queria para a Grã-Colômbia ocorreu na Assembleia Constituinte de abril de 1828, diante dessa situação, os partidários do líder venezuelano o aclamaram como ditador e ele aceitou o título sem delongas. Algumas reviravoltas ocorreram na Colômbia nesse momento, é difícil imaginar o que passava na cabeça de Bolívar e na cabeça do povo colombiano, mas mais uma vez percebe-se que ser livre não quer dizer que saiba lidar com a liberdade, os impasses com a Coroa espanhola estavam superados, mas as divergências entre aqueles que lutavam pela emancipação do país estavam só começando.

Ainda em 1828, apoiadores de Santander tentaram assassinar Bolívar, mas que conseguiram foi apenas que Bolívar exilasse Santander com a justificativa de que o vice-presidente estava envolvido com o atentado. Após esse acontecimento, o ambiente político colombiano se complicou cada vez mais: a Colômbia declarou guerra ao Peru, visto que o governo peruano se opunha a Bolívar, a Venezuela, no final de 1829, declarou-se independente e no ano seguinte, o Equador bradava a independência também. Em meio a esse momento histórico, Bolívar padecia de tuberculose, vindo a falecer em dezembro de 1830. Com a morte

do líder político e sem os territórios da Venezuela e do Equador, a Grã-Colômbia se desfez em 1831. No ano seguinte, Santander voltou do seu exílio forçado para governar os colombianos. “[Santander] Foi presidente por cinco anos numa administração marcada por grandes investimentos na educação pública em todos os níveis. Com sua morte em 1840, a Colômbia estava órfã de seus principais heróis e passou a chamar-se República de Nueva Granada” (TRAUMANN, 2018, p. 167). A respeito da Grã-Colômbia, LaRosa & Mejía ressaltam que ela seria o sonho de Bolívar, uma vez que o líder político acreditava que uma forte autoridade central era a única solução para os povos da América Latina. Um pouco antes de sua morte, Bolívar, malsucedido em sua maneira de governar, havia declarado que a América era ingovernável. “Lo que Bolívar no entendió fue que, luego de más de dos décadas de lucha contra una monarquía extranjera y absoluta, los americanos, especialmente en Colombia, no estaban dispuestos a aceptar en forma alguna un régimen de gobierno absolutista” (LAROSA & MEJÍA, 2013 p. 105).

Após esses últimos ocorridos, a Colômbia passou por um novo período de transformações, marcado por guerras civis violentas. Nos anos de 1848 e 1849 foram fundados os Partidos Liberal e Conservador respectivamente. Aqueles que se denominavam conservadores eram, predominantemente, donos de terras, aliados à Igreja Católica; os liberais eram, principalmente, profissionais urbanos favoráveis à industrialização e anticlericais. Em 1849, a Colômbia ganhou um governante liberal José Hilario López (o Partido Liberal governou o país desde 1849 até 1886, apenas com um breve intervalo entre 1855-1861). Entre os feitos realizados durante os governos liberais, destacam-se a abolição da escravidão, em 1852, no governo do próprio López, e a demarcação de reservas indígenas no mandato de Tomás Cipriano de Mosquera (1845-1849). Após um ano da abolição, a Colômbia passou a reconhecer o direito ao voto de negros e índios. Ademais:

A Constituição de 1863 foi um avanço em termos liberais: aboliu a pena de morte, consagrou as liberdades individuais, transformou o país em um regime semiparlamentarista, instituiu a liberdade de comércio, de opinião, de imprensa e de associação, além de explicitar a laicidade do Estado e da educação (reforçando a Biologia e a Química). Nessa época, bens da Igreja foram confiscados, uma tímida reforma agrária foi feita e o país voltou a chamar-se definitivamente Colômbia (TRAUMANN, 2018 p. 168).

Apesar desses feitos, é preciso ressaltar que as mudanças de poder que se seguiram desse período em diante na Colômbia sempre foram muito traumáticas para o povo, uma vez que os eleitores eram vistos como um “cidadão cliente” ou do Partido Liberal ou do Partido Conservador. Assim, o partido que assumisse o poder acabava beneficiando seus próprios

partidários, isso gera uma falta de estabilidade entre os indivíduos, pois o mesmo sujeito que se beneficia no governo liberal, por exemplo, é o que talvez sofra represália no governo conservador. Afora isso, mesmo com a ideia de um sistema democrático, considerando a importância do voto e a prosperidade do país, a população pobre ainda era deixada à parte, principalmente os camponeses que sofriam com a postura dos latifundiários que faziam o que podiam para apropriar-se das terras. Em 1880, houve um golpe dos conservadores, os quais deram início ao chamado período de “Regeneração”, visto que um dos objetivos era reverter as decisões e mudanças feitas pelos liberais e, como o próprio nome sugere, regenerar o governo daquela “democracia selvagem”. Houve, no governo conservador, uma nova Constituição que “dava plenos poderes ao presidente da República, restringia a autonomia dos departamentos e restaurava a influência da Igreja Católica [...] devolvendo as terras antes confiscadas e permitindo a atuação de membros do clero como censores de professores e de obras literárias [...]” (TRAUMANN, 2018, p. 169). É notável que nesse período a política sofreu um retrocesso, porém a economia do país, marcada pelo grande cultivo do café, apresentava-se próspera. Quanto a esse momento, é interessante pontuar a postura que a Igreja Católica assumiu durante a disputa do governo colombiano entre liberais e conservadores. Segundo LaRosa & Mejía (2013), mesmo com a queda da monarquia, a Igreja manteve sua “origem colonial”, preocupando-se com a relação entre a moral e a educação protestante, zelando por seu prestígio, adotando e apoiando as ideias conservadoras e se mostrando firme diante dos liberais. É curioso identificar que não somente a Colômbia protagonizou a relação Estado-Igreja, mas também o México e a Argentina tiveram conflitos em seus próprios governos para determinar até onde iria o domínio do clero ao tratar de questões governamentais. “En México, la Iglesia prácticamente le declaro la guerra al Estado por la institución de la constitución anticlerical de los liberales mexicanos em 1857” (LAROSA & MEJÍA, 2013, p. 106). Desse modo, percebe-se que a Igreja não marcou apenas a religiosidade do povo, mas esteve presente também na organização do Estado.

2.2 AS GUERRAS CIVIS COLOMBIANAS

Em meados de 1899, o Partido Conservador se dividiu entre os seguidores de Nuñez e Miguel Antonio Claro (governantes com uma postura extremamente opositora aos liberais) e os chamados “conservadores históricos” (aqueles que propunham dialogar com os liberais). Segundo Traumann, nessa época, o Partido Liberal também estava dividido, havia àqueles que ainda acreditavam que a melhor forma de chegar ao poder político era pela democracia e outros

que julgavam necessário uma luta armada para que pudessem retomar o poder. Assim, seguiu-se:

Em 17 de outubro de 1899, Pablo Emilio Villar declarou a insurreição liberal, dando início a um conflito que entraria para a história colombiana como a Guerra dos Mil Dias. A disputa que opôs conservadores *versus* liberais acabaria afetando toda a população colombiana, vitimando mais de 100 mil pessoas [...], paralisando a economia [...] por três anos e deixando o país vulnerável a pressões externas. Foi um dos maiores traumas da história colombiana (TRAUMANN, 2018, p. 170).

Esse foi o início das guerras civis colombianas. Não é possível garantir que a dor do luto e as comoções da colonização ou do período de independência foram maiores que as dos embates civis, tampouco pode-se afirmar o contrário; não se mensura os traumas comparando-os, contudo, a partir do período da Guerra dos Mil Dias (1899-1902) o impacto na Colômbia toma ares diferentes, uma vez que não são os colombianos confrontando o estrangeiro, mas colombianos enfrentando outros tantos colombianos, um embate entre o próprio povo. LaRosa & Mejía, em consonância com o que Traumann discute, afirmam que esse conflito armado se estendeu por todo o território colombiano e além de estagnar o crescimento econômico, paralisou o futuro do país. Esse massacre civil com origens na disputa partidista pelo poder estabeleceu uma situação delicada para o país no século XX: “Mientras otras naciones latinoamericanas forjaban la modernidade más o menos de acuerdo con los principios establecidos del ‘positivismo’, [...] Colombia se daba a una costosa guerra civil que alteró el ritmo de su modernización” (LAROSA & MEJÍA, 2013, p. 108). LaRosa & Mejía afirmam ainda que esse combate influenciou diretamente na economia interna e de exportação, além de enfraquecer o controle político do país, pois não foi difícil acontecer uma intervenção estrangeira no território colombiano. Tendo isso em vista, a Guerra dos Mil Dias não só gerou um grande transtorno para o país como permitiu que os norte-americanos criassem certo “poder” no território colombiano. A ideia dos EUA era criar um canal artificial onde eles pudessem cruzar do Atlântico para o Pacífico, isso facilitaria o trânsito dos navios estadunidenses. O local escolhido para a criação desse canal foi o Panamá. Quando a Guerra dos Mil Dias estava chegando ao final e um acordo com o governo norte-americano estava sendo feito, o senado colombiano decidiu rejeitar o documento, contudo, os panamenhos aprovavam a ideia do canal, uma vez que viam essa obra como algo próspero; ademais, a população do Panamá sentia-se insatisfeita com as taxas abusivas que o Estado colombiano impunha a eles. LaRosa & Mejía ressaltam que os panamenhos jamais sentiram-se partes do *ethos* colombiano; apesar das taxas de impostos serem pagas, não recebiam auxílios sociais de Bogotá em relação às questões de saúde e educação, por exemplo. Aproveitando-se dessa

situação, os EUA “ajudou” o Panamá a dar o grito de independência. A partir desse momento, os norte-americanos, reconhecendo o Panamá como um país livre, passaram a exigir dele o mesmo que faziam com os outros, isolando a Colômbia. “Aunque esto no causó ningún conflicto físico, la separación de 1903 fue uno de los sucesos más devastadores y humillantes de la historia de Colombia como nación independiente” (LAROSA & MEJÍA, 2013, p. 109). No final, não houve vencedores nessa guerra, apenas sofrimento. A perda do Panamá tornou-se parte dos traumas da história da Colômbia, contudo, essa situação fez com que houvesse uma trégua na Guerra dos Mil Dias, esse período de armistício foi chamado de Convivência e durou 25 anos. Assim, tem-se:

La separación de Panamá marcó un punto de inflexión en la historia contemporánea de Colombia. Los colombianos empezaron a preocuparse por la recurrencia de los atroces conflictos en su país, y consistieron entrar en lo que se llamó “La nueva era de paz y café”. [...] Rafael Reyes [el nuevo presidente en 1904] entendió el sentido del término convivencia y buscó fortalecer la sociedad por medio de la inclusión de ideas alternativas en su gobierno (LAROSA & MAJÍA, 2013, p. 110).

A paz se estabeleceu por um tempo e a valorização do café foi um grande fator para que a Colômbia conseguisse estabilidade social e econômica durante a primeira década do século XX. É possível aferir em relação a esse período, o quão debilitado o governo colombiano se tornou diante de seus conflitos internos e, na mesma medida, como o outro, o estrangeiro, manipulou a situação. Novamente esteve presente os ideais de progresso, contudo a estagnação e o retrocesso também se faziam evidentes.

Considerando meados de 1900, pode-se afirmar que houve uma atenção significativa voltada à melhoria da infraestrutura colombiana, o foco era a construção de ferrovias, uma vez que elas estavam ligadas aos ares da modernidade. A construção de vias e meios de transporte aéreo foram surgindo na mesma medida em que a exportação de café aumentava na Colômbia. Viviam-se uma época em que o café passou a ser a bebida de todos, não somente de uma “classe privilegiada”, isso contribuiu para a valorização do café colombiano. A maneira como o grão era tostado fez com que os estadunidenses, por exemplo, tornassem-se consumidores do produto.

Além do consumo do café, mais uma situação ocorreu na Colômbia devido à participação dos norte-americanos. Esse outro acontecimento, por sua vez, aproxima-se mais com a relação dos Estados Unidos e a perda do Panamá do que com os estadunidenses enquanto apreciadores do café colombiano. Desse modo, com a convivência do governo colombiano, na região que compreende o território de Magdalena, uma empresa norte-americana se instalou, prometendo trazer aos indivíduos o tão querido progresso. A United Fruit Company ficou

conhecida não só pelo trabalho com o cultivo de bananas, mas também pela exploração da mão de obra colombiana. Além dos pagamentos serem baixos e costumarem a atrasar, os trabalhadores recebiam por tarefa desempenhada e não por dia ou hora. No final de 1928, cerca de 25 mil trabalhadores entraram em greve, reivindicavam, entre outras coisas necessárias, descanso aos domingos e pagamento semanal. “Por mais de um mês, os grevistas só tiveram como resposta ameaças do governo conservador e nenhuma tentativa de negociação por parte da empresa norte-americana, que se aproveitava da fragilidade da legislação trabalhista colombiana” (TRAUMANN, 2018, p. 175). Houve grande frustração por parte dos trabalhadores quando a Companhia se dispôs a negociar, mas no fundo aceitou mudar muito pouco daquilo que estava sendo exigido. Em 5 de dezembro do mesmo ano, tropas militares abriram fogo contra uma multidão de trabalhadores que aguardavam pronunciamento sobre uma reunião que o governador de Magdalena iria fazer com a UFC. Até hoje não se sabe a quantidade de mortos, a violência foi extrema e ninguém foi responsabilizado. O episódio ficou conhecido como “Massacre das Bananeiras”.

Considerando a perda do Panamá e o massacre de Magdalena, é possível hipotetizar que a relação histórica entre os Estados Unidos e a Colômbia é marcada por uma certa fragilidade colombiana, uma vez que a política colombiana está frequentemente em conflito e a própria identidade do país está em desenvolvimento, os norte-americanos participaram como motivadores de violência e não de prosperidade.

Com a chegada da Grande Depressão, o setor agrícola colombiano sofreu grandes perdas. A demanda dos produtos diminuiu e, como se isso não bastasse, os donos das grandes propriedades tomavam posse de terras que estavam no domínio de camponeses mais humildes, esses, por sua vez, clamaram pela ajuda do governo, reivindicando uma reforma agrícola. Essa reforma havia sido prometida pelos políticos governantes da época, uma vez que foi firmada a palavra de que governariam para todos, não somente para uma classe privilegiada. As disputas de terra se intensificaram em 1930 e muitos padeciam de pobreza extrema no campo. Contudo, a reforma agrária era apenas um plano de governo, não uma ação.

Além desse cenário, é necessário ressaltar outra ocorrência que marcou a Colômbia nesse mesmo período. Em 1932, acontecia “la guerra con Perú”. Colômbia e Peru, vizinhos latino-americanos, entraram em conflito devido a uma ocupação peruana nas terras de Leticia, cidade situada no Amazonas colombiano. Houve uma grande indignação nacional por parte da população colombiana, talvez por já ter vivenciado a separação do Panamá e recordava-se do sentimento de perda do território. O país enviou barcos e aviões para proteger o território. A guerra foi breve e, com a vitória colombiana, Leticia segue sendo parte da Colômbia. “La guerra

trajo consigo un necesitado reconocimiento para las fuerzas armadas y el liderazgo nacional, que en 1932 aún no se recuperaban de la humillación y la desconfianza causada por lo massacre de las bananeras em Ciénaga, cuantro años antes” (LAROSA & MEJÍA, 2013, p. 112).

Mesmo após a Crise de 1929, a economia da Colômbia continuava a padecer, esse aspecto atrelado ao horror causado pelo então recente Massacre das Bananeiras, levou o Partido Liberal, após 50 anos afastado da política colombiana, recuperar o poder. Contudo, quando as promessas feitas pelo governo liberal de Enrique Olaya Herrera não foram cumpridas, o povo se desapontou e começou a procurar uma nova figura para creditar suas esperanças. Assim, surgiu a figura política de Jorge Eliécer Gaitán, prefeito de Bogotá na época e futuro líder popular colombiano. Segundo Traumann, Gaitán foi ministro da Educação e do Trabalho, todavia, suas ações a favor dos trabalhadores foram consideradas radicais demais pelo Partido Liberal, o que influenciou na decisão do partido em não indicar Gaitán para as eleições presidenciais em 1946. Entretanto, o prestígio de Gaitán era tamanho entre o povo que, mesmo concorrendo como candidato avulso, ele dividiu os votos com Gabriel Turbay (candidato oficial do Partido Liberal). O resultado dessa eleição permitiu que o Partido Conservador voltasse ao poder. Alguns anos após, em 9 de abril de 1948, em Bogotá, Jorge Eliécer Gaitán foi assassinado com três tiros quando saía para almoçar, nesse mesmo dia acontecia a IX Conferência Panamericana, da qual originou-se a Organização dos Estados Americanos (OEA). A morte do político popular gerou grande revolta entre os colombianos; Bogotá tornou-se um “campo de guerra”. Os mais radicais lincharam o suposto assassino e abandonaram-no na porta do Palácio Presidencial; muitos prédios foram queimados e saques foram feitos. A Colômbia enfrentava, novamente, mais um episódio de horror civil, agora chamado de *Bogotazo*. Apesar da falta de organização dos revoltosos (fazendo com que a situação fosse caracterizada mais como uma revolta coletiva, não como um propósito revolucionário), as manifestações do *Bogotazo* levaram a direita conservadora a reagir com mais violência, dando início a uma das mais brutais guerras civis enfrentadas pela Colômbia: *La Violencia*. LaRosa & Mejía afirmam, de modo metafórico, que as esperanças que a classe trabalhadora tinha em Gaitán se evaporavam a medida que os disparos do revólver eram feitos. Além disso, esses estudiosos, novamente em consonância com Traumann, confirmam que o caos que se seguiu na capital do país e em outras cidades foi algo monstruoso e, não tendo mais a figura de Gaitán, a desordem urbana foi se tornando cada vez mais incontrolável, expandindo-se rapidamente.

La Violencia, confronto que se deu entre os anos de 1948 e 1956, foi um período histórico da Colômbia que, mais uma vez, liberais e conservadores se enfrentaram e espalharam brutalidade pelo país. Ambos os partidos organizaram suas próprias milícias, o Partido Liberal

contava com recrutamento de camponeses que se apresentavam de forma voluntária ou forçada; já no Partido Conservador havia a presença de católicos extremistas. A partir de um determinado ponto desse conflito, o ideal político foi aos poucos sendo substituído pela ânsia de tomar posse de terras, gado, plantações de café, especialmente as do inimigo. As atrocidades cometidas foram tamanhas que o saldo de mortos chegou a 300 mil pessoas, além dos 2 milhões de refugiados internos. Segundo Traumann (2018, p. 180), esse embate civil representou uma grande regressão ao país, “não foi respeitada nenhuma regra que protegesse não combatentes. A luta pelo poder entre os dois partidos praticamente amordaçou qualquer voz alternativa ao bipartidarismo estabelecido”. Assim como na Guerra dos Mil Dias, *La Violencia* terminou com armistício sem vencedores. Para LaRosa & Mejía, *La Violencia* foi um fenômeno que mostrou a fragilidade do Estado colombiano, além de revelar o quão grande era a desunião entre os indivíduos que viviam em áreas rurais e àqueles que se mantinham em zonas urbanas, entre ricos e pobres, além, é claro, do perigo entre as discussões políticas entre opositores.

Dois anos após o término da última guerra civil, surgiu a Frente Nacional, pacto de alternância de poder assinado por liberais e conservadores que vigorou entre 1958 até 1986. A atuação política estava, dessa maneira, limitada a esses dois partidos e os cargos públicos, por sua vez, distribuíam-se igualmente. A Frente Nacional foi uma maneira dos dois partidos políticos já consolidados na Colômbia compartilharem o poder. Ao invés de se enfrentarem em guerras, promovendo mortes de inocentes, cada partido assumiu a presidência por dois períodos de quatro anos. Em resumo:

Es imposible fechar los orígenes de *La Violencia*, pero se puede decir que la tensión entre liberales y conservadores, la causa primordial del conflicto, estaba ya dada desde la década de 1930. El regreso de los conservadores al poder en 1946 frustró a los pobres, que se sentían estafados, y el asesinato de Gaitán, [...] ocasionó un periodo de desmesurada violencia en el país. Al final, la violencia disminuyó [...] gracias, en gran parte, a un programa político: el acuerdo [...] llamado *Frente Nacional* (LAROSA & MEJÍA, 2013, p. 114).

Apesar de todos os traumas sofridos pela Colômbia nos embates entre liberais e conservadores que implicaram diretamente nas guerras civis vivenciadas, essa nação também possui outras marcas, as quais estão ligadas à cultura do povo, às curiosidades das principais cidades, às comemorações típicas, enfim, marcas que vão além da política conturbada. Não seria justo apenas afirmar que a Colômbia é um local de grande diversidade, até porque basicamente todos os países apresentam contrastes desde os traços étnicos até os culturais, por exemplo, mas, de todo modo, não se pode negar que essa pátria apresenta grande heterogeneidade. Jorge Melo afirma que apesar das diversas situações que ocorreram na

Colômbia no século passado, assim como as frustrações, períodos de progresso e retrocesso, o país apresentou grandes mudanças a partir do século XX, uma delas é a acelerada urbanização. Esse aspecto se apresenta principalmente no crescimento populacional, na formação de cidades modernas e no crescimento do Estado. A nação colombiana passou de menos de cinco milhões de habitantes, em 1905, para quase cinquenta milhões em 2015, deixando de ser um país rural e tornando-se uma sociedade urbana. Segundo o estudioso, as cidades não se diferenciavam apenas por terem escolas e igrejas, por exemplo, mas por proporcionarem uma vida diferente para a população, uma forma moderna de se viver. Bogotá, Medellín, Barraquilla, Cali, Cartagena e outras cidades já contavam com sistema de iluminação, além disso, desde 1910 a eletricidade passou a ser usada cada vez mais na indústria e no transporte urbano. Com o aumento da população, outros aspectos sofreram mudanças também, um deles se relaciona à saúde. Desse modo, a medicina se dedicou a investigar sobre enfermidades tropicais e sua capacidade de atender as pessoas foi ampliando. “El número creciente de médicos graduados por las universidades permitió que la salud de gran parte de la población no estuviera en manos de ‘teguas’ y curanderos [...], y llevó a que infecciones antes mortales fueran atendidas con inventos como las sulfas y los antibióticos” (MELO, Jorge, 2017, p. 287 e 288).

Para finalizar, é interessante compreender como o país se relaciona com a Literatura ou com o próprio ato de ler. Jorge Melo (2017) destaca que no século XIX as intenções de criar editoriais ou periódicos não tiveram sucesso devido ao grande número de analfabetos nas regiões colombianas, entretanto, em 1954, a Biblioteca Pública Piloto, em Medellín, caracterizou-se como um grande avanço e estímulo para estudantes e futuros escritores, além de incentivar a criação, em 1999, de uma rede de bibliotecas em Bogotá e, em 2002, um sistema de bibliotecas públicas em todos os municípios, o qual pode ser considerado “uno de los experimentos de política cultural más importante de los últimos veinte años” (MELO, Jorge, 2017, p. 313). Poetas e romancistas fizeram suas carreiras em periódicas e revistas, como foi o caso de Gabriel García Márquez. Não só de García Márquez vive a representatividade literária da Colômbia, porém, o destaque dado as obras do colombiano trouxe não só muito visibilidade para a América Latina como eternizou sua pátria no enredo vivido pelos Buendías, em *Cien años de soledad* (2014). Macondo relembra a Colômbia de várias maneiras, o ambiente construído apresenta traços de uma nação que lutou por seu desenvolvimento e sua formação identitária. Traumann (2018, p. 92) afirma que:

Os personagens de Gabo são tipicamente colombianos – tão vinculados às tragédias e aos traumas das guerras civis e das disputas entre “liberais” e “conservadores” – que seria difícil de imaginar que interessassem tanto a outros povos. Mas são personagens universais e leitores do mundo todo se apaixonaram por eles.

Considerando os momentos vividos pela Colômbia desde o processo de colonização, é curioso perceber o quanto a violência, causada pelos embates políticos e a atuação de guerrilhas, marcaram o país e influenciaram negativamente no desenvolvimento da nação, entretanto, o mesmo olhar atento que se dá à história colombiana, pode-se aplicar nos indivíduos e na sua cultura na contemporaneidade. A Colômbia é mais do que apenas a disputa entre liberais e conservadores, é um país que ainda tem problemas, mas está florescendo, exemplo disso é a alegria das festas populares e o reconhecimento da literatura na figura de García Márquez. A Colômbia é um país onde o maior fracasso histórico é a violência, mas a maior vitória é a resistência do povo e sua vontade de ser uma nação.

2.3 O NETO DO CORONEL NICOLÁS MÁRQUEZ

Considerando as experiências vividas por García Márquez ao longo de sua vida, Dasso Saldívar em *Viagem à semente: uma biografia* (2000), traz à tona reflexões sobre a trajetória do autor colombiano desde seu nascimento em Aracataca. O biógrafo apresenta em vários momentos a importância das situações enfrentadas por García Márquez nos períodos da infância até a maturidade, a influência dos amigos intelectuais do escritor e as inúmeras leituras literárias colecionadas, afirmando, logo de início, que o neto do Coronel Nicolás Márquez, mesmo ainda jovem, era convicto de que um bom romance necessitava de transposição poética da realidade e uma adivinhação cifrada do mundo. Antes, porém, de iniciar a reflexão sobre os passos do colombiano, é necessário compreender brevemente a história daqueles que vieram antes dele e que possuem uma especial participação na formação de García Márquez: os avós maternos e seus próprios pais.

Nicolás Ricardo Márquez Mejía e Tranquilina Iguarán Cotes foram os avós maternos de García Márquez. O casal, tão distinto, compartilhava já antes do casamento um laço familiar: eram primos-irmãos. Saldívar afirma que pouco se sabe sobre a infância e juventude de Nicolás Márquez. Ressalta-se que, vindos de Rioacha, o casal se instalou em Barrancas no começo da última década do século XIX. Nesse período, Barrancas tinha o aspecto de um local que havia sofrido muitas catástrofes, possuía ares de decadência e, como se não bastasse, havia perdido até sua condição de município, sendo considerada durante algum tempo como corregedoria do município de Fonseca. Entretanto, apesar desse ambiente decadente, para os Márquez e Iguarán “parecia um paraíso de verdor, paz e tranquilidade, em comparação com a cidade de sol, pó e salitre que tinham deixado para trás” (SALDÍVAR, 2000, p. 24). Instalados no novo espaço, o avô de García Márquez logo se tornou um respeitado joalheiro, fabricando peixinhos de ouro,

anéis, brincos, pulseiras, colares e animaizinhos; a avó também participava da confecção das joias, incrustando rubis, polindo e limpando as peças, tarefas finais do processo de ourivesaria. Além da ourivesaria, Nicolás Márquez também se dedicou à agricultura, ele plantava principalmente cana, cuja garapa era utilizada para fabricar uma aguardente que depois era vendida no contrabando. Tendo em sua posse a fazenda El Guásimo e mais tarde a El Istmo, provendo de uma boa renda e tendo apenas três filhos: Juan de Dios, Margarita e Luisa Santiago (mãe de García Márquez), Nicolás e Tranquilina viviam uma vida tranquila e, de certo modo, prazerosa. Contudo, como adverte Saldívar (2000), a bonança da família sofreu uma desestabilização, sendo a Guerra dos Mil Dias e o desentendimento entre Nicolás e Medardo Pacheco os principais motivos desse abalo na paz familiar.

O avô de García Márquez lutou na Guerra dos Mil Dias, em defesa das ideias liberais e ao comando de Uribe Uribe. Do combate só lhe sobrou as cicatrizes, marcas que carregou no corpo e na alma, além de lembranças cruéis que posteriormente contou ao neto. Além disso, Nicolás trouxe para casa o título de coronel, era, portanto, o Coronel Nicolás Ricardo Márquez Mejía, e a esperança de receber a pensão vitalícia de guerra que o governo havia prometido no final do confronto para os generais e coronéis. Essa pensão nunca chegou até Nicolás. Seis anos mais tarde, quando as mágoas da guerra já estavam sendo incorporadas em uma lembrança distante, o avô de García Márquez se envolveu em um duelo com o filho de Medarda Romero e Nicolás Pacheco. A confusão começou com a afirmação de que o Coronel Nicolás havia feito um comentário maldoso sobre Medarda, assim, a fim de defender a honra da própria mãe, Medardo Romero desafiou Márquez para um duelo. O resultado foi a morte de Medardo, a consciência pesada de Nicolás e a mudança da família Márquez Iguarán para Aracataca.

A família Márquez Iguarán se instalou em Aracataca no mesmo momento em que a cidade acolhia a companhia bananeira *United Fruit Company*. Os relatos sobre o “progresso fantasioso” e, mais tarde, a tragédia envolvendo os trabalhadores da zona bananeira, ficaram registrados na história da Colômbia, na memória daqueles que viveram esse pesadelo e, após alguns anos, na obra literária de García Márquez. A chacina ocorrida foi mais um episódio que o neto do Coronel Nicolás eternizou em *Cien años de soledad*. Assim, em Aracataca a família passou por muitas outras situações significativas, entre elas, a chegada de Gabriel Eligio García Martínez, futuro amor de Luisa Santiago. Saldívar (2000, p. 65) pontua:

No calor abafado de um dia de julho de 1924, em pleno apogeu do Eldorado bananeiro, apareceu em Aracataca, [...] um jovem moreno de vinte e três anos, esbelto, de riso fácil e conversa fluente, com jeito de farrista. Apresentou-se diante do velho coronel com uma carta de recomendação [...] Era o novo telegrafista de Aracataca, e

debaixo de sua pele festiva havia um sonhador empedernido que gostava de violino e de versos de amor.

Gabriel Eligio e Luisa Santiaga começaram a se relacionar como amigos. Ele trabalhava próximo da casa dos Márquez Iguarán e participava como violinista no coral da igreja, então, não era difícil que os dois se conhecessem e se encontrassem uma vez ou outra. Em uma situação descontraída, Luisa perguntou a Gabriel se ele pretendia se casar com Rosa Elena (moça que também fazia parte do coro da igreja e a qual o rapaz nutria olhares poetizados), ele, por sua vez, em tom de brincadeira, afirmou que sim e que Luisa seria a madrinha do matrimônio. Foi a partir desse momento que começaram a se tratar como madrinha e afilhado. Saldívar conta que um dia, Luisa teve que ser levada para Manaure para se tratar de uma intoxicação, ao voltar, Gabriel foi recebê-la na estação e, no momento em que se encontraram, perceberam que na verdade Luisa não deveria ser a madrinha do casamento de Gabriel, mas a noiva. Em uma tarde de março de 1925, Gabriel Eligio se declarou para a moça, afirmando seu amor por ela e a propondo casamento. O romance estava sendo germinado, assim como, muitos anos depois, seria eternizado pelo filho primogênito do casal em *O amor nos tempos do cólera*.

O amor entre os pais de García Márquez não foi bem aceito pela família de Luisa Santiaga, o Coronel Nicolás Márquez, assim que soube, não poupou esforços para interromper o laço afetivo, Tranquilina também era contra, não admitindo que a filha se casasse com o rapaz. A postura contra o casamento de Luisa e o cuidado excessivo com a moça estavam ligados, de maneira geral, ao fato de ela ter se tornado a única filha dos Márquez Iguarán, uma vez que Margarita, sua irmã maior, havia falecido. Devido à postura sempre obediente, os pais pensaram que a filha aceitaria a decisão, contudo, Luisa estava determinada a se casar, criando meios escondidos para se comunicar com Gabriel. Os avós de García Márquez, por sua vez, resolveram separar os noivos pela distância. Tranquilina, Luisa e uma de suas mucamas embarcaram em uma viagem de quatrocentos quilômetros que terminou em Santa Marta. No entanto, isso não bastou, Gabriel Eligio conseguiu, com a parceria de outros telegrafistas, sempre estar em contato com Luisa Santiaga. Ao chegar ao seu destino, a moça se estabeleceu na casa de seu irmão, Juan de Dios. O noivo começou a visitá-la aos fins de semana e não tardou para pedir sua transferência para Santa Marta. Luisa, obstinada, pediu ajuda ao vigário da cidade, monsenhor Pedro Espejo, para que ele os ajudasse a convencer os pais dela a aceitarem o casamento. “Com amarga resignação, os Márquez Iguarán deram sua aprovação ao casamento, e os noivos enfim se casaram no dia 11 de junho na catedral de Santa Marta” (SALDÍVAR, 2000, p. 72). A história dos pais de García Márquez não foi apenas fonte de

inspiração para a escrita de uma obra posterior do escritor, mas, atentando-se para a personalidade de Luisa Santiago, pode-se perceber que o autor colombiano herdou traços da mãe, uma vez que, ao longo de sua própria vida, García Márquez assumiu uma postura convicta da necessidade de ser escritor, seja de textos jornalísticos ou literários. A determinação com que o colombiano se dedicou e buscou os textos foi talvez a mesma que Luisa Santiago nutriu pelo próprio casamento.

Não tardou para que a revolta pelo casamento da filha se dissipasse e os pais da moça voltassem a se aproximar dela, o motivo era a chegada do primeiro neto, Gabriel José García Márquez. Segundo Saldívar (2000, p. 73), Luisa Santiago viajou sozinha para Aracataca para dar à luz ao primogênito, o qual nasceu “no perfume dos bananais, na calorosa manhã do domingo 6 de março de 1927, às 8h30, enquanto o avô Nicolás estava na missa das oito”. O nascimento de García Márquez trouxe certa reconciliação na família. Gabriel Eligio, que veio aparecer em Aracataca alguns meses após o nascimento do filho, foi bem recebido pelo Coronel Nicolás Márquez. O telegrafista, que agora exercia a função de homeopata devido aos seus estudos de homeopatia e farmácia realizados na Universidade de Cartagena, decidiu se instalar em Aracataca, mas a residência da nova família nessa cidade foi breve. Quando García Márquez estava completando quase dois anos, Luis Enrique nasceu; Gabriel Eligio e Luisa Santiago decidiram que seria melhor se mudarem para Barranquilla afim de buscar uma vida melhor, levaram consigo o filho recém-nascido e deixaram o primogênito aos cuidados dos avós. Saldívar (2000, p. 74) ressalta que “Gabito ficaria com seus avós e seria sempre mais filho de seu avô que de seu pai, e mais filho de sua avó e de suas tias que de sua mãe. [...] O neto havia se convertido no centro de seus afetos e desvelos e eles [avós] já não conseguiriam conceber a vida sem ele”.

Dessa maneira, García Márquez teve sua infância regida pelos avós maternos. Os relatos de guerra que seu avô contava a ele e as histórias e superstições que a avó lhe metia na cabeça tiveram grande influência, anos mais tarde, nas narrativas do escritor. Saldívar pontua que o autor colombiano, quando criança, não compreendia o “mundo” da avó e das tias, parecia-lhe um mundo fantástico, onde havia outra lógica que não a ligada à realidade do avô, a qual ele se sentia mais à vontade e entendia melhor. Assim:

Enquanto o mundo da avó e das tias o desorientava e volta e meia causava pavor, o do avô lhe proporcionava ordem e segurança. [...] Mas, apesar da segurança do avô, o menino não aguentava de curiosidade e espiava o mundo da avó. [...] Mas quando se tornou escritor, a vida, paradoxalmente, acabou fazendo com que ele ficasse mais perto da avó que do avô (SALDÍVAR, 2000, p. 87).

As superstições da avó materna estavam relacionadas, na maioria das vezes, às crendices sobre a morte. Saldívar pontua que Tranquilina acreditava, por exemplo, que era preciso levar as crianças para a cama antes que as almas aparecessem, assim como era preciso cuidar para que borboletas negras não entrassem na casa, pois elas traziam a morte. É curioso perceber que além dessa relação próxima com os avós, principalmente com o avô, García Márquez tinha uma ligação significativa com a casa de Aracataca, não pelo espaço físico em si, mas pelas recordações e nostalgias que sentiu a partir das vivências naquele espaço. É possível afirmar que esse espaço comportou muitas histórias que envolveram a infância do escritor, como todos os fantasmas das superstições de Tranquilina. Voltar para Aracataca, mesmo que fosse apenas em pensamento, fazia com que pulsasse no escritor a necessidade de lembrar e compreender o lugar, as histórias e os mortos.

A respeito da educação formal de García Márquez, ela iniciou sob a responsabilidade de Rosa Elena, a mesma moça que em anos anteriores participou do coral da igreja junto ao seu pai Gabriel Eligio. O método de ensino aplicado na escola que se localizava no centro de Aracataca, próximo à estação de trem, era o da pedagoga Maria Montessori. Esse foi o primeiro ambiente estudantil que o autor colombiano frequentou. García Márquez concluiu o pré-primário e o primeiro ano do primário com Rosa Elena, o segundo ano foi sob a supervisão do professor Enrique Antonio Aarón, em 1936, em uma escola pública. Saldívar aponta que no período que o neto do Coronel Nicolás cursava o pré-primário, Gabriel Eligio e Luisa Santiaga abandonaram Barranquilla e retornaram a Aracataca, eles ficaram na cidade por três anos, entre 1934 e 1937. Foi nesse regresso que García Márquez conheceu o próprio pai. O autor colombiano já havia encontrado a própria mãe. O biógrafo pontua que o encontro entre mãe e filho ocorreu no batizado de García Márquez e Margot (sua irmã) na igreja de Aracataca, em 27 de julho de 1930, nessa época, o primogênito de Luisa tinha três anos e meio. Há ainda quem confirme que o encontro ocorreu apenas quando García Márquez tinha cinco anos. Saldívar acrescenta que nem mesmo o escritor colombiano sabe dizer com exatidão quando aconteceu esse fato, certo é que a figura da mãe apareceu na vida de Márquez antes da figura do pai e que foi um dos momentos mais nítidos de sua infância, a mãe sentada em uma das cadeiras da casa de Aracataca, vestindo um vestido cor de rosa e um chapéu verde.

Em dezembro de 1936, os pais de García Márquez decidiram, mais uma vez, deixar Aracataca, o destino agora seria Sincé, cidade natal de Gabriel Eligio. Contudo, essa nova mudança foi diferente, pois o casal levaria junto os filhos mais velhos, García Márquez e Luis Enrique. Devido ao ocorrido, García Márquez perdeu o ano letivo de 1937 e, após três meses instalado em Sincé, recebeu a notícia que o avô tinha falecido. Com apenas dez anos de idade,

o escritor colombiano não tinha muita noção sobre a morte, apesar de ela ser companheira das superstições da avó Tranquilina. Assim, com os anos passados, o escritor veio a afirmar a falta que o Coronel Nicolás Márquez fez para ele, ressaltando que as felicidades vividas ao longo da juventude e maturidade se faziam incompletas por não poder compartilhá-las com o patriarca. Talvez, a maneira como García Márquez transpõe as características de seu avô para alguns de seus personagens fictícios seja, além de uma homenagem à memória do coronel, uma maneira de se sentir próximo daquele que o criou. Após a morte do coronel, a avó e as tias que viviam em Aracataca se mudaram para Sincé junto aos outros, entretanto, retornaram a Aracataca pouco depois devido à falta de prosperidade econômica e a uma enfermidade de uma das tias de García Márquez, tia Francisca. Entre o final de 1937 e início de 1938, a família estava novamente na estrada, agora, com destino em Barranquilla. Aracataca tinha ficado de vez para trás, a infância do autor colombiano realmente teria chegado ao fim. A cidade onde foi criado apareceria novamente para ele muitos anos depois, mas jamais seria a mesma dos tempos do Coronel Nicolás Márquez. Assim, “os espíritos endêmicos da casa, as histórias fantásticas da avó, as histórias reais do avô, [...] tinham um interminável complemento nas histórias que pulavam na fantasmagórica Aracataca, que [...] começava a transformar-se num turbilhão de nostalgias e lendas” (SALDÍVAR, 2000, p. 109). O início da adolescência de García Márquez foi marcada por diversas mudanças de cidades e de grandes esforços da família para sobreviver. Com relação aos estudos, é possível perceber, desde os primeiros anos de educação escolar, que o autor colombiano era distante e avesso à rotina acadêmica. Entre 1938 e 1939, García Márquez fez o terceiro e o quarto anos sob cuidados do professor Juan Ventura Cassalíns, entretanto, Saldívar pontua que a vocação e interesse do escritor estavam em desenhar e ler. Nessa época, García Márquez se destacava pelos desenhos que fazia e pelas inúmeras leituras que nutria de poetas colombianos, clássicos do Século de Ouro espanhol, contos dos irmãos Grimm, textos de Júlio Verne, Salgari e Alexandre Dumas. Ao atentar-se para esse aspecto da vida de García Márquez, pode-se verificar que ele, desde muito jovem, estava em constante contato com a leitura, desafiando-se cada vez mais por meio dos autores que escolhia para ler, quando mais experiente, debatendo com amigos sobre as leituras feitas. É curioso perceber essa prática do autor e refletir que antes de se tornar um excepcional escritor, García Márquez foi um grande leitor.

Em novembro de 1939, Gabriel Eligio e Luisa Santiaga decidiram se mudar uma vez mais. O destino foi Sucre, cidade que os García Márquez fizeram morada por doze anos. Essa é a época em que a família apresentou mais estabilidade e desfrutou de relativo conforto. Gabriel Eligio conseguiu exercer o ofício de homeopata e farmacêutico, trazendo ares de

bonança para a família. Foi nesse momento também que se iniciou uma nova fase para García Márquez. Apesar da família residir em Sucre, García Márquez retornou para Barranquilla, em janeiro de 1940, para continuar os estudos no colégio jesuíta de San José. Saldívar afirma que é a partir desse período que García Márquez se torna um “visitante” na casa da família. Com exceção de um episódio em 1941 em que, por motivos de saúde, o escritor permaneceu na casa em Sucre por oito meses, ele passava períodos muito curtos com os pais e os irmãos, nunca superiores a três meses. Assim, ele começou a ser conhecido como o irmão que chegava e logo partia, aquele sujeito tímido e resguardado na própria casa, que estava sempre com livros estranhos. Essa jornada fez com que o relacionamento entre García Márquez e o próprio pai fosse difícil e pouco próximo. O escritor colombiano ainda tinha a figura do avô materno muito presente consigo, uma referência paterna insubstituível. Gabriel Eligio “era um pai esmerado mas de uma severidade que chegaria às raias da incompreensão, e considerava seu primogênito o neto mimado do avô coronel, um garoto ‘mentiroso’, que tudo que via ou ouvia nas ruas contava depois distorcendo, com sua mania de inventar” (SALDÍVAR, 2000, p. 115). Contudo, a relação entre García Márquez e Luisa Santiaga era diferente, não demorou para que ambos fossem cúmplices de uma grande cordialidade.

Dessa maneira, o início do ginásio marcou um significativo período da vida de García Márquez. Ele amadureceu seu olhar sobre sua própria infância e cresceu como escritor. Foi no colégio San José que García Márquez conheceu seus primeiros companheiros de leitura e aventuras jornalísticas, além disso, começou a se aventurar na escrita dos próprios textos, sendo participante ativo na composição de crônicas e versos para a revista do colégio, a *Juventud*. Entre alguns títulos estão: *Crónica de la Segunda División*, *Instantáneas de la Segunda División*, *Desde un rincón Segunda*, *Minhas Bobagens*. Produções que ele assinou como Capitão Aranha, Gabito e Gabriel García. É interessante saber que essa revista tinha uma grande significância para a instituição, ela era aberta à participação dos professores e pais de alunos, possuía seções dedicadas à cidade, ao país, à arte, à história e às ciências. García Márquez, por sua vez, foi um dos que mais contribuiu na área literária. Assim, nesse momento:

O jovem autor buscava divertir-se, brincar com os amigos e, ao mesmo tempo, expressar seu desagrado com as rígidas normas do colégio de jesuítas. Demonstrava, além do humor e da ironia, uma anti-solenidade total, um antiintelectualismo congênito, de certa irreverência e rebeldia, que viriam a ser uma das características mais nítidas em sua obra literária (SALDÍVAR, 2000, p. 120).

Apesar da importância da publicação desses textos, eles não se caracterizam como o começo literário de García Márquez. As produções para a *Juventud* eram como brincadeiras

com os versos, necessitavam ainda um amadurecimento na dimensão criativa. O escritor colombiano estava mostrando seus primeiros impulsos como autor, contudo, os primeiros passos nessa profissão vieram um pouco mais adiante. Saldívar afirma que, se fossem consideradas as colaborações de García Márquez na *Juventud* entre 1940 e 1942, pode-se perceber que ele estava adaptado em Barranquilla, suas leituras ampliaram notadamente desde as primeiras feitas em Aracataca, mas também é verificável que os estudos escolares eram como laços incômodos e a certeza de que a liberdade recebida na infância, junto aos avós, já não era a mesma.

Em janeiro de 1943, depois de concluir o ginásio, García Márquez partiu para Bogotá, pouco antes de fazer dezesseis anos, para prestar o concurso nacional de bolsas de estudo do Ministério da Educação. Outro momento significativo da vida do autor colombiano. Ele não estava apenas longe dos familiares, mas trocou o Caribe pelos Andes. A pretensão era fazer o colegial no colégio San Bartolomé, mas o destino lhe enviou para o Liceu Nacional de Rapazes, em Zipaquirá. Bogotá, à primeira vista, surgiu para ele como um mundo totalmente diferente do que estava acostumado, a cidade parecia triste e fria, como se tudo tivesse uma tonalidade acinzentada. Apesar desse clima, Saldívar cita uma afirmação positiva do próprio García Márquez a respeito da experiência que Zipaquirá lhe trouxe: o colombiano declarou que o aspecto mais importante desse momento vivido foi o confronto com diferentes culturas. Esse ponto de vista do próprio García Márquez sobre o colégio de Zipaquirá fica evidente também no texto de suas próprias memórias:

Na verdade, não sei o que aprendi durante o cativo do Liceu Nacional, mas os quatro anos de convivência bem vivida com todos infundiram em mim uma nova visão unitária de meu país, descobri como éramos diversos e para que servíamos, e aprendi para não esquecer nunca mais que na soma de cada um de nós estava o país inteiro. Talvez tenha sido isso o que quiseram dizer no ministério sobre a tal mobilidade regional que o governo estava patrocinando (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003, p. 185).

O fato desse colégio interno aceitar bolsistas pobres de toda a Colômbia deu a García Márquez uma grande oportunidade de aprender mais, relacionar-se com realidades próximas, mas ao mesmo tempo diferentes da dele. Isso tudo contribuiu para o amadurecimento pessoal e profissional do escritor. García Márquez, apesar de continuar não tendo muito interesse pela educação escolar, destacava-se diante dos colegas, sendo até mesmo nomeado o melhor aluno da formatura de 1946. Foi no período vivido em Zipaquirá que ele contraiu o “sarampo literário”. A necessidade de ler nascera com ele em Aracataca, a vontade de escrever foi surgindo durante as experiências no San José e a vocação e reflexão literária o surpreenderam a partir de Zipaquirá. Entre os dezesseis e dezenove anos, García Márquez era “um rapaz magro,

de olhos arregalados, cabelo negro e crespo, que se refugiava do frio num enorme paletó de lã do qual não se atrevia a tirar as mãos, pois não podia superar o temor de morrer de pneumonia no altiplano andino” (SALDÍVAR, 2000, p. 134). Assim como no San José, García Márquez também participou de produções escritas para o periódico escolar em Zipaquirá. Da mesma maneira como com a *Juventud*, o colombiano começou a colaborar com a *Gazeta Literária*. Ao observar essa experiência e o crescente amadurecimento do escritor a partir, não somente, mas também, das leituras literárias que fazia, é possível afirmar que no Liceu Nacional de Rapazes, García Márquez já apresentava, em meio a sua imaginação, recursos linguísticos e literários que o auxiliaram a expressar seus sentimentos. Considerando seu perfil e os diversos momentos de expressão de interesse, dúvidas surgiam naqueles que conviviam com García Márquez, não se sabia ao certo que rumo ele tomaria: se pintor, jornalista, poeta ou escritor. Contudo, “o professor Calderón Hermida, seu maior incentivador naquela época, disse, expressando mais um desejo do que um prognóstico: ‘Você é poeta, mas deve cultivar sua prosa, ler muitos contos e romances, para que se torne o primeiro romancista da Colômbia’” (SALDÍVAR, 2000, p. 145).

Terminada a experiência do colegial no Liceu Nacional de Rapazes, o neto do Coronel Nicolás Márquez se matriculou no dia 25 de fevereiro de 1947 no primeiro ano de Direito na Universidade Nacional, em Bogotá. A relação do colombiano com o curso universitário não foi a mais agradável, cursou apenas catorze meses e, após reprovar em algumas matérias e se deparar com a certeza que teria de repetir o segundo ano, acabou abandonando a carreira de advogado. A escolha pelo Direito não foi algo vocacional, pelo contrário, a opção se deu, primeiro, porque o curso era o mais próximo das suas inquietudes humanísticas e, segundo, porque o horário das aulas, matutino, oferecia a oportunidade de tentar trabalhar à tarde e ganhar algum dinheiro, o que ainda era muito custoso naquela época. Curioso é perceber que, desde o primário até a universidade, a postura de García Márquez em relação aos estudos foi se configurando como algo obrigatório mesmo, contudo, as leituras e reflexões literárias, muitas vezes feitas no lugar de tarefas escolares solicitadas, têm caráter prazeroso e de uma grande formação crítica e amadurecimento reflexivo. Com o tempo, o escritor pôde encontrar amigos que dividiam com ele a paixão pelas leituras profundas e o costume de frequentar bares e cafés para discutir sobre autores catedráticos e contemporâneos. Camilo Torres, Gonzalo Mallarino e Luis Villar Borda, junto a García Márquez, formavam um quarteto literário. Afora o clima mais frio, Bogotá proporcionava aos amigos uma vida cultural sólida e ativa. Na Bogotá do anos 40, o escritor encontrou bibliotecas públicas e privadas, teatros, além dos cafés literários na Sétima Avenida, tudo isso estimulou García Márquez a ser o escritor que ele almejava para

si mesmo. Foi no Asturias, El Molino, Gato Negro, Automático, Colombia ou Rhin, os bons cafés bogotanos, onde as leituras de García Márquez enriqueceram e foram compartilhadas com os amigos. As reflexões feitas a partir das obras lidas em Zipaquirá progrediram em Bogotá. A poesia, principalmente a do Século de Ouro espanhol, continuou presente para García Márquez e em 1947, o escritor conheceu Kafka. Saldívar pontua que durante os quatro anos em Zipaquirá e os dois primeiros em Bogotá, apesar do contato com os amigos nos cafés e as tantas discussões literárias, García Márquez desenvolveu o vírus da solidão. O escritor passou a se sentir como um estrangeiro, menos no Caribe, em especial Cartagena e Barranquilla. Pode-se vincular o sentimento de solidão do escritor não somente às longas horas de leitura, mas ao início, talvez, da necessidade que o levaria a buscar suas origens e voltar a Aracataca.

Além das leituras, cafés e amigos, Bogotá proporcionou a García Márquez uma nova experiência de escrita. O estopim para enviar seu primeiro conto para o jornal *El Espectador* veio de uma resposta, dada por Eduardo Zamalea Borda a um leitor, ao ser questionado sobre o fato de o suplemento só publicar contos e ensaios de escritores estrangeiros. Zamalea Borda afirmou, nesse momento, que, embora a produção literária nacional não fosse grande, ele iria oportunizar a publicação de autores desconhecidos. García Márquez, por sua vez, finalizou seu conto inspirado em Kafka, *A terceira resignação*, e encaminhou para o *El Espectador*. No dia 13 de setembro de 1947, o primeiro conto de García Márquez apareceu na página 8 do suplemento, com ilustração do pintor Enrique Grau. “Não era a primeira coisa dele publicada, mas era o primeiro conto em um jornal de importância nacional, e com isso, aos vinte anos, García Márquez entrava na literatura colombiana pela porta da frente” (SALDÍVAR, 2000, p. 158). Sobre esse conto, Saldívar ressalta ainda que o enredo criado por García Márquez aflora os temas e subtemas de suas produções posteriores, como a casa (de Aracataca), a solidão, o medo, a nostalgia, a morte e a clausura. Três dias passados da publicação de García Márquez, Zamalea Borda comentou em sua coluna diária, intitulada *A Cidade e o Mundo*, a aparição de um escritor genial e diferentes dos outros. Essa nota teve grande responsabilidade para a crítica colombiana porque, além de reconhecer a escrita de García Márquez, foi a primeira sobre o autor colombiano.

Em meio a essas experiências vivenciadas em Bogotá, outra se faz marcante. O dia 9 de abril de 1948 marcou a capital da Colômbia e a vida do escritor caribenho. Na Sétima Avenida (entre a avenida Jiménez de Quesada e a rua 14), Jorge Eliécer Gaitán foi assassinado. Como já pontuado no capítulo anterior, a figura de Gaitán foi extremamente importante para a história colombiana. O político e defensor das minorias, principalmente dos camponeses, marcou muito sua época e o atentado sofrido também teve reflexos na vida do próprio García Márquez. Em

Viver para contar (2003), ao escrever suas memórias em um texto que pode ser considerado uma autoficção, o autor ressaltou o fato histórico presenciado e a própria visão sobre Gaitán. O representante político era para García Márquez um dos heróis de sua infância, a admiração que a própria avó materna tinha por Gaitán influenciou nessa visão. Ao narrar o dia do acontecimento, García Márquez pontua sobre a confusão que acometeu Bogotá, os gritos, o desespero nas ruas, os prédios em chamas e os saques realizados às lojas que estavam vulneráveis à situação. É interessante comparar a maneira como os livros de história da Colômbia trazem o episódio e o modo como García Márquez o relata. Em ambos os textos é possível perceber a aflição das pessoas no momento do atentado, o desespero por ter perdido alguém que muitos acreditavam ser um “salvador”, contudo, o texto de García Márquez faz com que a fumaça e os gritos sejam melhor “visualizados” na imaginação. A maneira como o escritor colombiano revela essa memória, o estilo de escrita utilizado, nos mostra uma perspectiva além da histórica, ela se confunde com a ficcional. Assim, tem-se a passagem:

Naquela altura já era incalculável o número de mortos nas ruas, e de franco-atiradores em posições inatingíveis e das multidões enlouquecidas pela dor, pela raiva e pelas bebidas de grandes marcas saqueadas no comércio de luxo. Pois o centro da cidade estava devastado e ainda em chamas [...]. Era a realidade que ia estreitando sem piedade os caminhos de um acordo sereno de vários homens contra um, na ilha deserta do gabinete presidencial. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003, p. 286).

Segundo Saldívar (2000), Luis Villar Borda, no dia do atentado a Gaitán, encontrou García Márquez fora de si, imaginou que o colega estivesse desolado pela situação política, apesar de nunca ter notado a pretensão “gaitanista” do amigo. Contudo, a verdade é que a preocupação de García Márquez ia além da política, os próprios contos, que estavam no prédio onde ele fazia morada, pegaram fogo. Bogotá ardia em meio as labaredas. A presença de Fidel Castro na capital da Colômbia nesse período também é algo histórico, porém nessa época nem Castro nem Márquez imaginavam que seriam amigos no futuro.

O que se sucedeu na Colômbia após o *Bogotazo* tem grande influência sobre o que aconteceu com García Márquez a partir daquele momento. A história das experiências do colombiano ao longo da própria vida acabam, em vários momentos, estreitando-se com a história do próprio país e motivando as narrativas literárias construídas a partir do seu amadurecimento como leitor. Com a chamada *La Violencia*, o autor precisou retornar para a Barranquilla, era impossível continuar em Bogotá. Apesar da tragédia, o retorno para a cidade de seus afetos fez com que García Márquez recuperasse sua vida afetiva, emocional e espiritual, permitindo também que ele tomasse perspectiva sobre um dos temas que não tardou a aparecer

em suas produções literárias: a violência. Além disso, o *Bogotazo* fez com que o colombiano percebesse que os contos que ele havia publicado pelo *El Espectador* tinham pouco a ver com a realidade do país, essa foi uma grande e importante reflexão sobre o próprio amadurecimento dele como escritor. Essa perspectiva muito se enquadra na necessidade de conhecer a fundo Aracataca e criar Macondo, por exemplo. De Barranquilla, ele foi para Cartagena das Índias, conheceu Clemente Manuel Zabala e logo começou a publicar no jornal progressista fundado em Cartagena, *El Universal*. Com a oportunidade dada por Manuel Zabala, García Márquez não tardou a evoluir ainda mais seu pensamento e sua escrita. “Em poucos meses, seu estilo e sua imaginação tinham-se imposto de tal maneira na redação, que o próprio Clemente Manuel Zabala não demorou a comentar que Gabriel não apenas chegaria longe no jornalismo, mas também como escritor” (SADÍVAR, 2000, p. 173). É necessário pontuar que a caminhada de García Márquez no jornalismo sempre esteve atrelada às leituras literárias e à necessidade de produzir textos. A publicação em periódicos surgiu para ele aos treze e aos quinze anos, primeiro com a revista *Juventud*, no Colégio San José, depois na *Gazeta Literária*, no Liceu Nacional de Rapazes. A escrita aprimorou-se no *El Espectador* e tomou consciência da responsabilidade pela realidade nacional no *El Universal*. Dessa maneira, os vinte meses que o autor passou nesse novo jornal, fazendo mais de quarenta matérias, marcaram um período muito significativo, porque “ao mesmo tempo em que nasce o jornalista nasce o escritor de verdade, enraizado em sua cultura caribenha” (SALDÍVAR, 2000, p. 173).

Considerando esse cenário, pode-se verificar que a mesma Bogotá que incentivou o escritor caribenho em seus ares intelectuais, mostrou a ele a necessidade de uma escrita reveladora e crítica da própria realidade. Logo, a correspondência entre literatura e realidade começou a se tornar algo muito presente para García Márquez. Esse era mais um passo rumo a descoberta sobre o próprio estilo de escrita. “É em Cartagena e em Baranquilla que García Márquez conseguirá algumas chaves que lhe permitam integrar literatura e realidade com a facilidade e urgência com que o mar entra na vida dos costinhos e que os costinhos entram no ambiente do mar” (SALDÍVAR, 2000, p. 174). Ademais, é necessário pontuar que Zabala, além de auxiliar na entrada de Márquez no *El Universal*, ajudou-o na sua formação como jornalista, influenciando-o com uma cultura humanística, literária e musical durante uma relação próxima de quase três anos.

Pouco tempo depois de iniciar suas publicações no *El Universal*, García Márquez começou a produzir o que pretendia ser seu primeiro romance. Em meio as suas leituras, percebeu que as experiências vividas em Aracataca, a casa dos seus avós maternos, assim como as histórias de guerras contadas pelo Coronel Nicolás Márquez e a exploração norte-americana

dos bananais da cidade natal valiam a pena a atenção e o enredo. *La casa* era o título pensado para esse romance. Contudo, a obra começou a tomar caráter informe e interminável. As bases que García Márquez tinha e planejava usar no enredo eram várias e muito sólidas, o pano de fundo teria que ser Aracataca carregada com as suas próprias vivências da infância, a cultura caribenha também deveria estar presente. Porém, como pontua Saldívar, o escritor precisou de dois anos para perceber que estava perdido e três ou quatro para convencer a si mesmo que necessitava de mais experiência para escrever o romance que desejava. A dificuldade não era sobre o que escrever, mas sim como escrever. *La casa* foi o embrião de *Cien años de soledad*, obra que precisou de mais quinze anos de experiência para poder ser contada. Os contratemplos com *La casa* levaram García Márquez a se dedicar a escrita de *La hojarasca*, além dos contos de *Olhos de cão azul* e seus textos jornalísticos. Curioso é perceber que mesmo *La hojarasca* já possuía os primeiros ares de Macondo. A inexperiência literária bloqueava García Márquez até certo ponto, mas de modo algum fazia ele estagnar em sua evolução como escritor. O processo de compreensão da grandiosidade de *Cien años de soledad* começa muito antes do “pelotão de fuzilamento” que o coronel Aureliano Buendía se encontrava, ele tem raiz em todo processo de vivência pessoal do escritor colombiano, reflexão sobre a história de seu próprio país, amadurecimento como leitor e autor de textos. Em *La casa* e *La hojarasca* já se viviam Aurelianos e Arcádios, apenas não se tinha consciência disso naquela época. Segundo Saldívar, *La hojarasca* passou por algumas reformulações até chegar em sua versão final. A escrita dessa obra se deu em Cartagena das Índias entre os últimos meses de 1948 e a obra teve sua reescrita em Barranquilla nos primeiros meses de 1950. Sobre essa obra, “temos um primeiro romance que, mesmo padecendo de irregularidades estruturais e estilísticas, anuncia inequivocamente a originalidade e a força criadora de García Márquez: é a obra que proclama o nascimento de Macondo” (SALDÍVAR, 2000, p. 187).

No final de 1949, García Márquez deixou Cartagena e retornou para Barranquilla. A carreira de jornalista continuou seguindo seu rumo. Em janeiro de 1950, o autor colombiano começou a trabalhar para o jornal *El Herald*, contribuindo com uma coluna diária chamada *La Jirafa*. Apesar da experiência significativa vinda do *El Universal*, o salário recebido era insuficiente, um dos motivos para a mudança do autor. Barranquilla oferecia, assim como Bogotá, pontos de encontro de García Márquez e seus amigos, para que eles pudessem refletir longamente sobre as impressões literárias obtidas a partir de diversas leituras. Álvaro Cepeda Samudio, Germán Vargas, Alfonso Fuenmayor, Alejandro Obregón, José Féli Fuenmayor e Ramón Vinyes frequentavam com García Márquez, a livraria Mundo, o café Colombia e dois bares, o Japi e o Roma. Além da troca sobre as leituras feitas, um outro aspecto na relação entre

o grupo literário e García Márquez é necessário pontuar. O grupo de Barranquilla esteve muito próximo às escritas do autor caribenho, há destaque para Germán Vargas que, a partir de seus conhecimentos sobre conto e romance, tornou-se um crítico dos originais que García Márquez lhe enviava, isso mostra que a formação de García Márquez também teve influência dos comentários e da recepção daqueles que lhe eram próximos. Saldívar (2000, p. 210) ressalta, contudo, que os frutos que o principiante escritor colheu com seus amigos em Barranquilla é consequência do que foi estimulado em Cartagena: “o reencontro com sua cultura caribenha, o descobrimento, a partir do mundo da sua infância, dos grandes temas e obsessões de sua obra, a busca de um estilo e de um método narrativo adequado à sua própria temática, a busca e a configuração de Macondo”, entre outros aspectos foram aparecendo e amadurecendo cada vez mais para o autor.

Pouco tempo depois do regresso à Barranquilla, García Márquez foi surpreendido por uma viagem que fez junto a Luisa Santiaga. A mãe pediu para que o filho a acompanhasse até Aracataca para poder vender a casa dos avós maternos do escritor. Essa viagem era o que faltava para que García Márquez descobrisse a maneira como deveria escrever seu romance. Nessa viagem, Aracataca foi considerada por ele como o lugar de sua infância, imutável, mas ao mesmo tempo muito transformada. Havia as mesmas ruas, casas e amendoeiras, mas as vias pareciam mais estreitas, as moradias menores e as árvores empoeiradas. Os meninos que tinham estudado com ele na escola Montessori, eram adultos sem futuro; os moradores mais velhos padeciam na pobreza e na solidão. Os catorze anos que o escritor passou entre Barranquilla, Zipaquirá, Bogotá, Cartagena, além dos rápidos reencontros com a família em Sucre, haviam transformado García Márquez, dando-lhe experiências significativas, mas esses anos também caíram sobre Aracataca e também a transformaram. O sentimento essencial era de que ele havia deixado o tempo para trás. Ao se distanciar de Aracataca, ele se distanciou de sua infância e, portanto, de uma parte de si mesmo. Esse tempo “perdido” nas memórias e que também está ligado aos avós, era o que deveria ser o centro de sua obra narrativa, porém, até aquele momento, esse aspecto não estava amadurecido para o autor. A viagem a Aracataca lhe proporcionou o que faltava e reafirmou o que ele tinha certeza em relação à sua própria escrita. O escritor tomou para si profundidade no tempo e no espaço, perspectiva que faltava em *La casa*. É válido dizer também que esse novo olhar sobre seu próprio estilo narrativo influenciou uma mudança igualmente qualitativa em suas produções jornalísticas. “Aquele momento de lucidez seria providencial para ele porque armou-o de uma paciência infinita e mostrou-lhe que o caminho para chegar ao lugar de onde havia saído e conhece-lo verdadeiramente pela primeira vez [...] era mais longo e acidentado do que ele acreditava” (SALDÍVAR, 2000, p. 248). Assim,

iniciou uma busca sobre informações mais detalhadas sobre a vida dos próprios avós maternos, investigando, por exemplo, onde e quando o casal havia chegado em Aracataca e quem foi o homem que o Coronel Nicolás Márquez matou. Assim, tem-se a verificação que:

É como se, ao deixar-se perambular pelos povoados e caminhos de seus antepassados, seus personagens também estivessem experimentando a necessidade de fazer a mesma coisa. [...] Na semente da semente havia encontrado os tempos perdidos superpostos que terminariam de nutrir sua obra de ficção, especialmente Cem anos de solidão. [...] Dali em diante viriam, é claro, grandes experiências complementares, mas o adubo fundamental já estava acumulado em sua memória e em sua sensibilidade. O resto seria, acima de tudo, um processo de sedimentação e reflexão, de constante e febril carpintaria literária (SALDÍVAR, 2000, p. 255).

Considerando o relato das próprias memórias, García Márquez (2003) pontua logo no início de sua narrativa sobre a importância dessa viagem até Aracataca. Em meio aos questionamentos feitos por Luisa Santiaga a respeito da renúncia do filho ao curso de Direito, o escritor declara que estar novamente nessa cidade fez com que ele compreendesse o que estava tentando fazer em *La casa*, assim como, visualizou as correspondências entre a própria realidade vivida e a ficção já criada em *La hojarasca*.

No final de janeiro de 1954, García Márquez retornou para Bogotá e para o *El Espectador*. O jornal lhe ofereceu um contrato de redator, com um salário de novecentos pesos por mês, isso influenciou sua participação no periódico por mais dezoito meses. Nesse período, ele trabalhou como editorialista, comentarista de cinema e repórter principal do vespertino de Bogotá. O retorno a essa cidade, depois de alguns anos de ausência, também lhe ajudou a criar a perspectiva que buscava sobre sua infância. “Além da grande tribuna de *El Espectador*, Bogotá lhe daria sobretudo perspectiva, uma perspectiva complementar para a reflexão e a sedimentação de tudo que tinha vivido, lido, escrito e investigado” (SALDÍVAR, 2000, p. 259). Pouco a pouco, García Márquez foi tendo espaço e confiança no *El Espectador*, afirmando seu estilo de escrita e transformando-se em um repórter respeitado. Saldívar explica que, nessa época, García Márquez costumava chegar na redação do jornal com olheiras e “cara amassada”, isso estava ligado ao trabalho com contos que, em paralelo à escrita dos textos jornalísticos, eram compostos nas noites bogotanas. Esse aspecto afirma que mesmo com os compromissos no *El Espectador*, García Márquez não deixou de lado a leitura e sua produção literária, pelo contrário, pode-se perceber que em todo momento, mesmo com o vai e vem de colaborações no periódico, o escritor não se ausentou da Literatura. Por vezes os textos jornalísticos inspiraram a escrita literária. Também é possível ressaltar a influência significativa, nessa época, que a amizade de Álvaro Mutis teve para García Márquez. Foi Mutis que apresentou ao

escritor colombiano a música clássica e as páginas de Dickens e Conrad. Essa amizade veio como um alento, uma vez que, além de Bogotá permanecer com sua atmosfera triste e chuvosa, a cidade padecia com a violência germinada pelo *Bogotazo*. Esse episódio sangrento havia trazido para a cidade “uma imigração maciça e desordenada, que acabou com seus hábitos de grande aldeia castelhana conservada em formol colonial e começou a transformá-la na metrópole espalhada e contraditória do futuro” (SALDÍVAR, 2000, p. 265). O período de amadurecimento de García Márquez como jornalista coincidiu com o período em que a Colômbia estava sob a ditadura do general Gustavo Rojas Pinilla e sofrendo uma grande violência. Dessa maneira, a maturidade do escritor estava em constante contato com os episódios de violência que assolavam o país, isso teve consequências definitivas em suas próprias obras literárias. A matança marcou não somente a história da Colômbia, mas também a própria consciência política que García Márquez teve. O contato com essa realidade fez com que o autor nutrisse cada vez mais uma postura própria no seu estilo de escrita, não somente como jornalista, mas como romancista também.

Em fevereiro de 1954, García Márquez começou a colaborar, de forma anônima, na seção “Dia a Dia”. As notas sobre cinema, publicadas nesse espaço, fizeram com que lhe fosse ofertado uma coluna semanal sobre a sétima arte. Segundo Saldívar, os meses como comentarista de cinema fez com que García Márquez se tornasse não apenas um dos pioneiros de crítica cinematográfica na Colômbia, mas um dos que acreditavam no potencial e na importância de um cinema nacional. Além da experiência com textos voltados para a crítica de filmes, *El Espectador* proporcionou a García Márquez a posição como jornalista enviado especial. O autor viajava para colher informações sobre um acontecimento especial e retornava para Bogotá para escrever sobre o que tinha encontrado. Reportagens como *Balanço e reconstrução da catástrofe de Antioquia*, *El Chocó que Colombia desconoce*, *De Corea a la realidad* e *La verdad sobre mi aventura* foram textos marcantes e importantes para a carreira do autor. O último título conta a situação vivida pelo naufrago Luis Alejandro Velasco, o que foi, anos mais tarde, convertido na obra *Relato de un naufrago*. García Márquez destaca, no texto sobre suas memórias, a enorme proporção que esse texto teve na época e o quão significativo foi escrevê-lo. Assim, o próprio autor declara:

Para preparar o leitor antes de jogar meu marinheiro no mar, decidimos começar o relato pelos últimos dias do marinheiro em Mobile. Também combinamos não terminar no momento de pisar em terra firme, mas quando chegasse a Cartagena aclamado pela multidão, que era o ponto a partir do qual os leitores podiam continuar por sua conta o fio da narração com as informações que já tinham sido publicadas (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003, p. 463).

O interesse do público foi expressivo, o texto era lido até mesmo no ônibus. O *El Espectador* era vendido rapidamente. García Márquez declarou ainda sobre essa grande adesão do público: “Acho que o interesse dos leitores começou por motivos humanitários, continuou por razões literárias e no fim, por considerações políticas, mas mantido sempre pela tensão interna do relato” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003, p. 467). Em paralelo a essas experiências, o primeiro Festival do Livro Colombiano fez, em 1959, uma edição de *La hojarasca* com uma tiragem de dez mil exemplares. O romance teve uma excelente crítica nos círculos intelectuais e literários de Bogotá. Eduardo Zalamea Borda e Hernando Téllez publicaram elogios à obra no *El Espectador*, Gonzalo Arango fez o mesmo em *El Colombiano*, sem contar os comentários promissores feitos pelos amigos de Barranquilla durante encontro informais. Assim, “a boa acolhida crítica de *O enterro do diabo* [*La hojarasca*], junto ao estrondoso êxito do relato do naufrago Luis Alejandro Velasco, acabaram de consolidar literariamente o nome de García Márquez em nível nacional” (SALDÍVAR, 2000, p. 281).

Julho de 1955 chegou com mais uma novidade para García Márquez, ele seguiu para a Europa como correspondente do *El Espectador*. A razão inicial era a conferência dos Quatro Grandes em Genebra, evento que reunia o general Eisenhower, o russo Bulgarin, o britânico Eden e o francês Faure. O escritor enviou, pois, duas matérias curtas e suas longas reportagens sobre o acontecimento que durou uma semana. De acordo com os interesses do jornal, García Márquez deveria seguir da Suíça para Itália, onde cobriria a XVI Mostra de Arte Cinematográfica de Veneza. A experiência na Europa fez o escritor colombiano compreender ainda mais seu próprio estilo de escrita, aprimorar seus conhecimentos de mundo e descobrir um novo olhar para a própria América Latina. Segundo Saldívar, Roma seria uma nascente de personagens e histórias para o autor colombiano. Enquanto o *El Espectador* publicava seus textos, García Márquez decidiu se matricular no curso de direção no Centro Experimental de Cinematografia. O roteiro, como gênero textual e literário, agradava-lhe muito e o entusiasmava o fato de poder estar próximo de uma de suas paixões: o cinema. Com a experiência adquirida com os textos críticos sobre a sétima arte, no próprio *El Espectador*, o autor buscava mais uma maneira de poder expressar suas ideias. Ele acreditava que a escrita de roteiros era o caminho necessário para se encontrar como literato e narrador. Contudo, o curso escolhido não focava somente na escrita de roteiros, abarcava outras questões (muitas vezes mais teóricas do que práticas) sobre o cinema. Isso começou a chatear García Márquez que tinha uma outra expectativa sobre as aulas. Com o tempo, sua “alergia ao academicismo” falou mais alto e ele começou a se ausentar das salas, como havia feito com o curso de Direito na longínqua Bogotá.

Mesmo sua experiência como terceiro assistente do diretor Alexandro Blasetti não o animou com a jornada no cinema. Em dezembro de 1953, o trem saído de Roma deixou García Márquez em Paris. Durante sua estadia na capital da França, “o romancista de Macondo [...] iria viver dois anos de gozos e sombras (profundas e inquietantes sombras), para escrever uma de suas obras mais perfeitas e adquirir uma perspectiva firme e nítida da Colômbia e da América Latina” (SALDÍVAR, 2000, p. 299). As experiências colhidas em Paris não foram somente intelectuais, mas de sobrevivência também. O jornal *El Espectador*, sob a pressão da ditadura de Rojas Pinilla, não aguentou e precisou ser fechado por mais de dois anos. García Márquez, por sua vez, recusou-se a voltar para a Colômbia. Conseguiu que Madame Lacroix, dona do Quartier Latin, aceitasse sua estadia no sótão do estabelecimento. Então, cada dia que se seguiu em Paris era uma vitória de sobrevivência para o escritor. Em meio a essa situação precária surgiu o romance dos panfletos que anos mais tarde ficou conhecido como *A má hora*. Segundo Saldívar (2000, p. 304):

O romance dos panfletos, como *La casa*, acabou sendo uma explosão de histórias e personagens que se multiplicavam pedindo espaços e tempos próprios. [...] A nova obra oferecia uma dificuldade adicional, pois ele queria escrever um romance para dar uma resposta, através de um tratamento direto da realidade e da linguagem, à situação de violência que seu país padecia fazia dez anos, [...] *A má hora* nasceria com a decidida vocação de ser um romance “sobre a ditadura de Rojas Pinilla”.

Também é necessário pontuar que, além da produção dessa obra, as experiências vividas nesses anos na Europa deram material para que García Márquez escrevesse *Os Doze contos peregrinos*, contudo, como adverte o biógrafo, é impossível saber, nesses contos, o limite entre realidade e literatura, uma vez que há apenas depoimentos do próprio García Márquez sobre as situações enfrentadas. O período de escassez em Paris sofreu uma melhora quando Plinio Mendoza, outro amigo próximo do escritor, começou a publicar artigos e reportagens de Márquez na revista *Élite*, em Caracas. Antes ainda do escritor voltar a América Latina, ele se aventurou pela Alemanha, Rússia, Ucrânia e por último Inglaterra. Pensou que se tinha sobrevivido em Paris, conseguiria sobreviver em Londres também, mas a estadia na capital inglesa não chegou a dois meses. Por essa época, havia iniciado também a narrativa do que seria *El coronel no tiene quien le escriba*. Enfim, após dois anos e meio de ter ido para Genebra como enviado especial de *El Espectador*, García Márquez, recomendado por Plinio Mendoza, foi convidado a trabalhar em Caracas, como redator da revista *Momentos*.

Segundo Saldívar, a relação de García Márquez com a Venezuela, até então, tinha raízes nas lembranças de infância quando, ainda em Aracataca, ouvia lições sobre Simón Bolívar, além das histórias dos exilados venezuelanos que chegaram em Aracataca com o objetivo de

construir uma vida melhor. O retorno a América Latina fez com que García Márquez não somente assumisse um novo trabalho na área jornalística, mas decidisse também casar-se com Mercedes Raquel Barcha Prado. Três meses depois de ter se instalado em Caracas, o escritor colombiano voou até Barranquilla, onde a noiva lhe esperava pacientemente durante todos esses anos. Casaram-se no dia 21 de março de 1958, quatro anos depois de terem ficado noivos. Mercedes se mudou para Caracas com o marido e foi para ele uma das pessoas que mais o apoiou e o ajudou, principalmente na época de escrita de *Cien años de soledad*. “Recém-casado e com 31 anos de idade, García Márquez havia adquirido uma grande maturidade [...] humana e intelectual, política e ideológica, literária e jornalística, e se dava ao luxo de escrever com profusão, fluidez, graça e beleza” (SALDÍVAR, 2000, p. 336). Até este momento, é possível perceber que tudo o que foi vivido pelo escritor, desde suas primeiras contribuições jornalísticas e literárias, as conversas com diversos amigos, até as experiências na Europa, o formaram como escritor e influenciaram na maneira como ele refletia sobre a América Latina, a Colômbia e si mesmo. Cada situação vivenciada contribuiu para o amadurecimento de García Márquez como autor.

Em Caracas, à parte de suas produções literárias, García Márquez trabalhou por um tempo na revista *Momento*, a qual se desligou por não concordar com a postura de Carlos Ramírez MacGregor, diretor do suplemento. Em seguida, precisou trabalhar na *Venezuela Gráfica*, um pouco a contragosto devido ao fato dessa revista não ser levada tão a sério. Certo tempo depois, novamente por intermédio do amigo Plinio Mendoza, García Márquez foi convidado a participar da *Prensa Latina*, a nova agência noticiosa da revolução cubana. A proposta lhe agradou, uma vez que mostrava-se ser “trabalho independente dos centros capitalistas internacionais de opinião e de acordo com suas convicções ideológicas e políticas” (SALDÍVAR, 2000, p. 340). Dessa maneira, García Márquez mudou-se, mais uma vez, para a fria Bogotá, mas agora trazia Mercedes com ele. A respeito da esposa do escritor, nessa época, tem-se que Mercedes “a poucos meses de dar à luz, usava cabelos curtos, negros como seus olhos, e se resguardava entre cachecóis e calças compridas do frio bogotano. [...] tinha se revelado uma mulher serena, sensata e bem informada: a melhor companhia do escritor” (SALDÍVAR, 2000, p. 341). O biógrafo aponta que o fato de García Márquez ter aceitado trabalhar na *Prensa Latina* era porque ele acreditava que governantes como Fidel Castro haviam encontrado um caminho diferente para conduzir a América Latina, contudo, apesar de suas inclinações para as propostas políticas de esquerda, García Márquez nunca se declarou comunista. Depois de se ter adaptado às tarefas da agência cubana, foi proposto ao escritor que fosse para o Canadá abrir uma representante da *Prensa Latina*. Em 1961, Márquez seguiu com

Mercedes e Rodrigo, seu primeiro filho, para Nova York com o intuito de conseguirem vistos para Montreal. Os vistos não foram concedidos e a família permaneceu nos Estados Unidos, uma vez que havia falta de pessoal na sucursal da agência residida no território norte-americano. Decorrido algum tempo, o colombiano decidiu se desligar da *Prensa Latina* devido a ameaças internas. Solicitou passagens aéreas de regresso para ele, esposa e filho, pois tinha a intenção de se instalar no México. O pedido foi negado com a justificativa de que o autor estava saindo por conta própria e, por isso, a agência não tinha o dever de lhe “trazer para casa”. Nesse momento, iniciou-se mais uma peregrinação de García Márquez, mais dias difíceis, assimilando-se quase à época de sobrevivência em Paris. A diferença é que a luta pela sobrevivência se dava na tentativa de voltar para a América Latina e não na intenção de permanecer em terras estrangeiras. Fizeram o percurso de ônibus e após uma jornada de vários dias chegaram na Cidade do México. Era domingo, 2 de julho de 1961, e Álvaro Mutis aguardava os Márquez na estação de trem.

Apesar do trabalho de García Márquez, na época, já ser conhecido pelos círculos intelectuais mexicanos, durante os dois primeiros meses no país o autor não conseguiu arrumar emprego. Conseguiu, nesse início, apenas dois pagamentos pequenos por contribuições eventuais na *Revista Universidad de México* e pelos comentários que lia na *Rádio Universidad*. O início se deu de modo tão traumático que era difícil, nessa época, acreditar que seria no México que aconteceria o salto definitivo para alcançar a sua glória universal na área da literatura. No entanto, antes de García Márquez dirigir todas as suas forças criativas para a escrita de *Cien años de soledad*, o escritor passou por um período dedicado ao cinema mexicano. “Um dos objetivos que o haviam levado ao México era ‘fazer cinema’. Os outros dois eram buscar uma plataforma editorial de alcance continental e continuar escrevendo” (SALDÍVAR, 2000, p. 368). A primeira oportunidade de ficar próximo do cinema se deu quando García Márquez trabalhou para o produtor Manuel Barbachano Ponce (um dos fundadores do cinema independente mexicano) na adaptação de *O galo de ouro*. O biógrafo do escritor pontua que com essa oportunidade, García Márquez pensou ter enfim encontrado aquilo que estava procurando desde os tempos passados em Roma: doar-se para o cinema até conseguir um romance em imagens. O autor colombiano escreveu em poucos meses o roteiro que lhe era designado, contudo, apesar do texto estar bem-feito, o filme, dirigido por Ricardo Gavaldón, foi um fracasso. A aproximação e leitura dos textos de Juan Rulfo (que de início eram necessárias para a adaptação para o roteiro de cinema) influenciaram na escrita dos romances de García Márquez. Na verdade, antes mesmo de ser um “dever” para o trabalho na área cinematográfica, a leitura dos textos de Rulfo estavam presentes no momento em que García

Márquez pediu para que Álvaro Mutis lhe indicasse quais eram os escritores e obras que ele deveria ler no México. Mutis, por sua vez, levou até o amigo *Pedro Páramo* e *O planalto em chamas*, obras de Rulfo. “Rulfo deixou García Márquez quase louco: aprendeu de cor e recitava a qualquer um que se dispusesse a escutá-lo. Durante o resto daquele ano, conforme confessaria depois, não conseguiu ler nada mais, porque tudo parecia literatura inferior” (SALDÍVAR, 2000, p. 367). Saldívar (2000, p. 380) ressalta que o trabalho direcionado para os roteiros foi de grande valia para o escritor, uma vez que, a partir da compreensão da técnica de escrita de Rulfo, García Márquez conseguiu as “chaves” que lhe conduziram para a escrita de *Cien años de soledad*. Apesar da experiência significativa que García Márquez pode ter com o cinema, não tardou para que o escritor percebesse que ele não conseguiria se encaixar nessa área. A maneira como os produtores exigiam a escrita dos roteiros fez logo García Márquez “jogar a toalha”. Ele entendeu que em torno da produção artística visual imperava uma indústria comercial complexa e contraditória, na qual o roteirista tinha que seguir os padrões demarcados e, como consequência disso, perdia-se a própria identidade como autor. Assim, tendo em vista o que o escritor estava vivenciando:

O problema era que García Márquez sempre havia pensado que o cinema seria o meio mais adequado para contar tudo que queria contar, e agora, após dois anos de brigas com o celuloide, tinha que admitir com toda a humanidade que, diante do romance, o cinema não apenas era um meio de expressão mais limitado, mas que, ao sabor dos gostos, caprichos e interesses de produtores e diretores, era muito pouco o que dava para fazer com ele (SALDÍVAR, 2000, p. 382).

Depois de ter compreendido, e talvez superado, a própria experiência com o cinema, além de ter refletido mais sobre as leituras feitas no novo país e conseguido se estabilizar economicamente, García Márquez visualizou (durante uma viagem em família para Acapulco) a maneira como deveria escrever *La casa*. Aqui, cabe ressaltar uma pequena reflexão: a maneira como os biógrafos, inclusive Saldívar, pontuam esse momento da vida do escritor, às vezes pode ser interpretada como uma revelação natural, como se uma lâmpada simplesmente tivesse acendido na cabeça do escritor. Ora, não se deve tirar a beleza do momento, tampouco ignorá-la, entretanto, mais importante do que o momento de epifania foram os anos de leitura, formação crítica, amadurecimento pessoal e profissional de García Márquez. O momento entrevisto em Acapulco, a certeza do modo de como escrever o grande romance de Macondo, foi a consequência de muitos anos se desenvolvendo como escritor. É necessário pontuar que já nessa época a família de García Márquez tinha crescido. Quando Rodrigo estava para completar três anos, nasceu Gonzalo e com o filho caçula vieram também alguns “filhos literários”. O ano de 1962 foi marcado também pelas primeiras edições de *El coronel no tiene quien le escriba*, *Los*

funerales de la Mamá Grande e *La mala hora*. Segundo Saldívar, ainda que se tenha algumas dúvidas sobre a data precisa, o mais provável é que a escrita de *Cien años de soledad* se deu em meados de junho de 1965. No momento em que García Márquez teve certeza de como escrever o seu romance, comunicou a Mercedes que precisaria de pelo menos seis meses de dedicação à sua escrita (na verdade, foram catorze). A esposa, por sua vez, acreditando no potencial criativo do escritor, fez o que pôde e como pôde para segurar as contas da casa e garantir o mínimo para a família. Ela conseguiu, entre outras coisas, que o aluguel da casa lhe fosse fiado, assim como o açougue. Nos últimos tempos de dificuldade, começou a vender o que podia para conseguir algum dinheiro. Além da poderosa administração de Mercedes, os Márquez contaram com a ajuda de alguns amigos, entre eles Álvaro Mutis. O romance, que estaria incubado há dezessete anos, estava sendo criado. “O escritor viu claro aonde havia estado tentando chegar desde que escreveu seu primeiro conto [...] a solução do tom vinha resolvendo-se de forma natural e coerente em suas narrativas anteriores” (SALDÍVAR, 2000, p. 390).

Durante os meses de escrita do romance dos Buendías, dois casais de amigos estiveram presentes na casa dos García Márquez. María Luisa Elío e Jomí García Ascot com Carmen e Álvaro Mutis acompanharam a produção da obra. Os García-Elío liam o romance na medida em que García Márquez escrevia, sendo eles “os maiores propagandistas das excelências do romance *in progress*” (SALDÍVAR, 2000, p. 398). Álvaro Mutis, apesar de escutar comentários sobre os acontecimentos criados na obra, negou-se desde o início a ler a produção em partes. O amigo queria a obra completa para “devorá-la” de uma só vez. Isso não significa que Mutis não tenha estado próximo a *Cien años de soledad* durante sua escrita, pelo contrário, o amigo de García Márquez ouvia e filtrava os relatos sobre os capítulos, muitas vezes opinando sobre determinada situação que García Márquez estava criando. Quando finalizada, García Márquez e Mercedes foram até os correios enviar o original de Macondo para Buenos Aires. A obra foi publicada pela Sudamericana, por intermédio de Paco Porrúa em 1967. O envio do romance teve que ser feito em duas partes, pois os García Márquez não tinham dinheiro suficiente para enviar a obra completa, mas sabiam que os tempos de penúria estavam por acabar. A publicação de *Cien años de soledad* foi um estouro de vendas. Os editores tinham planejado, no início, uma tiragem de cinco mil exemplares, elevaram esse número para oito mil, porém, nem de perto foi suficiente. “E assim começou o jorro amazônico que, só no mundo de fala castelhana, venderia seiscentos e cinquenta mil exemplares em três anos e, em oito, dois milhões” (SALDÍVAR, 2000, p. 405). Macondo e os Buendías mudaram a vida de García Márquez e de sua família para sempre. Ele passou a ser não somente um escritor colombiano, mas um escritor

latino-americano. A propagação da sua obra, além do talento indiscutível de escrita e criação, também contou com comentários de editores, jornalistas, críticos, leitores da cidade de Buenos Aires e, é claro, seus amigos de longa data. Nos primeiros anos de sua publicação, a obra foi traduzida para os principais idiomas do Ocidente e premiada na França e na Itália em 1969, com o *Prix du Meilleur livre étranger* e com o *Prêmio Chianchiano*. Seguindo tradução na Inglaterra, Dinamarca, Finlândia, Suécia, Noruega, Holanda, Rússia, Hungria, Polônia, Romênia, Tchecoslováquia, Ioguslândia (em duas versões: servo-croata e esloveno), Japão, Portugal e Brasil. Mais tarde, em 1982, veio a “joia da coroa”, o Prêmio Nobel de Literatura.

Considerando a trajetória de García Márquez desde sua infância em Aracataca até a escrita de seu grande romance no México, é possível afirmar que *Cien años de soledad* é, além de sua obra-prima, o resultado das experiências vividas e do amadurecimento desenvolvido nas leituras tecidas e nos textos jornalísticos e literários escritos. Ao ler a obra, pode-se verificar que Macondo fala por si mesma, a cidade dos Buendías traz as informações necessárias para que se compreenda aquele mundo criado, contudo, ao atentar-se para os percursos vividos pelo autor, além, é claro, da história da Colômbia, percebe-se Macondo de uma maneira mais particular e até mesmo mais minuciosa. Compreender García Márquez é compreender Macondo e vice-versa.

3 AS POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA

Ao escrever *Cien años de soledad* (2014), García Márquez apresenta ao leitor uma narrativa que se entrelaça, de modo muito tênue, à realidade histórica do próprio país – a Colômbia. Os traços históricos escolhidos e trabalhados pelo escritor durante o texto ficcional vão sendo ressaltados na medida em que o leitor de Macondo torna-se curioso buscando informações sobre a Colômbia e a América Latina. A relação entre Literatura e História, presente no enredo sobre os Buendías, não é mera coincidência ou escolha inocente, ao trabalhar temas da realidade colombiana, García Márquez fez um tributo ao próprio passado de sua nação e de sua família. A proximidade entre essas duas áreas do conhecimento é algo comum e interessante de ser analisado, uma vez que Literatura e História se influenciam mutuamente e se enriquecem da mesma forma.

De acordo com Borges (2010, p. 108), “a Literatura, seja ela expressa nos gêneros crônica, conto ou romance, apresenta-se como uma configuração poética do real, que também agrega o imaginado, impondo-se como uma categoria de fonte especial para a História cultural de uma sociedade”, logo, a relação que a Literatura é capaz de criar com o real pode ser de cunho significativo para a História também, uma vez que a obra literária é um produto social, uma criação muitas vezes inspirada no meio e na época em que o autor está inserido. Dessa maneira, é possível afirmar que ao analisar a relação entre a Literatura e a História na obra de García Márquez não apenas se verifica traços que corroboram com a realidade, mas se compreende outros fatores que estão ligados a isso, como o “clima” do período experienciado pelo autor durante seu amadurecimento como escritor. A noção de realidade e História, a qual pode ser expressa por um passado distante ou próximo, é algo que se apresenta de modo muito entrelaçado. A realidade que García Márquez vivenciou faz parte de um período histórico, o qual o próprio autor estava sofrendo influências. A criação literária de Macondo faz alusão a períodos históricos longínquos da Colômbia, mas também expressa a realidade (que também é histórica) do próprio período de García Márquez. É necessário perceber que a relação entre essas duas áreas do conhecimento está na abordagem de situações anteriores ao próprio autor, como é o caso do Massacre das Bananas, mas também nas próprias relações sociais tecidas no meio que o próprio García Márquez é protagonista. Tendo isso em vista, é possível analisar como a Literatura trabalha com o real, as diferenças entre textos históricos e literários, além da importância que as obras literárias, principalmente *Cien años de soledad*, apresentam para os estudos historiográficos.

Dessa maneira, este capítulo tem como objetivo explicar possíveis relações entre a Literatura e a História com ênfase na aproximação da realidade colombiana apresentada por García Márquez na obra sobre os Buendías. Como metodologia para tal reflexão, optou-se por esclarecer conceitos teóricos que rodeiam a discussão sobre a relação entre essas duas áreas e, junto a isso, apresentar interpretações sobre *Cien años de soledad*, evidenciando episódios apresentados na ficção que correspondem a situações vivenciadas na realidade, além de pontuar sobre a influência que a própria época, em que García Márquez estava inserido, exerceu na criação literária dele. Esclarece-se também, de modo breve, a respeito do período latino-americano conhecido como *boom*, verificando os aspectos que compõem esse fenômeno na Literatura e como eles estão presentes na obra de García Márquez. Para tanto, as reflexões de Torre (2017), Pesavento (2003), Martins (2015), Borges (2010), Candido (1965) são pertinentes para este estudo, ademais, pontua-se sobre pensamentos elaborados por Carlo Ginzburg, Nicolau Sevcenko e Roger Chartier.

3.1 TEXTO LITERÁRIO E TEXTO HISTÓRICO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Considerando um olhar mais atento e reflexivo para a obra *Cien años de soledad* (2014) é evidente a possível aproximação entre a escrita literária composta e os fatos históricos vivenciados e conhecidos por García Márquez. Tais fatos históricos podem ser relacionados à História da Colômbia, sendo vistos a partir de três possíveis objetivos: trazer à tona uma crítica sobre as situações enfrentadas pelo país; documentar em meio a narrativa ficcional aquilo que ocorreu na realidade, fazendo com que o enredo se torne uma espécie de “evidência” do real; fazer com que o outro, os leitores, conheçam a História colombiana, tenham contato com a História do país ao mesmo tempo em que vão conhecendo a trama dos Buendías. É claro que tais propósitos são postos de maneira hipotética, visto que não é possível afirmar sobre a real intenção do autor. Torre em sua tese intitulada *Literatura, História e memória em Gabriel García Márquez* (2017) também apresenta consideração sobre um possível fundamento que tenha motivado García Márquez a referenciar a História da Colômbia na obra literária, a autora afirma que, de acordo com o historiador Nicolás Pernet, a geração de García Márquez aprendeu sobre a História do próprio país em obras que edificavam a epopeia nacional, seguindo uma orientação conservadora, dessa forma:

Ao ler os livros sobre a História do país e confrontar as informações com o que seus avós lhe haviam contado, o escritor colombiano percebeu que havia muitas discrepâncias. Nesse aspecto é que se encontra, para Pernet, o motivo pelo qual García Márquez abordou, em suas obras, elementos da História do país (TORRE, 2017, p. 117).

Certo é que ao se aproximar de Macondo e da família de José Arcádio Buendía e Úrsula Iguarán, pode-se conhecer também a História dos colombianos. Dessa maneira, configura-se uma linha tênue entre a ficção e o real, uma vez que há um engajamento mútuo entre a Literatura e a História. Enquanto a História contribui para a composição da narrativa ficcional, a ficção contribui para a reflexão dos acontecimentos históricos, visto que, ao ler García Márquez, pode-se conhecer a História a partir de um outro ponto de vista.

Tendo em vista a aproximação entre a Literatura e a História transposta no enredo de García Márquez (2014), Torre pondera que as referências apresentadas sobre a História colombiana se dão a partir das perspectivas dos personagens criados pelo autor literário, desse modo, o romance não pode ser visto como uma reprodução histórica, mas sim como um texto que alude aos aspectos históricos e traz movimentos de reflexão sobre eles, entrevistados, portanto, na narrativa ficcional. A estudiosa aponta também que os temas históricos abordados eram marginalizados na época da produção da obra, logo, ao abordá-los a partir dos Buendías, García Márquez realiza uma crítica a História oficial da Colômbia, além disso, o fato da História ser contada a partir do ponto de vista dos personagens faz com que o fato histórico assumo o “olhar” cotidiano, tal como foi vivenciado na realidade, “tais personagens não são grandes heróis da História colombiana, sendo aqueles que foram vencidos – como o Coronel Aureliano Buendía – ou testemunha de um massacre forçosamente esquecido – como José Arcádio Segundo” (TORRE, 2017, p. 93).

O diálogo entre Literatura e História é algo que há muito se tem desenvolvido e aprofundado. Não se pode negar que há uma gama extensa de textos e teóricos que abordam essa relação e refletem sobre a colaboração mútua que se estabelece entre essas duas áreas do conhecimento. A historiadora Sandra J. Pesavento em seu texto *O mundo como texto: leituras da História e da Literatura* (2003), afirma que para compreender a relação entre esses dois campos do conhecimento é necessário movimentos de aproximação e distanciamento, reconhecendo-os como diferentes formas de “dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real”. Pode-se reconhecer que, ao abordar um fato em uma determinada narrativa, tanto a Literatura quanto a História representam questões ou situações que são pertinentes a um público de sua época e também a um leitor futuro. Ao explicar como essas duas áreas podem ser aproximadas, a estudiosa expõe a origem da palavra ficção, explicando

que, segundo o dicionário Aurélio, há duas maneiras possíveis de se interpretar tal vocábulo: ato ou efeito de fingir, simulação, fingimento, ou coisa imaginária, fantasia, invenção, criação. Tais acepções estariam voltadas a algo não verdadeiro, tal fantasia poderia, dessa maneira, aproximar-se da Literatura. Essa seria, portanto, uma definição comum. Contudo, Pesavento pontua outras considerações sobre o termo ficção, essas advindas de Carlo Ginzburg, esclarecendo que, para o historiador italiano, a ficção estaria “ligada a *figulus*, oleiro, que implica uma construção a partir do real. Nessa acepção, [...] a *fictio* representaria, de forma positiva e construtiva, uma saída entre a verdade e a mentira, lugar que seria ocupado [...] pela Literatura e... pela História” (PESAVENTO, 2003, p. 34). A autora afirma que situar a ficção para além do verdadeiro e do falso, ou seja, pensar sobre o termo para além de uma definição mais habitual, requer refletir sobre a importância do imaginário para o ser, como capacidade humana que possibilita “recriar o mundo por um mundo paralelo de sinais e nele viver; é também admitir que [...] tudo o que existe é identificado, percebido, nomeado, qualificado e expresso pelo pensamento e pela linguagem. Estamos, pois, diante de uma *construção social da realidade*” (PESAVENTO, 2003, p. 35), assim, pode-se dizer que a Literatura e a História são formas de recriação do mundo, são diferentes discursos portadores de um imaginário. Ora, ao se deparar com um texto histórico é necessário o recurso da imaginação para compreender e “visualizar” o que o historiador está narrando, o mesmo ocorre com um texto literário, entretanto, para a História é fundamental que tudo o que seja narrado tenha de fato ocorrido. Pesavento (2003, p. 35) adverte que “o *como* [ocorreu] é fruto das escolhas e estratégias ficcionais do historiador, mas é preciso que algo tenha realmente ocorrido”. Dessa maneira, o exercício ficcional de escrita da História encontra limites, o que não ocorre com a Literatura. É possível refletir, a partir dessas considerações que a ficção pode ser pensada também como um recurso textual, uma maneira de contar algo para alguém. Esse recurso pode ser utilizado por historiadores e literários. Algo que aproxima as duas áreas, se assim for pensado, mas aponta uma ressalva que as diferencia: a veracidade do que está sendo narrado. Não é correto desqualificar o senso habitual da palavra ficção, todavia, faz-se interessante compreender também um outro viés de interpretação, esse que, por vezes, auxilia a entender um dos possíveis aspectos que aproxima a Literatura e a História.

Haja vista tal possibilidade de aproximação, pode-se citar reflexões tidas em Torre (2017) a respeito das referências ao passado histórico da Colômbia e da América Latina em *Cien años de soledad*. A estudiosa explica que há duas passagens significativas em García Márquez, as quais aludem a indícios da colonização espanhola, uma delas se refere ao episódio em que José Arcádio Buendía e uma expedição, organizada por ele mesmo, encontram o galeão

espanhol; a outra diz respeito à mudança da família de Úrsula para outro povoado, devido ao assalto, liderado por Francis Drake, em Riohacha no século XVI. Para Torre, essas são evidências da colonização nas terras habitadas pelos Buendías. Analisando a exemplificação em Torre e a reflexão sobre a palavra ficção em Ginzburg, pode-se afirmar que o que García Márquez fez nessas duas passagens foi estreitar a linha entre o verdadeiro e o falso, utilizar-se da ficção como recurso para apresentar uma interpretação do real. Além disso, a viagem empreendida pelos personagens para a fundação de um povoado em terras até então desconhecidas “fornece uma leitura em que se pode ver esse episódio como uma referência ao povoamento das colônias espanholas e portuguesas no novo mundo” (TORRE, 2017, p. 94). A terra habitada remete a um lugar virgem. Torre esclarece que García Márquez faz uma inversão na narrativa, os personagens não vêm do mar, como os colonizadores, pelo contrário, os Buendías e aqueles que os seguiam vinham do interior do continente e não alcançam o mar. Aqui há um exemplo de que o exercício ficcional de escrita da Literatura mesmo quando alude à História, não é “refém” da realidade, contudo, apresenta uma construção social da realidade.

Martins (2015), ao interpretar as reflexões advindas de Pesavento, concorda que a grande diferença entre a Literatura e a História é que o campo histórico tem como objetivo estar cada vez mais próximo da verdade relacionada ao passado, já a esfera literária não tem esse comprometimento, ela pode tratar do real, contudo, isso não se impõe como uma obrigatoriedade. Martins ressalta também, a partir de considerações pontuadas por Nicolau Sevcenko em *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, que a Literatura é, em primeiro plano, um produto artístico com o ofício de comover e agradar o leitor, contudo, verifica-se que a Literatura também é produto de seu tempo, ela reflete as condições socioculturais do meio que os autores se inserem (SEVCENKO, 2003, p. 29 apud MARTINS, 2015, p. 3892). Logo, como produto de seu próprio tempo, a Literatura está intrinsecamente relacionada ao seu próprio período histórico, “mesmo que um livro de ficção não retrate personagens que existiram, o que se observa muitas vezes são livros que trazem situações que foram muito comuns à época em que o livro se passa, ou ainda personagens baseados em uma ou várias pessoas que de fato viveram” (MARTINS, 2015, p. 3892). É o que ocorre com o personagem de José Arcádio Segundo no episódio do massacre dos trabalhadores em Macondo. O personagem não reflete um homem específico que participou do embate ocorrido em Aracataca conhecido como Massacre das Bananas, José Arcádio Segundo retrata o acontecimento como um todo, ele é a representação da consciência das famílias ou dos sobreviventes do acontecimento histórico, o personagem de García Márquez é a crítica sobre o número incerto de mortos e a reflexão, mesmo que ficcional, da barbárie que

foi essa situação para a cidade natal do escritor e também para a Colômbia. Portanto, mesmo que não tenha existido um José Arcádio Segundo tal como retratado na obra, o que se tem são muitas pessoas que passaram pelo massacre que a *United Fruit Company* causou na realidade. Torre (2017, p. 103 e 104) também cita essa passagem de García Márquez, corroborando com as reflexões apresentadas anteriormente:

José Arcádio Segundo vivenciou a História do massacre da companhia bananeira, sendo desacreditado por todos, que pensavam que estava louco, ao relatar a história dos vagões que transportavam os mortos. [...] Esse personagem vivencia essa disputa de relatos sobre o massacre, ou seja, é a sua memória, o seu testemunho, contra o relato oficial do governo, que defendia os interesses da companhia.

Borges em *História e Literatura: algumas considerações* (2010) explica, a partir de considerações advindas de Chartier, que todo documento (literário ou não) é representação do real e não é possível desvincular da realidade em que o texto foi construído. Dessa maneira, “contextualizar o texto com o qual se trabalha é indispensável para elucidar o lugar em que foi produzido, seu estilo, sua linguagem, a história do autor, a sociedade que envolve e penetra o escritor e seu texto” (BORGES, 2010, p. 96). Isso corrobora com a ideia de que o autor é produto de seu próprio meio e, assim, a obra produzida por ele também é. Ao analisar as correspondências históricas em um texto, é interessante se atentar ao fato de que tudo o que compõe o ambiente ao qual o autor está inserido pode ser capaz de influenciar a produção do texto. Nesse sentido, é impossível não refletir sobre a época em que viveu García Márquez, as experiências que o auxiliaram a amadurecer como literato, os ambientes sociais dos quais ele fazia parte, tudo isso faz parte do real e se exprime em Macondo. Toda essa bagagem construída pelo escritor literário, suas próprias experiências históricas (como a presença no dia do atentado de Jorge Eliécer Gaitán, em Bogotá) ou a compreensão sobre a História da Colômbia a partir da fala dos avós maternos (como o relato sobre o Massacre das Bananas, em Aracataca) deixaram marcas em García Márquez, as quais ele, de alguma maneira, sentiu a necessidade de recontá-las a partir do enredo dos Buendías. Borges explica também que as representações do mundo social se relacionam com múltiplos, complexos e diferenciados interesses sociais. O estudioso pondera, ainda considerando Chartier, que a partir da consciência sobre o interesse social, é necessário “relacionar os discursos proferidos com a posição social de quem os produz [...], visto que as percepções do social não são neutras; produzem e revelam estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade, uma hierarquia, um projeto, uma escolha” (BORGES, 2010, p. 96). Assim, é possível afirmar que as correspondências históricas presentes em *Cien años de soledad* não se configuram por escolhas desprezíveis de García Márquez,

ao contrário, são reflexos de tudo o que se apresentou para o autor literário e que ele, de alguma maneira, selecionou para a sua composição artística. Se verificado dessa maneira, a proximidade entre Literatura e História se faz, durante a criação do enredo, a todo o momento, não é somente sobre o marco histórico anterior ao próprio autor, mas também sobre toda a historicidade de seu próprio tempo, o que ele mesmo vive. Claro que, mesmo com as diferenças entre essas duas áreas do conhecimento, a maneira como elas se articulam é muito próxima, apresentando um enriquecimento mútuo.

Ainda sobre a diferença que se estabelece entre esses dois campos, Borges declara a História “como processo social e como disciplina, e a Literatura, como uma forma de expressão artística da sociedade possuidora de historicidade e como fonte documental para a produção do conhecimento histórico” (BORGES, 2010, p. 94 apud MARTINS, 2015, p. 3890). Aqui cabe uma reflexão, um leitor ou pesquisador que está interessado em conhecer, por exemplo, sobre a *Guerra de los Mil Días*, encontrará informações importantes e pertinentes na obra *Historia concisa de Colombia (1810-2013)*, de LaRosa & Mejía (2013), texto de caráter histórico que pontua situações sobre o embate de maneira cronológica, destacando aqueles que estavam participando da guerra, as consequências da batalha para o país e demais detalhes significativos para a compreensão desse marco da História da Colômbia. As mais de trinta lutas armadas enfrentadas pelo Coronel Aureliano Buendía na narrativa de García Márquez (2014) aludem à *Guerra de los Mil Días* e, mesmo de maneira ficcional, trazem reflexões sobre o acontecimento. Remetendo ao trecho citado de Borges, a Literatura de García Márquez com toda sua expressão artística, traz, no exemplo da guerra, a historicidade da Colômbia, tornando-se uma fonte documental para a reflexão do real. A respeito disso, pode-se citar Ginzburg (2007, p. 8 e 9 apud BORGES 2010, p. 104), o historiador assegura que, considerando as narrativas ficcionais e as históricas, existe uma “contenda pela representação da realidade”, “um conflito feito de desafios, empréstimos recíprocos, hibridismos”, o qual é necessário verificar com atenção. Considerações sobre a relação entre a *Guerra de los Mil Días* e as guerras do Coronel Aureliano também podem ser encontradas em Torre (2017). A estudiosa pontua sobre situações apresentadas na narrativa de García Márquez que culminaram nas guerras e podem ser consideradas uma referência à História latino-americana. Para a autora, o estabelecimento das instituições em Macondo como, por exemplo, a figura do Sr. Apolinar Moscote e a criação das leis do Estado no povoado “podem ser lidos como uma alusão à criação dos Estados nações na América Latina” (TORRE, 2017, p. 95). A partir desse momento, a narrativa apresenta situações que envolvem as eleições entre liberais e conservadores que culminam, assim como na realidade histórica da Colômbia, em guerras civis. Torre (2017, p. 97) aponta que García

Márquez apresenta uma crítica sobre a realidade do próprio país, uma vez que delinea no personagem do Coronel Aureliano Buendía a reflexão de que ele mesmo, o personagem, “sabe que luta por orgulho, pois considera que os interesses dos liberais e dos conservadores são abstratos para a população do país e para todos aqueles que estavam nos exércitos de ambos os lados e que lutavam por alguma coisa que [...] não significava nada para ninguém”. A crítica se estende a possível leitura de que o Coronel se convence do vazio da guerra, de modo que o que importava para os partidos eram os cargos políticos que poderiam ser alcançados e não o bem da população. A estudiosa ressalta que tais reflexões apontadas pela Literatura sugerem, também, as frustrações que acometiam os “heróis latino-americanos”, aqueles que estavam presentes em campos de batalha. É necessário pontuar que em certo momento da narrativa, o Coronel Aureliano em conjunto com o General Moncada discutem sobre um regime humanitário, promovendo a união de elementos populares de ambos os partidos, “nessas reflexões do coronel, podemos perceber a presença de um desejo de transformação da sociedade, e de luta contra o despotismo, a corrupção e o autoritarismo, ou seja, uma crítica, voltada para a política dos regimes instaurados na América Latina” (TORRE, 2017, p. 99).

Pesavento (2003, p. 32) explica que se for comparada a relação entre Literatura e História ao longo dos anos, pode-se destacar que no século XIX, cabia a Literatura ser o “sorriso da sociedade”, enquanto “a História se valia da Literatura como um recurso ilustrativo de uma afirmação sobre o passado, para confirmação de um fato ou ideia”, contudo, nos anos 1960 e 1970 (período o qual a obra *Cien años de soledad* estava sendo produzida e publicada), “a Literatura se definia como engajada e militante, portadora de um compromisso definido com o social”. Assim, pode-se notar que a Literatura não se “apodera” da História como um simples fator de “criação”, há um propósito para essa relação, de modo que o enredo não se torne um reflexo da realidade, mas uma reflexão sobre ela. O “compromisso com o social”, citado por Pesavento, pode ser interpretado como a necessidade que o autor pode sentir de fazer com que sua obra seja um instrumento social, seja ele de mudança, de conscientização sobre marco histórico ou de caráter documental, uma obra que além de proporcionar fruição literária possa trazer conhecimento histórico para seu leitor. García Márquez apresenta tal compromisso ao escrever sobre Macondo. A grandiosidade da obra fala por si só e indica que o autor não estava querendo apenas contar uma história qualquer, sua postura nunca fora ingênua. Pesavento (2003, p. 32) pontua ainda que:

Hoje, são outras as questões que articulam o debate, que aproximam e entrecruzam as narrativas histórica e literária, entendendo-as como discursos que respondem às indagações dos homens sobre o mundo, em todas as épocas. Narrativas que

respondem às perguntas, expectativas, desejos e temores sobre a realidade, a História e a Literatura oferecem o mundo como texto.

A historiadora completa ainda que História e Literatura são formas distintas, porém próximas, de dizer a realidade, contudo, cada narrativa tem um posicionamento em relação ao real. Corroborando com Pesavento, Ribeiro apresenta a concepção de que a Literatura é uma instituição social viva, devendo ser refletida como um processo “[...] histórico, político e filosófico; semiótico e linguístico; individual e social, a um só tempo. Sua realidade transcende o texto para assumir o discurso, que conta, minimamente, com as dimensões do enunciador, do enunciado e do enunciatário” (RIBEIRO, 2000, p. 97 apud MARTINS, 2015, p. 3894). Borges (2010, p. 98) também apresenta essa mesma linha de pensamento, o autor explica que “a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois [é] um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas”. A Literatura é, para esse estudioso, uma maneira de registrar e expressar as situações advindas do campo social; além de ser testemunha de um olhar sobre a realidade (percepção essa que pode ser considerada a do autor). Sendo registro e leitura interpretativa do que existe, apontando a historicidade do momento e a visão daquele que constrói o enredo ficcional. Segundo Borges (2010, p. 98 e 99), a Literatura é:

[...] uma forma de ler, interpretar, dizer e representar o mundo e o tempo, possuindo regras próprias de produção e guardando modos peculiares de aproximação com o real, de criar um mundo possível por meio da narrativa, ela dialoga com a realidade a que se refere de modos múltiplos, como a confirmar o que existe ou propor algo novo, a negar o real ou reafirmá-lo, a ultrapassar o que há ou mantê-lo.

Borges, a partir de Antonio Candido e Tânia N. Davi, explica que a criatividade, imaginação e originalidade estão atreladas às condições reais do tempo e do espaço em que o autor está inserido, além das experiências sociais que o literato adquire ao longo dos anos; o autor de obras literárias, portanto, dialoga com a realidade sociocultural de seu próprio tempo, não apenas espelhando tais vivências como mero refletor, mas transformando-as e combinando-as, de modo a criar e devolver o que se foi produzido para a sociedade no formato de texto. Assim, “as representações do mundo social, de uma realidade, [...] resultam do entrecruzamento de aspectos individuais e coletivos. O literato não cria nada a partir do nada. Não se faz Literatura sem contato com a sociedade, a cultura e a história” (BORGES, 2010, p. 103). Pode-se verificar, portanto, a Literatura como um registro social, uma reflexão e leitura sobre determinada cultura, uma consequência criativa que está em sintonia com memórias individuais e sociais, as

intencionalidades do escritor literário e o próprio produto ficcional, o qual expressa uma linguagem própria. Assim:

Recorrer a esse tipo de documento [a Literatura] possibilita-nos acessar um imaginário social, pensado tanto como qualquer coisa imaginada quanto como um conjunto de imagens variadas acerca da existência em sociedade, colhendo informações, muitas vezes, não encontradas em outras fontes ou perdidas por tantas, como aquelas referentes às formas de agir e comportar, de pensar e sonhar, de sentir-se e relacionar etc. próprias de um tempo, de um lugar e de um grupo social (BORGES, 2010, p. 106).

É necessário pontuar que, quando se tece considerações sobre a relação entre o social e a Literatura, questões sobre a realidade e aspectos históricos também estão presentes. Claro é que todas essas perspectivas estão interligadas: questões de cunho social configuram uma realidade, a qual pode estar atrelada a um passado próximo ou distante e reverberam em uma narrativa ficcional. Compreender as possíveis relações entre Literatura e História demanda, também, entender outros fatores, não apenas interpretar o que é verdadeiro ou não. Para tanto, pode-se recorrer às perspectivas de Antonio Candido em *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária* (1965). Em um dos capítulos dessa obra, Candido apresenta perspectivas sobre a relação entre o meio social e uma obra e como ambos se influenciam. O autor afirma, logo nas primeiras considerações, que a Literatura é um produto social, o qual exprime situações de cada civilização que ocorre. A arte (aqui tomada como o texto literário) é atrelada ao social na medida em que se visualiza a influência que o meio produz nela, a estrutura social, os valores e as técnicas de comunicação são exemplos de experiências que o indivíduo (escritor de literatura) vai experienciando ao longo da própria vida e que, por sua vez, mostram-se como fatores importantes na construção do texto literário. Os fatores exemplificados “marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o [a si mesmo] segundo os padrões de sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio” (CANDIDO, 1965, p. 25). Essas considerações apresentadas pelo teórico são claras em García Márquez, sua formação escolar, experiências profissionais na área jornalística, além de toda carga intelectual advinda das leituras feitas, para citar apenas alguns exemplos, esboçaram nele os padrões da época vivenciada na Colômbia, permitindo que ele escolhesse temas propícios para narrar em meio a história de Macondo a partir de técnicas como o realismo mágico e, por fim, agindo sobre o meio com a publicação do texto. Esse meio se alargou em tempo e espaço, uma vez que a obra é estudada por décadas e explorada por estudiosos que se estendem para além do território colombiano.

Além de compreender como se articula a História dentro de um texto ficcional, considerando as correspondências entre enredo e realidade, vê-se como pertinente a reflexão sobre a relevância dos textos literários para os estudos historiográficos. Martins, interpretando Pesavento, afirma que o olhar sobre o texto literário pode ajudar o historiador a visualizar aquilo que talvez ainda não tenha sido analisado sobre certa realidade. Dessa maneira, o enredo ficcional pode orientar o historiador a captar informações sobre possíveis lacunas acerca do real ou até mesmo auxiliá-lo a construir uma nova interpretação dos fatos, “a Literatura possui, então, o efeito de multiplicar as possibilidades de leitura” (MARTINS, 2015, p. 3896). Além disso, a estudiosa aponta que “a Literatura é fonte em si mesma, é testemunho de si própria, pois o que ela fornece ao historiador não é o tempo da narrativa, e sim o tempo que a narrativa foi escrita – seu enredo contém pistas sobre o autor e também sobre a época” (MARTINS, 2015, p. 3896). Acerca dessa temática, Martins apresenta ainda uma interpretação advinda de Pesavento, afirmando que diante de um texto literário, tem-se acesso ao “clima” de uma época, num movimento de tentar esclarecer como e por que as pessoas agiam de determinadas formas em determinado momento. Nesse sentido, é possível refletir sobre o “clima” apresentado em García Márquez, em específico no episódio do massacre dos trabalhadores de Macondo. Tomando a palavra “clima” no sentido metafórico para composição das situações vivenciadas pelos personagens em *Cien años de soledad*, é possível afirmar que o autor oferece para o historiador o sentimento de desespero vivenciado pelos trabalhadores na realidade de Aracataca. Ao narrar, de modo ficcional, a angústia daqueles que enfrentaram as metralhadoras, o autor revela a atmosfera da situação, a tensão e o medo envolvidos. García Márquez era apenas um bebê quando ocorreu essa situação, mas o conhecimento que obteve a partir do relato da própria família sobre o acontecimento, fez com que ele pudesse transmitir aos personagens tais sentimentos. Esse aspecto pode, por exemplo, auxiliar os historiadores a compreender a dimensão do fato, uma interpretação de como a sociedade de Aracataca foi abalada pelo massacre. Vê-se isso no trecho:

Ya los de las primeras líneas lo habían hecho, barridos por las ráfagas de metralla. Los sobrevivientes, en vez de tirarse al suelo, trataron de volver a la plazoleta, y él pánico dio entonces un coletazo de dragón, y los mandó en una oleada compacta contra la otra oleada compacta que se movía en sentido contrario, despedida por el otro coletazo de dragón de la calle opuesta, donde también las ametralladoras disparaban sin tregua. Estaban acorralados, girando en un torbellino gigantesco que poco a poco se reducía a su epicentro porque sus bordes iban siendo sistemáticamente recortados en redondo, como pelando una cebolla, por sus tijeras insaciables y metódicas de la metralla (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 365 e 366).

Tendo isso em vista, é necessário pontuar o quão significativo se revelou a correspondência entre a realidade (fato histórico) e o texto literário, considerando o episódio do massacre dos trabalhadores. Pode-se perceber que além da narrativa ter sofrido influências da História colombiana, o texto ficcional contribuiu para os estudos historiográficos do país. Torre (2017) pondera, a partir de considerações do historiador Nicolás Pernet, que *Cien años de soledad* contribuiu para a historiografia da Colômbia como nenhuma outra obra fez:

Tras la publicación de *Cien años de soledad* en 1967 (apenas dos años después de que se fundara el Departamento de Historia de la Universidad Nacional), el episodio de la huelga y la masacre de las bananeras salió de un mutismo de décadas y se convirtió en un tema de interés para nuevos investigadores. Hoy tenemos una visión mucho más clara de la historia bananera de nuestro país en gran parte gracias al impulso que le dio a la investigación la inolvidable novela de García Márquez (PERNETT, 2014, p. 7 apud TORRE, 2017, p. 117).

A estudiosa cita ainda outros historiadores, como Jorge Enrique Elías Caro, o qual afirma que esse episódio da História do país de García Márquez é uma das situações que apresentam maior interesse por parte dos historiadores no sentido de reflexão sobre a memória coletiva do país. O historiador Mauricio Archila, segundo Torre, explica que o auge do movimento grevista entre os trabalhadores das bananeiras é o ocorrido em 1928, contudo, em outras localidades do país já se tinha estabelecido protestos devido à qualidade de vida e às condições abusivas que eram impostas aos trabalhadores. Torre, a partir de Caro, pontua que jornais locais noticiaram, oito semanas antes do fuzilamento dos trabalhadores, que acordos estavam sendo feitos. *La Prensa de Barranquilla* afirmava que “los funcionarios superiores del Gobierno y los trabajadores delegados de la huelga habían sabido mantenerse dentro de las leyes, con moderación y civismo ejemplar” (CARO, 2011, p. 4 apud TORRE, 2017, p. 119). O mesmo periódico informou o alarme que a população estava sofrendo e um dia antes dos metralhadores dispararem, publicou sobre um decreto firmado pelo governador do departamento de Magdalena, que determinava a dissipação dos grevistas. Segundo Torre (2017, p. 120):

Nos registros históricos estudados por Jorge Enrique Elías Caro, os números de mortos na madrugada do dia 5 para o dia 6 de dezembro de 1928 divergem, mas são altos. Já o comunicado oficial do governo, afirma que foram oito mortos e vinte feridos. De acordo com o historiador colombiano, o *The Times* de Nova Iorque afirmou que agitadores mexicanos, oriundos da revolução, estavam entre os grevistas da zona bananeira, o que demonstra o conflito de informações.

De acordo com a autora, esse marco vivenciado pela Colômbia foi retomado pelos historiadores anos depois da publicação de *Cien años de soledad* e do romance *La casa grande*, de Álvaro Cepeda Samudio, o qual também aborda tal episódio. A autora declara que nos anos de 1960, a

historiografia acadêmica começava a se desenvolver na Colômbia e o Massacre das Bananas começou a ser foco de reflexão dos historiadores, circunstância que auxilia a evidenciar novamente a relação entre Literatura e História e a influência que ambas exerceram entre si. Sobre essa perspectiva, Torre (2017, p. 121) salienta que “a importância dos aspectos históricos trazidos pelo livro [*Cien años de soledad*] promoveu uma modificação nas pesquisas históricas da Colômbia. Este é um fato de maior relevância, uma vez que a Literatura impulsionou novos estudos históricos”.

Ainda nessa perspectiva, Martins salienta que quando o historiador se depara com o texto literário, ele não se preocupa em analisar se o fato apresentado na ficção está totalmente de acordo com a situação histórica (até porque o literato não tem essa obrigação), o historiador se atenta à explanação da mentalidade da época. Tal perspectiva é confirmada em Pesavento (2003, p. 39), a Literatura serve para estudos históricos dependendo dos problemas ou questões formulados pelo historiador; o texto literário não será a melhor fonte caso o historiador esteja preocupado em confirmar datas, fatos ou acontecimentos passados, contudo, a Literatura se faz pertinente, se houver interesse em “resgatar as sensibilidades de uma época, os valores, razões e sentimentos que moviam as sociabilidades e davam o clima de um momento dado no passado, ou em ver como os homens representavam a si próprios e ao mundo”. Pesavento afirma ainda que a Literatura é sempre um registro privilegiado do seu próprio tempo, seja ela trabalhada da maneira como o escritor deseja, por exemplo: com uma abordagem de cunho realista, a partir de uma observação direta vinda de vivências do autor; criação de um futuro aparentemente inusitado; ou até mesmo a recuperação de um passado, distante ou próximo. Dessa maneira:

Nesse mundo verdadeiro das coisas de mentira, a Literatura diz muito mais do que outra marca ou registro do passado. Ela fala do invisível, do imperceptível, do apenas entrevisto na realidade da vida, ela é capaz de ir além dos dados da realidade sensível, enunciando conceitos e valores. A Literatura é o domínio da metáfora da escrita, da forma alegórica da narrativa que diz sobre a realidade de uma outra forma, para dizer além (PESAVENTO, 2003, p. 40).

Como já posto, a Literatura pode ser vista como uma fonte documental para a produção do conhecimento histórico, essa ideia discutida por Borges reforça o que se apresenta em Martins e Pesavento, o texto ficcional pode trazer o “clima” de uma situação vivenciada no passado, documentando, de certa maneira, o ocorrido; trazendo reflexões sociais sobre o episódio e se tornando um instrumento capaz de configurar conhecimentos históricos. É o que se apresenta em García Márquez. É necessário ressaltar que *Cien años de soledad* é uma obra com diversas possibilidades de análise, não se restringe apenas a verificação de

correspondências históricas, contudo, esse viés de estudo se mostra enriquecedor e interessante, tendo em vista que se visualiza a obra não só como texto, mas também como instrumento social capaz de revelar conhecimentos históricos. Borges (2010) salienta que é indispensável que o historiador compreenda as características do gênero literário, logo, as particularidades que o texto apresenta, além de conhecer características do autor e até mesmo a escola literária a qual o literato pode ser vinculado. Pensando em García Márquez, é importante conhecer como se articula o realismo mágico dentro de suas obras, por exemplo, como esse recurso está atrelado às situações em que há também as correspondências com a História. Assim, a maneira como o autor literário trabalha a aproximação com o real dentro de uma obra fictícia é de grande importância para a interpretação do texto, visto que “o discurso literário manifesto em texto, expresso em prosa ou verso, envolve modalidades de narrativa com características próprias, inclusive, na sua forma de lidar, captar e tratar as questões propostas por uma sociedade e por um tempo” (BORGES, 2010, p. 99). Dessa maneira, quando se julgar pertinente recorrer à Literatura para construção de uma perspectiva sobre dado conhecimento histórico, é necessário que se reflita sobre diversos aspectos que compõem o texto, de modo a problematizá-lo e historicizá-lo, visto que “lidar com as manifestações literárias, que sempre apresentam traços heterogêneos, caracteres múltiplos e contraditórios, exige um exame minucioso de cada autor e dos pormenores que particularizam cada obra” (BORGES, 2010, p. 106).

Considerando o que já foi posto, é necessário ponderar também que não basta entender apenas a importância da aproximação das áreas da Literatura e História ou verificar as correspondências históricas presentes no texto ficcional, é interessante compreender o processo como um todo, perceber que os textos não são estáticos e como a tríade “autor, obra, leitor” é extremamente significativa, visto que não adianta em nada a composição de uma obra sem que haja recepção para ela. A respeito disso, Chartier afirma:

as obras – mesmo as maiores, ou sobretudo, as maiores – não têm sentido estático, universal e fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropria. Certamente, os criadores [...] sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce (CHARTIER, 1994, p. 9 apud MARTINS, 2015, p. 3895).

Dessa maneira, é possível perceber que assim como o autor não é inocente ao escrever sua obra, o leitor (sendo um historiador ou não) também não o é. Não se lê García Márquez de modo ingênuo. Claro é que se deve respeitar o interesse e nível de amadurecimento literário do próprio leitor, contudo, ao aprofundar-se em *Cien años de soledad* percebe-se que a obra oferece muito

mais do que uma simples narrativa. A compreensão sobre a noção histórica também depende da recepção. A maneira como a obra literária é analisada (considerando a aproximação com a História) também envolve a experiência do leitor, o tempo e o espaço em que ele está inserido, assim, “um livro é expressão tanto de um autor quanto de sua época e também de seus leitores, já que não se pode imaginar a Literatura sem levar em conta sua recepção” (MARTINS, 2015, p. 3900).

3.2 O *BOOM*

Considerando o que já foi posto até aqui acerca da relação entre Literatura e História, é necessário ponderar o quão significativo foi o momento histórico do *boom* da literatura latino-americana para *Cien años de soledad* e como a obra também contribuiu para este fenômeno. É fundamental ter em mente, assim como já foi explanado neste capítulo, que a História se faz presente na Literatura considerando o contexto em que o próprio literário está inserido (neste aspecto constrói-se a ligação entre García Márquez e o *boom*), sendo essa concepção intrínseca à produção do texto literário, como também a História pode ser evocada pelo escritor a partir de temas de um passado remoto, passado histórico do país, sendo isso o que ocorre com a História da Colômbia em Macondo. Dessa maneira, entender o momento histórico em que a narrativa dos Buendías foi escrita é também um modo de interpretar ainda mais o texto de García Márquez.

Tendo isso em vista, pode-se afirmar que os Buendías contribuíram para a compreensão da literatura produzida na América Latina, visto que, refletindo sobre a biografia de García Márquez, a escrita do enredo e a publicação do texto transformaram a vida do autor e atingiram níveis altos de vendas, além de inúmeras traduções. Para dar início a essa reflexão, é necessário compreender que a obra de García Márquez está ligada a um fenômeno ocorrido na América Latina dos anos 60 chamado *boom* da literatura latino-americana. Melo em seu texto *Gabriel García Márquez e o Realismo Mágico Latino-americano* (1998), explica que, em uma primeira perspectiva, o *boom* pode ser entendido como o êxito mundial da nova ficção da América Latina. O chamado “eixo tradicional” de leitura e de mercado editorial estava sendo movido para países que até então não participavam dessa dinâmica. Essa mudança deu início ao reconhecimento da literatura latino-americana em níveis globais. O estudioso questiona ainda quais os aspectos que caracterizam e diferenciam a escrita de autores latino-americanos. Para tanto, afirma que é difícil estabelecer uma síntese objetiva, que englobe todas as produções literárias advindas da América Latina, contudo, há uma noção muito presente nesse contexto, a

qual muitos escritores se apropriaram e utilizaram em suas produções literárias: o realismo mágico ou realismo fantástico. Assim:

Nunca nos foi tão próxima a ideia, como na obra desses escritores, de que compete à ficção iluminar o real, e não o contrário. Melhor: realidade e ficção entram nos dados do jogo para reciprocamente se anularem, ou para que ambas apareçam superiormente sublimadas num universo de fábulas e símbolos, cuja resultante é a amplitude máxima do próprio conceito de imaginário (MELO, 1998, p. 40).

Essa interação entre o real e o fictício presente nos enredos tem, segundo Melo, a intenção de contar uma história aos leitores de modo a trazer para eles memórias ligadas às antigas fábulas, transmitidas muitas vezes de maneira oral quando ainda desfrutavam a própria infância. Melo (1998, p. 38-39) afirma ainda que quando bem avaliada, “é fácil verificar que essa literatura [latino-americana] apreende e representa o real e o imaginário, a verdade e a ficção, a notícia histórica e a vicissitude quotidiana de um continente cuja existência política e social se apresenta em geral mal-amada e pouco conhecida”. Ilan Stavans, na obra *Gabriel García Márquez: los años de formación 1927-1970*, também discute a importância do *boom* latino-americano, ressaltando que os escritores nessa época:

Produjeron una obra de vanguardia sobre Latinoamérica que alerto a los lectores más allá de sus fronteras nacionales sobre la realidad política, social, económica y religiosa de un continente definido por los fantasmas del colonialismo siglos después de haber entrado en la modernidad (STAVANS, 2015, p. 186, apud TORRE, 2017, p. 58).

Dessa maneira, é possível refletir que *Cien años de soledad* foi escrita no momento propício da vida de García Márquez (uma vez que o autor já havia experienciado muitas situações que lhe foram de caráter formador, além de ter conseguido grande amadurecimento na sua própria escrita literária) como na ocasião certa em que o próprio continente latino-americano estava vivenciando o *boom* da sua própria literatura. É curioso perceber o curso de criação e recepção da obra, assim como é necessário compreender que a narrativa dos Buendías foi uma contribuição significativa para o *boom* latino-americano, mas também o próprio fenômeno literário auxiliou na difusão do romance. A respeito da discussão sobre a recepção do mercado editorial, Stavans (2015, p. 186, apud TORRE, 2017, p. 59) afirma que “el boom fue tanto un fenómeno estético como un empeño comercial”. Não se deve em nenhum momento esquecer da qualidade e grandiosidade da ficção de Macondo, no entanto, faz-se necessário perceber que o *boom* estimulou até mesmo a percepção de editoras estrangeiras acerca das obras literárias produzidas na América Latina, isso contribuiu para um olhar diferente, de aceitação, logo,

motivou-se também os contratos para traduções das obras, houve um empenho comercial envolvido, mais um aspecto que alcançou *Cien años e soledad*.

Lucena em *Os caminhos de Aracataca a Macondo* (2009) explica, a partir de Ángel Rama, que os escritores latino-americanos desse período apresentam uma:

[...] liberdade combinatória [...] que se situa em uma livre estruturação de materiais, havendo superado a dicotomia “fantástico-realista” para construir um texto autônomo que se maneja autarquicamente, a serviço da comunicação de uma determinada mensagem e fazendo uso das distorções, invenções, fragmentos realistas, hipérbolos, elementos alheios, que são úteis a uma composição que pretende ser equivalente ao universo em sua estrutura e não na cópia de um lugar qualquer mediante um espelho ou uma distorção subjetiva (RAMA, 2001, p. 155 apud LUCENA, 2009, p. 191).

Assim, as técnicas narrativas, o uso do realismo mágico, por exemplo, são aspectos ligados estritamente aos textos da literatura latino-americana, os quais apresentam a liberdade combinatória elucidada por Rama e refletem o momento histórico em que os literários estavam vivendo. De acordo com Carpentier, “la sensación de lo maravilloso presupone una fe” (2006, p. 10 apud LUCENA, 2009, p. 192), logo, pode-se verificar que não basta o literário usar as técnicas do realismo mágico, ele precisa saber articulá-las para que o seu leitor acredite no que o romance está oferecendo. Essa fé na verossimilhança que o texto propõe é uma característica relacionada à técnica narrativa, ou seja, também é um produto de um período histórico. O *boom* é um fenômeno que atingiu não somente os escritores, mas os leitores também. Nesse sentido, é possível citar novamente o episódio do Massacre das Bananas em García Márquez (2014), é claro a relação dessa passagem na narrativa com a história da Colômbia, o que neste momento é necessário pontuar é a fé que os leitores precisam expressar para compreender e interpretar esse episódio no texto ficcional. Caso o leitor não acredite que José Arcádio Segundo acordou em um vagão após o fuzilamento dos trabalhadores ou não coloque fé que todos os outros não acreditavam na fala desse personagem, dificilmente o leitor chegará na real interpretação do episódio: a crítica sobre o número de mortos na situação real ocorrida em 1928 em Aracataca. Lucena afirma que o que se sucede em Macondo é a abertura de uma nova realidade que é o mesmo tempo real e maravilhosa. A estudiosa afirma, a partir de Pierre Bourdieu, que a realidade é uma representação, assim “Macondo, utilizando a linguagem matemática, é uma representação elevada à segunda potência; a representação de uma representação” (LUCENA, 2009, p. 195). Dessa maneira, o real histórico seria a primeira representação que se estabelece, o texto de García Márquez é a segunda elaboração do real, visto que a partir de técnicas narrativas, o literário constrói no seu próprio tempo histórico (o *boom*) a representação da História entrevista nos seus personagens.

Considerando a publicação da obra de García Márquez e os aspectos do *boom* latino-americano, em especial o realismo mágico, é interessante ressaltar as reflexões tecidas por Carlos Fuentes, em *Para darle nombre a América* (2007) e de Mario Vargas Llosa, em *Cien años de soledad: realidad total, novela total* (2007). Fuentes afirma que a narrativa de Macondo possui aquilo que já era possível ver desde *La hojarasca*, a postura de García Márquez como um descobridor de um mundo novo. A viagem até Acapulco, situação determinante para o início da escrita do livro, foi, segundo Fuentes, um instante de acesso espiritual, como se tudo o que necessitava ser ordenado tivesse se encaixado e recomendado à Márquez: “Aquí estoy, Así soy. Ahora escíbeme” (FUENTES, 2007, p. 19). Além disso, o amigo de García Márquez pontua que quando recebeu o manuscrito de *Cien años de soledad*, o entusiasmo foi tamanho que escreveu a Julio Cortázar (um amigo em comum entre Fuentes e García Márquez), afirmando o quão grandiosa era a obra que havia acabado de ler e que Cortázar necessitava compartilhar dessa experiência também. Assim, Fuentes não poupou elogios na carta, concluindo que *Cien años de soledad* era “una crónica exaltante y triste, una prosa sin desmayo, una imaginación liberadora. Me siento nuevo después de leer este libro, como si les hubiese dado la mano a todos mis amigos” (FUENTES, 2007, p. 22). Assim como Fuentes, Vargas Llosa também iria reconhecer a grandiosidade do enredo que García Márquez havia escrito. Llosa declara que a obra é superior a tudo o que o amigo já tinha produzido, apresentando, com os Buendías, um mundo extraordinariamente rico. Dessa maneira, ele pontua:

Cien años de soledad es esa totalidad que absorbe retroactivamente los estadios anteriores de la realidad ficticia, y, añadiéndoles nuevos materiales, edifica una realidad con un principio y un fin en el espacio y en el tiempo [...] Cien años de soledad es una novela total, en la línea de esas creaciones demencialmente ambiciosas que compiten con la realidad real de igual a igual, enfrentándole una imagen de una vitalidad, vastedad y complejidad cualitativamente equivalentes. (LLOSA, 2007, p. 24).

Llosa admite ainda que a obra de García Márquez é autossuficiente. A realidade que é descrita tem um começo e um fim e, nesse percurso, consegue envolver duas dimensões: a vertical (o tempo e sua própria história ficcional) e a horizontal (os planos da realidade). É curioso pensar dessa maneira, uma vez que, metaforicamente, pode-se imaginar a narrativa de Márquez como um constante cruzamento de caminhos, em que as linhas verticais e horizontais, propostas por Llosa, encontram-se e delas surgem Macondo. Segundo o estudioso, o enredo dos Buendías não é apenas uma soma coerente de todos os aspectos da realidade fictícia, é também uma descrição de uma realidade total. Llosa afirma também que na totalidade dessa realidade, consta um aspecto real objetivo (apresentando três níveis históricos da realidade real: o individual, o familiar e o coletivo) e o subjetivo (expressando os planos do imaginário: o

mágico, o milagroso, o mítico-legendário e o fantástico). “Macondo sintetiza y refleja (al tiempo que niega) a la realidad real: su historia condensa la historia humana, [...] y en sus detalles, a los de cualquier sociedad subdesarrollada, aunque más específicamente a las latinoamericanas” (LLOSA, 2007, p. 30). A respeito do real objetivo e real imaginário, Llosa adverte ainda que, mesmo sendo possível diferenciá-las e identificá-las no texto, a matéria narrativa é uma só, trata-se de um único texto que as abrange. Em sua reflexão, o estudioso pontua os quatro planos do imaginário encontrados na narrativa de García Márquez, afirmando que o aspecto mágico se liga principalmente aos ciganos ambulantes que chegam nos primórdios de Macondo. Há, nesse plano, destaque para a figura de Melquíades: “A Melquíades no le ocurren cosas imaginarias: él las provoca, gracias a su artes mágicas, a ese poder sobrenatural que le permite regresar de la muerte hacia la vida” (LLOSA, 2007, p. 50). Llosa afirma que os ciganos são agentes deliberados e conscientes do imaginário, a capacidade mágica que eles exprimem é fruto de conhecimentos adquiridos e é exercida com preparo antecipado. Entretanto, há também figuras que atuam como agentes involuntários e quase inconscientes da competência mágica, cita também, entre outros exemplos, a figura do próprio Coronel Aureliano Buendía. Esse personagem não é um mago como Melquíades. O coronel de García Márquez não domina a magia, ele traz em si mesmo a magia. Isso se relaciona às características adivinhatórias do personagem, os presságios que é incapaz de explicar e que, em vários momentos, chocou Úrsula. Com relação ao plano milagroso, Llosa explica que esse aspecto está ligado a uma fé religiosa. “La mayoría de los personajes y hechos milagrosos se vinculan al culto, la simbología o el folclore cristianos” (LLOSA, 2007, p. 52). Nesse plano é possível encontrar, segundo Llosa, a figura do padre Nicanor Reyna e sua levitação; a cruz de cinza marcada na fronte dos dezessete filhos do Coronel Aureliano Buendía e que assinalava uma misteriosa vontade de Deus ou do Diabo; a ascensão de Remédios, a bela; além do dilúvio de quatro anos, onze meses e dois dias que se assimila muito a passagem do Antigo Testamento. É curioso perceber, como aponta o estudioso, que todas as situações relacionadas ao plano milagroso se ligam ao mistério da morte e o que vem depois dela. Aqui, cabe uma reflexão acerca da biografia de García Márquez, especialmente o período de sua infância. Pode-se retomar as perspectivas e histórias vindas da avó materna como uma possível inspiração para esses traços milagrosos. Os fantasmas vistos por Tranquilina, assim como suas crenças religiosas, podem ter grande influência na criação desses momentos de Macondo.

Por fim, há os planos do mítico-legendário e do fantástico. Acerca do aspecto mítico-legendário, Llosa (2007, p. 54) pontua que “constituye una apropiación por esta realidad ficticia de un elemento que pertenece a otras, en este caso a una realidad mítico-legendaria presente en

diversas culturas y que ha alimentado varias literaturas”. Cabe como exemplo os trechos de caráter histórico dentro de *Cien años de soledad* que se tornam míticos-legendários na medida em que o enredo caminha, é o caso das guerras civis do Coronel Aureliano Buendía que ao final da narrativa, duvida-se se esse personagem realmente viveu tudo isso ou se seria apenas uma lenda. Assim como a matança dos trabalhadores pela Companhia Bananeira que, logo após ocorrida, passa a ser um mito ou uma lenda dentro da própria narrativa de García Márquez devido à incredulidade dos indivíduos de Macondo perante ao acontecimento. O plano fantástico é aquele que se liga à pura invenção do autor, episódios que podem ser entendidos até mesmo como exagerados e inconcebíveis. “Los sucesos fantásticos son una buena parte de la materia del libro, los que hieren más vivamente al lector por su plasticidad, su libertad y su carácter risueño” (LLOSA, 2007, p. 57). Exemplos de passagens fantásticas são situações como: a superstição de ter filhos com rabos de porcos; objetos que se movem sozinhos; a peste da insônia; o fio de sangue que sai de um morto, atravessa a rua e chega até a casa da mãe do sujeito para avisá-la sobre o ocorrido; um filho que chora no ventre da própria mãe. Dessa maneira, é possível perceber que as reflexões pontuadas por Llosa a respeito do real imaginário em *Cien años de soledad* se ligam às características do período do *boom* latino-americano discutidas por Melo (1998) e Stavans (2015 apud TORRE, 2017). A obra sobre os Buendías contribuiu significativamente para o *boom* literário latino-americano, alcançando amplitude e reconhecimento internacionais, assim como García Márquez é grande articulador do realismo mágico.

3.3 A HISTÓRIA E A FICÇÃO ENTREVISTAS NO MASSACRE DAS BANANAS

A relação entre Literatura e História no episódio do massacre dos trabalhadores, vivenciado por José Arcadio Segundo, em *Cien años de soledad* é algo que não se pode negar. A maneira como García Márquez delinea a ficção e a aproxima da realidade é um dos aspectos que confirma que sua narrativa não é inocente, pois mesmo não explicitando o ano de 1928 ou apontando o nome da empresa *United Fruit Company*, um leitor mais atento poderá vislumbrar a crítica desenvolvida pelo escritor e conhecer melhor a História colombiana. Para compreender os laços entre a obra e a realidade, faz-se necessário, em um primeiro momento, verificar informações sobre o crescimento da empresa norte-americana nas terras latino-americanas. A noção sobre o quão grande a UFC foi no século XX na América Latina reforça os ares grandiosos que García Márquez apresenta na narrativa acerca da chegada, instalação e atuação da Companhia Bananeira em Macondo. Albano em seu texto *Multinacionais e*

neocolonialismo: a atuação da United Fruit Company na América Latina do século XX (2016) explica, considerando Richard Wright e Marcelo Bucheli, que em 1914 existia um investimento de mais de 2,5 bilhões direcionado pelos Estados Unidos às multinacionais norte-americanas que estavam fixadas em outros países. O estudioso afirma que nesse período duas estratégias de investimentos se consolidaram: “a primeira estratégia era o investimento voltado para adquirir matérias-primas e alimentos ao mercado doméstico [...]; a segunda estratégia era o investimento nos mercados consumidores dos países desenvolvidos” (ALBANO, 2016, p. 24). É nesse contexto histórico que a UFC nasce, objetivando o comércio de frutas (principalmente a banana) para o mercado doméstico norte-americano, inserindo-se na “principal área de hegemonia dos Estados Unidos, a América Central” (ALBANO, 2016, p. 24). Segundo o autor, nessa época, os Estados Unidos detinham um grande domínio sobre a América Central, os estadunidenses obrigavam a entrada dos investimentos americanos e se utilizavam de intervenção militar direta quando sentiam que seus interesses estavam em perigo.

Considerando Dan Koeppel, Albano pontua, para mensurar o desenvolvimento da UFC, que na década de 1920 a empresa norte-americana já valia mais de 100 milhões de dólares, possuía 67 mil empregados e 650 mil hectares, tendo negócios com mais de 32 países. “Essa banana barata que chegava à mesa dos americanos tinha um custo muito alto para os países produtores e suas populações, principalmente [...] [os] que se subordinavam às companhias de frutas e ao governo americano, que eram chamados de ‘Repúblicas das Bananas’” (ALBANO, 2016, p. 27). A infraestrutura industrial foi se consolidando e a modernização econômica e social que ocorria era fruto apenas dos interesses de produção e comercialização da banana. “Tinha-se na verdade uma destruição sem precedentes dos ecossistemas e danos para a população local, principalmente pelo caráter migratório da produção da banana” (ALBANO, 2016, p. 27). O estudioso pontua que os fatores negativos por trás das intenções da UFC, principalmente os agravantes relacionados ao roubo de terras e às péssimas relações de trabalho geraram inúmeras greves e levantes, “só nas primeiras três décadas do século XX, o governo americano interveio militarmente na América Latina 28 vezes. A maioria das intervenções aconteceu na área da atuação das empresas bananeiras para garantir o comércio bananeiro” (KOEPEL, 2008 apud ALBANO, 2016, p. 28). Considerando esses movimentos de revolta contra a UFC, há destaque para o evento histórico de *La masacre de la bananera* ocorrido na Colômbia. Esse episódio também conhecido como *La noche negra de Aracataca* marca não somente a História da própria UFC, mas de toda a Colômbia, além de estar presente na vida de García Márquez e refletir na obra sobre os Buendías.

Junior, em *La masacre de la bananeira na narrativa de Gabriel García Márquez* (2014), tece considerações sobre a correspondência entre a História e o acontecimento narrado em *Cien años de soledad*, o estudioso afirma que:

O escritor colombiano recria o evento histórico como uma possibilidade de fixar uma verdade sobre o ocorrido, após várias tentativas de silenciamento e apagamento da história por parte da empresa norte-americana *United Fruit Company*. Em outras palavras, Gabriel García Márquez compromete-se com o passado e com a memória coletiva de inúmeros trabalhadores e das famílias mortas após o grande massacre em praça pública (JUNIOR, 2014, p. 77).

É possível lembrar ainda que nesse momento de comprometimento com a memória coletiva colombiana, o literato explicita para o leitor o “clima” da época vivenciada (conceito discutido por Martins e Pesavento e pontuado anteriormente). Assim, a crítica que García Márquez desenvolve nesse espaço da narrativa pode ser analisada sob os aspectos da memória e do “clima histórico” remetidos. A partir da memória relacionada às histórias que seus avós maternos lhe contavam e de suas próprias experiências, o autor de Macondo pode captar como se desenvolveu a situação entre Aracataca e a UFC e apresentar em seu texto ficcional a crítica sobre o ocorrido. Silva em seu texto *A identidade latino-americana em Cem Anos de Solidão (1967), de Gabriel García Márquez* (2016, p. 164) confirma isso ao ponderar que a UFC “estava presente nas memórias de [...] García Márquez graças aos relatos de seu avô, um liberal que o fez criar um sentimento de aversão aos militares, ao contar-lhe o caso da matança de trabalhadores grevistas, ocorrida no ano e local de nascimento de García Márquez”. Pode-se afirmar, nesse caso, que a linha tênue entre Literatura e História é construída a partir da necessidade que García Márquez vê em apresentar (e de certo modo documentar) o desastre causado pelo Massacre das Bananas. Considerando isso, Junior (2014) pondera que esse compromisso com o passado verificado na obra de García Márquez corrobora com a ideia de “dever de memória”, concepção advinda do crítico francês Paul Ricoeur, uma vez que o literato revisita a situação passada pela própria cidade, Aracataca, e se empenha em fixar uma verdade quando há tentativa de apagamento daquilo que foi vivenciado. Aqui, cabe o exemplo da crítica e reflexão que o texto de García Márquez propõe sobre o número de mortos e feridos no massacre, essa é a clara tentativa de firmar a verdade sobre o fato, mantendo-o vivo na História, evitando, portanto, o esquecimento sobre esse dado.

É nítida a reflexão que García Márquez apresenta sobre o número de mortos do massacre, contudo, outros aspectos também são significativos no desenvolvimento da crítica estabelecida pelo autor. Os trabalhadores na situação real colombiana que aderiram à greve e reivindicavam melhorias nas condições de trabalho foram considerados pelas autoridades como

baderneiros ou “tratados como ameaças” (SILVA, 2016, p. 164). Algo muito parecido ocorre na ficção. A postura de José Arcádio Segundo é relacionada à alguém que está incitando os trabalhadores, o personagem seria aquele que estava promovendo uma conspiração internacional contra a ordem pública; até mesmo sua cunhada, Fernanda del Carpio, o julga como um louco que apresenta um ímpeto sindical, a interpretação dessa personagem sobre José Arcádio Segundo se relaciona com o pensamento que foi direcionado aos grevistas da realidade histórica colombiana. Essa correspondência entre a História e a Literatura, mesmo que simples, muitas vezes despercebida, traz à tona um dos aspectos que compôs o clima do período histórico: o olhar que o governo (e até mesmo algumas pessoas que não estavam envolvidas diretamente com a UFC) lançava sobre os trabalhadores envolvidos nessa situação. Outro aspecto merecedor de atenção é quando a narrativa sinaliza que antes do massacre, houve outras manifestações contra a Companhia Bananeira, circunstância ficcional que também se relaciona com a realidade, uma vez que protestos menores contra a UFC também ocorreram antes do genocídio de 1928. Assim, García Márquez narra que:

José Arcadio Segundo y otros dirigentes sindicales que habían permanecido hasta entonces en la clandestinidad, aparecieron intempestivamente un fin de semana y promovieron manifestaciones en los pueblos de la zona bananera. La policía se conformó con vigilar el orden. Pero en la noche del lunes los dirigentes fueron sacados de sus casas y mandados, con grillos de cinco kilos en los pies, a la cárcel de la capital provincial. [...] Sin embargo, antes de tres meses estaban en libertad, porque el gobierno y la compañía bananera no pudieron ponerse de acuerdo sobre quién debía alimentarlos en la cárcel (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 358).

Pode-se considerar, em uma análise, que García Márquez delineou em sua obra um amplo panorama sobre o massacre ocorrido em Aracataca, e isso é significativo não apenas para um leitor atento, mas também para um historiador. As informações históricas que se articulam durante o evento em que o personagem de José Arcádio Segundo protagoniza podem ser interpretadas como uma fonte documental para conhecimento histórico sobre a época, evidenciando as concepções defendidas por Borges anteriormente.

Junior (2014), assim como Torre (2017), apresenta concepções a partir de Jorge Enrique Elías Caro, afirmando que a principal reivindicação dos trabalhadores vinculados à UFC se relacionava às estratégias contratuais que a empresa norte-americana realizava para evitar assinar contratos de maneira direta, não assegurando, dessa maneira, os direitos trabalhistas, almejando um lucro cada vez maior explorando a mão de obra colombiana. “A esmagadora maioria dos contratos estabelecidos pela UFC concretizava-se pela contratação a partir de terceiros, o que se aproxima do processo de terceirização que conhecemos no Brasil” (JUNIOR, 2014, p. 69). Tem-se a correspondência com a ficção no trecho:

Cansados de aquel delirio hermenéutico, los trabajadores repudiaron a las autoridades de Macondo y subieron con sus quejas a los tribunales supremos. Fue allí donde los ilusionistas del derecho demostraron que las reclamaciones carecían de toda validez, simplemente porque la compañía bananera no tenía, ni había tenido nunca ni tendría jamás trabajadores a su servicio, sino que los reclutaba ocasionalmente y con carácter temporal (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 360).

Dessa maneira, é possível perceber que García Márquez também documenta e estabelece crítica sobre a forma como os trabalhadores colombianos eram contratados. O regime estabelecido nesse contexto dava margem para que a empresa norte-americana encontrasse meios para estar a salvo de suas próprias responsabilidades. Ampliando a aproximação entre a Literatura desenvolvida e a História da Colômbia, encontra-se a crítica sobre a figura dos advogados que defendiam a Companhia Bananeira na narrativa de Macondo. Além de evidenciar a má conduta em relação às contratações dos trabalhadores, o literário exhibe a postura daqueles que buscavam um jeito de encobrir a UFC na realidade de Aracataca. Pode-se encontrar diversos trechos na obra literária que aludem à figura dos advogados como defensores da Companhia Bananeira. Ademais, nota-se que García Márquez utilizou a atribuição de advogados em todos os momentos dessa passagem, fazendo-se crer que esse cargo, posto de maneira genérica na ficção, foi proposital, uma vez que é possível relacioná-lo a todos aqueles que foram coniventes com as barbáries da empresa norte-americana. É necessário pontuar também que a figura do Mr. Brown representa a administração estadunidense da Companhia Bananeira instalada em Macondo, logo, proteger o senhor Brown era o mesmo que proteger a companhia. Desse modo, tem-se:

Los decrepitos abogados vestidos de negro que en otro tiempo asediaron al coronel Aureliano Buendía, y que entonces eran apoderados de la compañía bananera, desvirtuaban estos cargos con arbitrios que parecían cosa de magia. [...] Los luctuosos abogados demostraron en el juzgado que aquel hombre [señor Jack Brown] no tenía nada que ver con la compañía [...]. Los abogados demostraron que no era el señor Jack Brown, superintendente de la compañía bananera y nacido en Prattville, Alabama, sino un inofensivo vendedor de plantas medicinales, nacido en Macondo [...] Poco después, frente a una nueva tentativa de los trabajadores, los abogados exhibieron en lugares públicos el certificado de defunción del señor Brown[...] (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 359 e 360).

Nota-se que os esforços empreendidos pelos advogados da ficção eram tamanhos que eles tentam de qualquer modo “esconder” o Mr. Brown, admitindo, como último recurso, o falso óbito do empresário. A farsa sobre a morte desse personagem se evidencia ainda mais quando se é narrado que o senhor Brown estava vivo no “galinheiro eletrificado” (lugar onde os estrangeiros de Macondo se instalaram) e que ele seria levado daquelas terras, junto à sua família e compatriotas, para um lugar seguro, sendo protegido pelo exército. Aqui cabe a

interpretação de que o “local seguro” se relaciona com os Estados Unidos e que Macondo, local correspondente à Aracataca, não serviria mais para seus empreendimentos, visto que os trabalhadores reivindicavam algo que não se julgava necessário por parte da companhia, tornando-se uma situação ameaçadora para o estrangeiro que, ironicamente, é posto como uma vítima.

Não somente na situação descrita anteriormente se observa ponderações sobre a figura dos militares, além do momento do fuzilamento dos trabalhadores, García Márquez chama atenção em sua narrativa para a postura do exército antes do massacre propriamente dito. O escritor narra que, em determinado momento em que se desenvolvia a greve, foi anunciado que o exército iria estabelecer a ordem pública. O que se tem em sequência é uma descrição crítica sobre a postura impenetrável daqueles que faziam parte dos regimentos militares presentes em Macondo. É possível perceber que o autor os caracteriza quase como “máquinas obedientes” que apenas cumpriam o que estava sendo ordenado a eles. Nesse sentido, a crítica pode ser vista de duas maneiras: a primeira pode ser direcionada realmente aos soldados que se permitiram ter tal postura e a segunda diz respeito àqueles que dão as ordens aos soldados, o governo, portanto. Vê-se esse clima na passagem seguinte:

Eran tres regimientos cuya marcha pautada por tambor de galeotes hacia trepidar la tierra. Su resuello de dragón multicéfalo impregnó de un vapor pestilente la claridad del mediodía. Eran pequeños, macizos, brutos. Sudaban con sudor de caballo, y tenían un olor de carnaza macerada por el sol, y la impavidez taciturna e impenetrable de los hombres del páramo. Aunque tardaron más de una hora en pasar, hubiera podido pensarse que eran unas pocas escuadras girando en redondo, porque todos eran idénticos, hijos de la misma madre, y todos soportaban con igual estolidez el peso de los morrales y las cantimploras, y la vergüenza de los fusiles con las bayonetas caladas, y el incordio de la obediencia ciega y el sentido del honor (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 361).

Ademais, outro ponto de destaque é a maneira como José Arcádio Segundo lida com as mortes ocorridas no massacre, assim como a maneira como a população de Macondo encara os relatos do personagem sobre o ocorrido. A crítica sobre o número de fuzilados no Massacre das Bananeiras está ligada à maneira como García Márquez evidencia o esquecimento que acomete a população de Macondo sobre o que aconteceu com os grevistas da ficção. Utilizando-se de técnicas do realismo mágico, o escritor narra que José Arcádio Segundo toma consciência do desfecho do episódio quando acorda rodeado por cadáveres em um trem que rumava para o mar, onde seriam jogados os corpos, primeiro indício de que aquelas pessoas seriam esquecidas. Outro aspecto a ser pontuado é a percepção que o personagem tem sobre o tamanho do trem: tinham quase duzentos vagões de carga. O exagero direcionado à quantidade de vagões,

considerando que todos estavam cheios de corpos, tece crítica novamente sobre o número de mortes, elas eram muito superiores ao número que havia sido relatado no início pelas mídias na realidade da Colômbia. Aqui cabe verificar as metáforas que a ficção propõe, os mortos estavam sendo escondidos em inúmeros vagões e ordenados no mesmo sentido em que se transportavam os cachos de banana, representações que equivalem o tamanho do exagero com o tamanho da crítica desenvolvida. Além disso, José Arcádio Segundo, após constatar que ninguém acreditaria no seu discurso, visto que todos afirmavam que não havia indícios de tal massacre, isola-se no quarto que no início da narrativa tinha sido de Melquíades. Em certa ocasião, movidos pelo ímpeto de encontrar algum sobrevivente do ocorrido, os militares vasculhavam casas à procura de algum grevista. Sobre a postura do exército, Junior (2014, p. 75) afirma que “a construção narrativa na cidade fictícia de Macondo, mostra uma tentativa clara do exército de transformar a realidade vivenciada pelos moradores em esquecimento”. Foi nessa circunstância que o exército entrou na casa de Úrsula e, comprovando ainda mais o sentimento de esquecimento, examinaram o quarto onde se encontrava José Arcádio Segundo, colocaram os olhos nele, mas não o enxergaram, assim conta García Márquez (2014, p. 373): “El oficial, evidentemente, no entendió. Detuvo la mirada en el espacio donde Aureliano Segundo y Santa Sofia de la Piedad seguían viendo a José Arcadio Segundo, y también éste se dio cuenta de que el militar lo estaba mirando sin verlo. Luego apagó la luz y ajusté la puerta”. Demonstra-se, ainda, que o próprio personagem começou a ser esquecido pelos familiares, mesmo estando morando com eles na mesma casa: “El resto de la familia lo olvidó, inclusive Fernanda, que no tuvo inconveniente en dejarlo allí, cuando supo que los militares lo habían visto sin conocerlo” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 374). José Arcádio Segundo se entrega a solidão, estado muito próximo ao do Coronel Aureliano quando decidiu abandonar de vez as guerras civis. Narra-se ainda que o protagonista do massacre provocado pela Companhia Bananeira continuou afirmando a grande quantidade de mortos daquele dia, entretanto, é possível perceber que tal afirmação se mostra quase como um delírio do personagem, algo que só ele acreditava e que todos os outros ignoravam ou optaram por esquecer. Silva (2016, p. 166), sobre a narrativa ficcional, confirma a análise apontada, “a ausência de consciência no que tange o acontecimento por parte da população, pode ser vista como uma denúncia acerca da falta de comunhão dos problemas, bem como uma crítica aos responsáveis, ligados à empresa e ao capital externo”.

Tamanha é a significância da aproximação entre Literatura e História nessa situação específica, o Massacre das Bananeiras, que o historiador Eduardo Posada Carbó, citado por Silva, problematiza a influência que a obra ficcional tem sobre a realidade histórica. O autor pontua que a História colombiana pode ter assimilado de tal modo a ficção “que é a memória

coletiva que é influenciada pela obra frente a história oficial da região e não a obra literária que busca as referências na história, já que os números tratados pelo romancistas são discutidos como reais”. É claro que essa é apenas uma das possíveis percepções sobre a correspondência entre realidade e ficção, contudo, é possível, a partir dessa ideia, evidenciar o quão expressiva é a crítica de García Márquez ao ponto de se tornar uma fonte documental significativa para a História da Colômbia.

4 BUENDÍAS E COLOMBIANOS: CORRESPONDÊNCIAS HISTÓRICAS

Considerando o entrecruzamento entre Literatura e História, pode-se afirmar que o enredo de *Cien años de soledad* apresenta a pulsação da Colômbia como sistema vivo. García Márquez, ao compor essa obra, delinea a história da família Buendía, sete gerações marcadas por conflitos históricos, políticos, matrimoniais e psicológicos. Entre Aurelianos e José Arcádios, é possível vislumbrar o nascimento e o declínio de uma aldeia, a esperança e os questionamentos que os acometem, crenças na perpetuação de uma estirpe, além do sentimento de solidão, aspectos presentes na narrativa.

Em meio ao desenvolvimento desse texto literário, há Macondo, lugar físico onde José Arcádio Buendía, pertencente à primeira geração Buendía, em conjunto com Úrsula, sua esposa, e alguns seguidores, estabeleceram morada. Com base nessa decisão, Macondo constrói-se como cenário vivo das aspirações não somente da família Buendía, mas de todos aqueles que ali residiam; logo, “o local vai se transformando em um ponto onde se unem a presença mítica, processos de hibridização populacional, guerras pelo poder e marcas do imperialismo econômico” (FARIAS & SIMIONI, 2009, p. 157). Ao dissertar sobre *Cien años de soledad*, Llosa (2010) admite Macondo como uma pátria metafísica, cenário, muitas vezes, de acontecimentos inexplicáveis, considerando aspectos fantásticos vislumbrados no texto, como o destino de Remedios, a Bela, quarta geração Buendía, filha de Santa Sofia de la Piedad e Arcádio, moça dotada de beleza e candura que despertava olhares cobiçosos de tal maneira a ser considerada um ser de outro mundo. Em um movimento incompreensível, eleva-se aos céus com toda sua pureza. Úrsula foi a única a identificar a situação, “viendo a Remedios, la bella, que le decía adiós con la mano, entre el deslumbrante aleteo de las sábanas que subían con ella, [...] y se perdieron con ella para siempre en los altos aires donde no podían alcanzarla ni los más altos pájaros de la memoria” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 286). Desse modo, não somente pelos aspectos míticos, mas pela maneira como García Márquez estrutura a narrativa, o autor colombiano fez com que seu livro, segundo Llosa (2010, p. 339), em meio as ações, cenários, símbolos, visões, feitiçarias, presságio e mitos, estivesse relacionado com a realidade da América Latina, e uma vez tendo se alimentado dessa realidade, refletiu-a de modo certo. Martin (2010) corrobora com Llosa (2010) quando afirma que Macondo é uma metáfora para a América Latina, ou seja, ao escrever a obra, García Márquez faz mais do que construir um simples enredo, ele revela o território latino-americano através das páginas literárias, como um espelho no qual o continente pode se reconhecer. “Portanto, Macondo, a imagem vívida de uma pequena cidade em qualquer lugar da Colômbia, ou da América Latina [...] se tornaria o símbolo

de qualquer pequena comunidade à mercê de forças históricas, não apenas acima do controle, mas, até mesmo, além do próprio alcance” (MARTIN, 2010, p. 371).

Tendo em vista essas considerações, é necessário pontuar que este capítulo tem como objetivo verificar como os aspectos relacionados à história da Colômbia são representados na narrativa de Macondo, uma vez que a trajetória do país está presente de maneira significativa em momentos diferentes da própria vida de García Márquez. A relação com a Colômbia se mostra, de certa maneira, óbvia: a pátria do escritor lhe fornece aspectos essenciais que são abordados em Macondo. É na Colômbia, por exemplo, que o autor tem seus primeiros contatos com o embate entre liberais e conservadores (por meio, principalmente, das histórias que o próprio avô lhe contava e o conhecimento sobre a Guerra dos Mil Dias) e com a influência capitalista da empresa norte-americana United Fruit Company. Este capítulo, portanto, é dividido em períodos de análise, os quais apresentam diálogo entre a narrativa de Cien años de soledad, reflexões históricas e ponderações teóricas.

Em um primeiro momento, discute-se sobre o sentido metafórico da palavra solidão, termo tão presente no enredo dos Buendías, verificando como ela se relaciona à construção identitária do próprio sujeito colombiano, além de apresentar relação com as ideias de Octavio Paz, autor que considera o sentimento de solidão como fator essencial na busca pela identidade mexicana. Em sequência, verificar-se a postura do imperialismo norte-americano na Colômbia (na figura da United Fruit Company) e como esse se desenvolve também na narrativa de García Márquez, tendo em vista a Companhia Bananeira. Também são pontuadas reflexões sobre o liberalismo e o conservadorismo, uma vez que esses dois posicionamentos acarretaram diversas situações históricas na Colômbia, marcando o governo colombiano e gerando grande violência para o país, sendo representadas, principalmente, no personagem do Coronel Aureliano Buendía, em García Márquez. Além disso, disserta-se sobre outras possíveis interpretações de cunho político no enredo de Macondo, tendo em vista a construção do pensamento político do próprio García Márquez, suas experiências como intelectual da sua época. É necessário pontuar, que as análises apresentadas tiveram a todo momento a obra literária em primeiro plano, para, então, estabelecer as correspondências. As experiências pessoais de García Márquez estão, muitas das vezes, atreladas à história da Colômbia, fazendo com que seja nítida a correlação com a ficção criada. A ficção não é, portanto, mero espelho da realidade, ela não tem obrigação de ser, mas se apresenta como um instrumento de reflexão sobre a história.

4.1 A SOLIDÃO DOS BUENDÍAS

A partir do enredo de Macondo, é possível perceber a insistência do termo solidão desde o título da obra até a composição dos personagens de García Márquez. Tendo em vista o trajeto percorrido pelo autor até encontrar o amadurecimento necessário para, então, compor a narrativa, é necessário questionar sobre a repetição da ideia de solidão apresentada e compreender a importância dela. Para início de reflexão, um dos textos que auxiliam no entendimento da ideia de solidão na obra de García Márquez é o discurso proferido pelo próprio escritor na cerimônia de entrega do Prêmio Nobel de Literatura realizada em Estocolmo, Suécia, em 8 de dezembro de 1982. O discurso em questão, intitulado *A solidão da América Latina*², apresenta várias ponderações sobre temas relativos à cultura, economia e política na América Latina. A fala do autor se inicia trazendo o exemplo de Antonio Pigafetta, o qual escreveu uma crônica a respeito da América meridional quando, acompanhando Magalhães, empreendia a primeira volta ao mundo. García Márquez pontua que o texto do navegante apresenta situações pitorescas sobre o território latino-americano, como “porcos com o umbigo no lombo” e “uns pássaros sem patas”, apontando que “este livro breve e fascinante, no qual já se vislumbravam os germes de nossos romances de hoje, está longe de ser o testemunho mais assombroso da nossa realidade daqueles tempos” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2011, p. 22). O escritor continua seu discurso relatando ainda que os cronistas das Índias legaram também histórias sobre o continente latino-americano, sendo o Eldorado (região ilusória tão ambicionada) um dos exemplos. A partir desse primeiro trecho, é possível perceber que García Márquez faz uma crítica sobre a visão que o outro (nesse caso o europeu, mas também poderia ser o estadunidense) tem sobre a América Latina, interpretação essa que se iniciou com a colonização e, segundo o escritor colombiano, ainda é vista na contemporaneidade. García Márquez pontua, ainda sobre essa interpretação feita pelo outro, que no momento em que a Europa conheceu as palavras de Pablo Neruda, “irromperam, desde então, com mais ímpeto que nunca, as notícias fantasmagóricas da América Latina, essa pátria imensa de homens alucinados e mulheres históricas, cuja tenacidade sem fim se confunde com a lenda” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2011, p. 24). Desse modo, o autor afirma que há infelizmente diversas interpretações europeias equivocadas sobre a identidade latino-americana e que por maior que sejam os esforços ocidentais em tentar compreender a América Latina, ainda não se obteve êxito:

² Para esta reflexão, foi utilizada a obra *Eu não vim fazer um discurso*, a qual reúne os discursos proferidos por García Márquez desde 1944 até 2007. A edição escolhida foi organizada por Cristóbal Pera e publicada pela editora Record em 2011.

Não é difícil entender que os talentos racionais deste lado do mundo, extasiados na contemplação de suas próprias culturas, tenham ficado sem um método válido para nos interpretar. É compreensível que insistem em nos medir com a mesma vara com que se medem, sem recordar que os estragos da vida não são iguais para todos, e que a busca da identidade própria é tão árdua e sangrenta para nós como foi para eles. A interpretação da nossa realidade a partir de esquemas alheios só contribui para tornarmos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2011, p. 26).

Esse foi um dos primeiros trechos em que o autor citou a solidão da América Latina. Esse sentimento é um componente da identidade do sujeito latino-americano, é algo que o difere do restante do mundo. A solidão pode ser interpretada, nesse caso, como resultado do olhar errôneo que o Ocidente (principalmente a má interpretação feita pela Europa) desenvolveu sobre a história da América Latina. O latino-americano é solitário pois não consegue ser compreendido de maneira correta pelo outro, o qual o subestima e trata sua história, muitas vezes, como uma alegoria de crônicas e fantasias. O “nó da solidão”, como destaca García Márquez (2011), faz-se pela insuficiência de recursos que possibilitem que a história da América Latina seja acreditável e não menosprezada. A respeito da produção literária latino-americana, em especial a de *Cien años de soledad*, o escritor colombiano afirma que há um realidade descomunal atrelada à literatura, “uma realidade que não é a do papel, mas que vive conosco e determina cada instante de nossas incontáveis mortes cotidianas, e que sustenta um manancial de criação insaciável, pleno de desdita e de beleza” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2011, p. 25). Assim, é possível, em uma análise, verificar que a solidão encontrada na obra de García Márquez é a exposição de um sentimento que marca a história do continente, visto a relação com o outro europeu, e traz à tona a sensação (de modo metafórico) de um isolamento da América Latina devido à falta de (re)conhecimento sobre o que o continente é em vias identitárias.

Ainda considerando o discurso do escritor, García Márquez (2011, p. 27) questiona “por que a originalidade que é admitida sem reservas em nossa literatura nos é negada com todo tipo de desconfiança em nossas tentativas tão difíceis de mudança social?”, afirmando que esse seria o tamanho da solidão dos latino-americanos. Logo, se o nó da solidão é o não ser compreendido, a dimensão da solidão é não conseguir realizar mudanças nesse quadro. K. Cunha (2007) afirma que Marta Traba considera García Márquez como um dos intelectuais latino-americanos responsáveis por uma “cultura de resistência”, uma vez que, por meio das obras produzidas, ele evidencia problemas como o da dependência, da identidade e da liberdade latino-americana. “García Márquez, particularmente, mergulha na sociedade colombiana não se limitando apenas ao real imediato, mas sim refletindo sobre esta sociedade” (CUNHA, K., 2007, p. 98). Dessa

maneira, a partir da concepção de solidão latino-americana comentada por García Márquez em seu próprio discurso, além da noção de correspondências entre o enredo de Macondo e a história colombiana, pode-se refletir que ao discursar sobre a solidão, o autor também a reconhece como sendo uma solidão colombiana, não somente pelo país estar situado na América Latina, mas por todos os aspectos históricos enfrentados pela própria Colômbia, como, por exemplo, o abalo que a *United Fruit Company* trouxe para Aracataca. A empresa norte-americana explorou a mão-de-obra colombiana e a própria terra da cidade, sem compreender a cultura dos sujeitos que ali moravam, e após suscitar sofrimento, abandonou o local mergulhado na solidão e no esquecimento. Entender a solidão de Aracataca é entender, mesmo que em uma parte, a identidade colombiana.

Considerando que a solidão da América Latina é um aspecto que compõe a identidade latino-americana, para que o europeu ou norte-americano a compreenda é necessário que haja um processo de interação entre os sujeitos. A literatura latino-americana (especialmente a partir do *boom*) se faz, nesse cenário, como um dos instrumentos para que ocorra esse contato. Nessa circunstância, pode-se pontuar sobre a importância da relação de alteridade, sendo essa uma das prováveis medidas para minimizar a solidão do continente e alcançar o entendimento do estrangeiro sobre a América Latina. A partir dessa perspectiva, é necessário refletir sobre a construção identitária dos sujeitos, uma vez que a alteridade acontece na interação dos indivíduos, entre o eu e o outro, sendo, neste caso, o eu latino-americano e o outro estrangeiro (europeu ou norte-americano). Ao desenvolver-se, o sujeito adquire sua identidade individual e coletiva (identidade partilhada). A primeira refere-se à singularidade do sujeito como ser único, dotado de características próprias que o individualizam frente ao seu grupo social; a segunda, por sua vez, delinea-se a partir da relação dos indivíduos que, no entrelaçar de suas identidades individuais, compõem determinada expressão identitária permeada por visões relacionadas a aspectos culturais, uma vez que “os seres individuais não têm uma existência a não ser pela relação que os une” (AUGÉ, 1999, p. 27). É válido ressaltar, também, que a partir do desenvolvimento da identidade individual e coletiva, característica que se vincula à pluralidade interna do sujeito, há o emergir do sentimento de pertencimento cultural, uma vez que “todos aqueles que pertencem a (...) [determinada] cultura levam de alguma maneira a sua marca” (AUGÉ, 1999, p. 17).

Tendo em vista a noção de pertencimento cultural, é possível estabelecer relação com o conceito de identidades culturais, com ênfase na identidade nacional, discutida por Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2015). Para o autor, essa identidade, assim como as discutidas por Augé em *O sentido dos outros: atualidade da antropologia* (1999), apresenta-se

como parte do indivíduo, “como se fossem parte de nossa natureza essencial” (HALL, 2015, p. 29). Assim, pode-se afirmar que a nação não alude apenas aspectos políticos mas, segundo o estudioso, é um sistema de representação social. Visto isso, a cultura nacional pode ser concebida como instrumento da modernidade. Ao atentar-se para a concepção de identidade, há a necessidade do reconhecimento da alteridade. Augé (1999, p. 11) ao questionar sobre a relação entre o eu e o outro, afirma que para o sujeito observador, a cultura observada e analisada culminará em uma “segunda natureza”. Tal perspectiva relaciona-se à interação e apropriação de novos conceitos e crenças, tanto do eu observador, quanto do outro observado. Isso faz com que os indivíduos possibilitem o compartilhamento de suas culturas, tornando-se sujeitos hibridizados. Logo, a partir do encontro entre o eu e o outro ocorre o emergir de novas concepções e panoramas sociais que transpõem paradigmas pois, ao desenvolver compreensão além da sua própria verdade, o indivíduo evolui e transcende culturalmente, visto que ele não apresentará apenas uma leitura de vida, mas perceberá a necessidade de buscar novas perspectivas.

Glissant, em *Introdução a uma poética da diversidade* (2005), reflete sobre a importância da relação entre literatura e estudos sobre identidade. O estudioso afirma que as consideradas grandes obras literárias possuem grande poder perante determinada sociedade, uma vez que podem assegurar o destino desse grupo social, assim como calar a voz do outro, fazendo com que prevaleça apenas um discurso. Tendo isso em vista, Glissant adverte acerca de uma literatura épica nova, contemporânea, que transponha as relações entre os indivíduos: “essa literatura épica talvez faça economia da noção do ser, para surpreender-se com o imaginário do sendo, de todos os sendos possíveis do mundo, de todos os existentes possíveis do mundo” (GLISSANT, 2005, p. 81). Assim, o indivíduo, transposto nos textos literários, deve ser figura móvel, passível de relações e construções sociais, de modo a alcançar uma unidade não mais estática, mas sim plural. Dessa maneira, autores literários que compreendem e dialogam com a concepção de identidades e alteridades fazem com que a literatura, além de todos os aspectos que a compõem como arte, torne-se lugar comum àqueles que desejam comungar novos encontros, partilhar experiências e encontrar-se no outro.

K. Cunha (2007, p. 99) ao dissertar sobre a América Latina e a questão da solidão em García Márquez, corrobora com as ideias apresentadas por Augé, Hall e Glissant. A estudiosa aponta que “a descoberta do outro é, talvez, um dos elementos que inauguram a era moderna; por isso, o surgimento da América [Latina] no cenário da história é um fato tão importante”. Assim, no momento em que a literatura latino-americana começou a ser reconhecida mundialmente, através do *boom*, escritores como García Márquez puderam explorar em suas

obras a verdadeira identidade latino-americana, ou seja, o verdadeiro eu latino-americano e demonstrar para o outro estrangeiro o quão errônea se dá, muitas vezes, a interpretação sobre a América Latina. Aqui retoma-se, então, a solidão delineada por García Márquez e a necessidade do entendimento sobre a construção identitária do sujeito latino-americano e a prática da alteridade entre esses povos e o outro estrangeiro. “Destá forma, pensar a alteridade conduz ao problema da identidade; e pensar a identidade implica destacar a diferença. O processo de reflexão sobre a identidade passa pela oposição dialética nós/outros, entre o mundo hegemônico e o mundo dependente” (CUNHA, K., 2007, p. 100). K. Cunha adverte ainda que a América Latina se constitui de povos com cultura própria, porém só muito recentemente conseguiu alcançar um meio para conseguir se expressar oportunamente. “Grande parte desse discurso foi produzido na literatura que, sob a influência do modernismo, trouxe novas ideias para pensar a A. L. [América Latina], como a da consciência continental, da permanência do tradicional, da capacidade criadora” (CUNHA, K., 2007, p. 105). Desta maneira, é possível afirmar que a literatura foi um dos meios que suscitou a possibilidade do estrangeiro em estar em contato com aspectos que compõem a identidade latino-americana. Retomando o discurso de García Márquez (2011, p. 26 e 27), o próprio escritor colombiano adverte que acredita que há “europeus de espírito esclarecedor”, os quais poderiam auxiliar na construção de uma nova visão sobre a América Latina. Nesse trecho, a reflexão de García Márquez corrobora, em uma análise, com a ideia de alteridade. Esses europeus que o escritor se refere só podem nutrir nova perspectiva sobre os latino-americanos se exercerem a prática da alteridade. García Márquez afirma ainda que “a solidariedade com nossos sonhos não nos fará sentir menos solitários enquanto não se concretize com atos de respaldo legítimo aos povos que assumam a esperança de ter uma vida própria na divisão do mundo”, novamente há a relação com o conceito de alteridade discutido por Augé (1999) anteriormente, visto que os “atos de respaldo legítimo aos povos” podem ser tidos, inicialmente, com a consciência da necessidade de compreender a identidade do outro latino-americano e, com decorrência disso, o sentimento de solidão do continente seria reduzido.

Além de García Márquez, outro intelectual latino-americano do século XX que se preocupou com o sentimento de solidão da América Latina foi Octavio Paz. Paz discutiu ao longo da vida sobre a identidade mexicana e a necessidade de compreendê-la e defendê-la. Tendo grande influência do avô paterno, Ireneo Paz (liberal convicto que acreditava na liberdade política) e do próprio pai, Octavio Paz Solórzano (defensor da causa Zapata), o escritor criou uma obsessão nacional. Em suas reflexões, ele buscava encontrar o que poderia ser chamada de natureza mexicana: *la mexicanidad*. Filho único do zapatista Solórzano com a

espanhola Josefina Lozano, teve um relacionamento muito próximo com o avô paterno, visto que o pai se distanciou da família para defender as ideias revolucionárias de Emiliano Zapata e Pancho Villa. Paz tornou-se grande ouvinte de Ireneo e frequentador assíduo da biblioteca de Papa Neo (tratamento carinhoso dado ao avô) quando o patriarca faleceu. Desse modo, ligado a convicções políticas de Ireneo e Solórzano, Paz dedicou-se a *hacer patria* por meio da escrita, iniciou como jornalista e editor, posteriormente começou a escrever poesia, influenciado por sua tia Amalia quem lhe apresentou a literatura, entretanto, sempre ligado à ideia de que “se o patriarca liberal e o líder zapatista foram revolucionários, seu descendente devia ser mais revolucionário ainda” (KRAUZE, 2011, p. 168). A fim de compreender o que é ser um mexicano, Octavio Paz, dentre muitas contribuições de escritas literárias e artigos jornalísticos, em meados de 1950, compôs *O labirinto da solidão*, uma das obras mais famosas dele, a qual pode ser considerada também uma mescla com sua própria biografia. *O labirinto da solidão* tem o propósito de discutir o México, revelar a verdade dos mexicanos, uma história coletiva do país que apresenta, como um dos pontos principais para entender o sujeito, a solidão. Krauze (2011, p. 220) afirma que “a orfandade da Conquista, a ordem da Colônia, a ruptura na independência, Paz via o século XIX como o local histórico de um desvio, quase uma aberração. [...] [Há] uma insistência idiossincrática na ‘solidão’ não apenas de si próprio, mas de todos os mexicanos”, uma vez que o país e o sentimento de pertencer a ele traz uma consciência da solidão histórica e pessoal. Paz incitava questionamentos sobre o sentimento criado no México a partir da Revolução Mexicana. Ele acreditava que era preciso compreender o surgimento de um povo para que se vislumbrasse a autenticidade dele, ou seja, novamente a *mexicanidad* entra em discussão, sendo tratada como uma “substância invisível” relacionada à “qualidade de ser mexicano” e, uma vez compreendida a importância dessa reflexão, poder-se-ia entender o mexicano também como parte da América Latina. “Ninguém no México, exceto Octavio Paz, teria ligado a palavra ‘solidão’ a algo como uma característica essencial do país e de seu povo, desde sua cultura e sua história. Desde a Revolução Mexicana, a ideia do ‘México’ [...] havia sido uma obsessão nacional” (KRAUZE, 2011, p. 144).

Krauze, em *Os Redentores: ideias e poder na América Latina* (2011), ao dissertar sobre os conceitos de Paz, observa que o estudioso desde a juventude esteve em constante contato com a sensação de estar só e a inquietude de não saber exatamente como definir a própria identidade como mexicano. O sentimento de estar só, o qual esse autor discute em *O labirinto da solidão*, liga-se ao sujeito mexicano, portanto, a identidade mexicana. Rezende (2000), explica que ao construir o *Labirinto*, Paz (1984) traz considerações sobre a história do México, os indivíduos, na busca por compreender o que é ser mexicano, encontram-se em meio às

incertezas de um passado aparentemente perdido, ligado à colonização. Considerando essa perspectiva, percebe-se a necessidade de compreensão de um “mito fundador” e a tentativa de reconciliação com o passado para possibilitar, assim, entender a identidade do sujeito mexicano. Rezende (2000, p. 8) admite que Paz (1984) “refletindo sobre a história mexicana, [...] reflete sobre si mesmo, sobre a condição humana, sobre a história na sua dimensão mais ampla, com sua arquitetura labiríntica e seu equilíbrio instável”.

Logo, se para García Márquez (2014), o sentimento de solidão da América Latina está ligado à incompreensão do outro sobre a história do continente, para Paz (1984), a solidão do mexicano consiste também na sensação de perda da própria história, o não saber como confrontar o olhar do outro sobre a cultura mexicana a fim de mostrar o que realmente o México é, além da importância da *mexicanidad*. Entretanto, é possível afirmar que, durante a leitura de Paz (1984), percebe-se que o próprio indivíduo mexicano tem dificuldades em compreender a si mesmo, por estar nesse “labirinto histórico”, ele prefere esconder-se atrás de máscaras, tornando-se um sujeito fechado em sua própria intimidade. Difícil é mostrar-se ao outro quando, na verdade, é necessário primeiro compreender a história de seu país e a construção da própria identidade.

Rezende (2000) aponta ainda que os escritos de Paz (1984) sobre o labirinto mexicano trazem uma dualidade bem acentuada, há a ideia de que o México apresenta um “vazio histórico”, algo que o coloca em posição solitária. Contudo, mesmo com esse sentimento de perda, em vários momentos, Paz (1984) reconhece a possibilidade de uma reconciliação entre o povo mexicano e sua própria história. Logo, é possível verificar que a solidão para o mexicano se constrói em um primeiro plano como a consequência da perda histórica, apontada por Paz (1984) e em segundo, como um estímulo à reconciliação do mexicano com o próprio México, com o outro e consigo mesmo. Isso se afirma no trecho em que Paz (1984, p. 176), ao refletir sobre a dialética da solidão, aponta que “a solidão é uma pena, isto é, uma condenação e uma expiação. É um castigo, mas também uma promessa de fim do nosso exílio. Toda vida é habitada por essa dialética”.

Onze anos após a publicação do *Labirinto*, García Márquez chega com a família na Cidade do México. Não é possível afirmar que ele e Paz foram próximos, tampouco se eles se inspiraram um na obra do outro, certo é que García Márquez teve grande desenvolvimento como escritor de literatura nos anos que passou nesse país e, se não foi influenciado diretamente por Paz, o momento em que o México estava passando, principalmente no âmbito das reflexões sobre identidade, o conduziu intelectualmente. De acordo com Gerald Martin (2010) – outro biógrafo de García Márquez –, o autor colombiano chegou ao México sabendo muito pouco

sobre o continente latino-americano e a literatura que estava sendo produzida nesse território, assim, “o decisivo processo de latino-americanização foi deixado para ser completado pelo México; [...] não poderia haver melhor professor” (MARTIN, 2010, p. 342). Dessa maneira, no meio de conturbados trabalhos como roteirista de cinema e editor de jornais, funções que traziam apenas benefício financeiro para o escritor, mas não a realização pessoal que a literatura proporcionaria a ele, García Márquez, em contato com Carlos Fuentes, começou a desenvolver uma consciência latino-americana, compreender que a escrita literária poderia estar relacionada não somente a um único país, mas ser a representação de todo o continente. No desenvolvimento desse pensamento, nasceu *Cien años de soledad*, obra escrita no México entre 1965 e 1966 e publicada na Argentina em 1967. Macondo é visto, então, não somente como símbolo nacional, mas também continental, em que a história da família Buendía se cruza com a história da América Latina. Assim:

Latino-americanos não apenas se reconhecerão, mas agora serão reconhecidos em todas as partes, universalmente. Esse era o significado do livro que o filho de Luisa Santiaga Márquez Iguarán de García escrevia em uma salinha repleta de fumaça na diminuta escrivania rudimentar, no meio de uma vasta e caótica cidade do Terceiro Mundo. A agitação era mais do que justificada, e a intensidade eufórica e nervosa está impregnada nas páginas do livro (MARTIN, 2010, p. 374).

Em vista disso, é possível afirmar que há uma linha tênue interligando Paz e García Márquez: o México. Isso não significa que a discussão identitária entrevista no país impactou os dois autores da mesma forma. Entretanto, pode-se verificar a solidão do *Labirinto* e de Macondo com raízes em terras da América Latina, cada qual ao seu modo: Paz focalizando o México e García Márquez ampliando a perspectiva para o continente. Ao ler sobre a família Buendía, desde a migração de Riohacha, fundação de Macondo e estabelecimento nessa nova aldeia, o leitor ou estudioso da narrativa pode perceber que muitos dos conflitos internos criados nos personagens se dão a partir do sentimento de solidão. A solidão presente em Macondo é algo muito próximo das ideias desenvolvidas por Octavio Paz sobre a solidão no México, assim como a perspectiva sobre a *mexicanidad* desse país. Tendo em vista o movimento de reconciliação do mexicano com a história do seu país, pode-se refletir que a Revolução Mexicana, entre os anos de 1910 e 1920, é um dos marcos históricos vistos como uma tentativa de recomposição da história e revelação do verdadeiro mexicano. Baseado em Rezende (2000, p. 14) é possível pontuar uma interpretação sobre a Revolução Mexicana: “A Revolução não é, portanto, a instalação do novo, mas, sobretudo, uma reconciliação ou o reencontro com algo que havia sido perdido”. Todavia, a Revolução Mexicana não trouxe ao país as transformações

almeçadas. Assim como aconteceu na ficção de García Márquez (2014), os movimentos armados trouxeram tanto para Macondo quanto para o México mais dúvidas do que certezas. Uma delas, cabível tanto ao Coronel Aureliano Buendía quanto aos mexicanos é: o que pode retirar o homem (de Macondo, latino-americano, mexicano) da solidão que o rodeia? De acordo com Rezende (2000), em meio a reflexões metafóricas, Paz (1984) defende que o amor é o “antídoto” para a solidão, é o sentimento ligado ao ponto mais profundo do sujeito, assim:

O elogio ao amor é, portanto, um reencontro com a nossa pulsão de vida, o nosso pacto com Eros, com os sinais da comunhão e da reconciliação, diante dos tantos momentos de rupturas e solidão. A vida do homem marcada por essa dialética implacável que nos acompanha desde nosso nascimento, na própria construção do imaginário, na nossa concepção de santos, redentores e heróis e na formulação da linguagem. (REZENDE, 2000, p. 18).

Desse modo, o amor se apresenta como algo ainda mais profundo do que a própria solidão, é o sentimento que poderia trazer redenção ao mexicano, visto que, segundo Paz, o amor permite que o indivíduo busque a si mesmo e ao outro, encarando rupturas, reuniões, separações e reconciliações, uma vez que cada uma dessas situações possibilita que o sujeito transcenda a solidão. O autor pondera ainda que o período da adolescência é o primeiro momento em que se tem consciência da própria singularidade, ela não é apenas a idade da solidão, mas também de grandes amores. Curioso é perceber, com base nisso, novamente certa ligação entre os pensamentos de Paz (1984) e a ficção de García Márquez (2014), uma vez que ao defender a ideia de amor como redenção para a solidão, pode-se aludir à figura do Coronel Aureliano Buendía tanto no período da adolescência do personagem quanto na época em que, já homem feito, decidiu se casar. Além do personagem do Coronel Aureliano Buendía ser uma das personalidades mais marcadas pela solidão na narrativa de García Márquez (2014), ele também de algum modo vive o sentimento do amor que Paz (1984) propõe. No princípio da narrativa, o Coronel inicia seu processo de reconhecimento e construção identitária pela paixão atribuída a Pilar Ternera, é nos braços dela que ele se descobre como homem, o homem solitário que estava se tornando. A descoberta pelo prazer faz com que nos momentos em que o personagem deseja os encontros com Ternera, o leitor seja direcionado a pensar que Aureliano poderia amar essa mulher, entretanto, logo percebe-se que o sentimento nutrido por ela é apenas da experimentação. O Coronel sempre se mostrou solitário, desde adolescente, mas isso não o impediu de se relacionar com Ternera. O amor surge para esse personagem na figura de Remedios Moscote, filha de Dom Apolinar Moscote. Aureliano experiencia os sentimentos que Paz pontua, sendo o casamento com a jovem quase que uma necessidade vital ao Coronel: “Quería quedarse para siempre junto a ese cutis de lirio, junto a esos ojos de esmeralda, muy

cerca de esa voz que a cada pregunta le decía señor con el mismo respeto con que se lo decía a su padre” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 85). Paz adverte que apenas o amor permite que o sujeito deixe sua máscara e se mostre por completo, é isso o que Aureliano começa a viver com Remédios, ele mostra e compartilha a própria intimidade com a moça, porém a solidão apresenta-se novamente para ele e a morte busca Remédios prematuramente. A partir desse ponto da narrativa, o filho de Úrsula entrega-se cada vez mais à solidão. A morte de Remédios finda todo o sentimento que poderia resgatar o Coronel do seu próprio isolamento. O personagem não se casa novamente e os filhos que tem com diversas mulheres durante a guerra pouco se relacionam com ele. José Arcádio, irmão de Aureliano, vive algo muito parecido durante a narrativa, ele também tem relações com Pilar Ternera (aliás, ele é quem suscita a paixão do Coronel por Pilar, uma vez que ouvindo as aventuras de José Arcádio com a mulher, Aureliano nutre esperanças de viver o mesmo que o irmão), logo, a adolescência desse personagem também é marcada pelos desdobramentos da paixão, e, após voltar das vivências com os ciganos, José Arcádio apaixona-se e se casa com Rebeca, vivenciando, portanto, o amor. Apesar disso, a solidão em José Arcádio é marcada de maneira diferente. Mesmo vivenciando esse sentimento (principalmente quando expulso de casa por Úrsula devido ao casamento com Rebeca, sua irmã adotiva), o irmão do Coronel não se apresenta reflexivo em sua condição solitária, como Aureliano, tampouco adquire caráter militar, “lutando” por sua identidade ou pela identidade de seu povo, José Arcádio apenas vive e aceita essa condição, não a questiona e também não tenta compreendê-la.

Além do sentimento de solidão, Paz reflete sobre as máscaras mexicanas, tomando esse termo como metáfora para uma das características da identidade mexicana: a desconfiança do outro, o mexicano não permite que outro indivíduo conheça sua intimidade, ele não “se abre”. Toda vez que o mexicano deixa transparecer a própria intimidade, ele abdica de si mesmo e renuncia à solidão, aspecto que, como posto anteriormente, é a chave para compreender *la mexicanidad*, ou seja, compreender o que é ser mexicano. O estudioso adverte também que ao fechar-se, o mexicano encontra sua autenticidade, ele afirma o que não é e aquilo que deseja ser. Para tanto, o sujeito deve assumir máscaras, deve ser teatral para que os outros não tenham acesso ao eu verdadeiro dele. A mentira, nesse caso, é um simulador necessário para a afirmação do ser, não como uma forma de prejudicar alguém, mas como forma de resguardar o que somente o próprio mexicano deve saber sobre si mesmo. Assim, “simular é inventar ou, melhor, aparentar e assim elidir a nossa condição. A dissimulação exige maior sutileza: quem dissimula não representa, mas sim quer se tornar invisível, passar despercebido – sem renunciar ao seu ser” (PAZ, 1984, p. 42), logo, as máscaras mexicanas não são aspectos negativos da identidade

mexicana, ao contrário, se justificam no sentimento de solidão. Esse aspecto apresentado em Paz também pode ser relacionado a uma solidão do enredo de García Márquez (2014), aquela que acompanha o Coronel Aureliano Buendía, segunda geração da família e o primeiro ser humano que nasceu em Macondo.

As primeiras descrições sobre o coronel, até então chamado apenas de Aureliano, relacionam-se com a personalidade e, de certo modo, com aspectos físicos dele, ele era silencioso e retraído, “había llorado en el vientre de su madre y nació con los ojos abiertos” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2011, p. 25). Além disso, a intuição que o personagem tinha para a alquimia (uma vez que ele auxiliava José Arcádio Buendía, seu pai, na busca pelo conhecimento) fez com que ele passasse longas horas no laboratório de Macondo fabricando, até mesmo, peixinhos dourados. A adolescência concebeu que Aureliano se firmasse ainda como sujeito silencioso e solitário. Além disso, ele não tinha herdado a corpulência de Arcádio, seu irmão. Considerando as menções sobre esse personagem, é perceptível a correspondência entre a maneira como ele é construído e as ideias sobre as máscaras mexicanas de Paz (1984). Aureliano não é atrevido como Arcádio, jamais fugiria com um grupo de ciganos, ao contrário, ele é resguardado e poucos sabem quem ele realmente é, talvez apenas Úrsula, sua mãe, tenha uma breve consciência da intimidade do filho por saber reconhecer o olhar singular dele.

O casamento com a filha do Alcaide (Dom Apolinar Moscote) não afastou Aureliano do seu estado de solidão, entretanto, fez nascer nele, em meio as conversas com o sogro, o sentimento liberal. Foi nessa época, na narrativa, que o personagem declarou que se fosse tomar partido nas ideologias, seria liberal porque os conservadores eram “uns safados”. Diante disso, percebe-se que o personagem cria uma máscara para si, como as máscaras mexicanas admitidas por Paz (1984), ele já não é somente um Buendía, ele é o Coronel Aureliano, aquele que promoveu tantas guerras quanto queria. A postura do Coronel liga-se à ideia de que “O *macho* [mexicano] é um ser hermético, fechado em si mesmo, capaz de resguardar-se e de guardar o que lhe é confiado. A hombridade é medida pela invulnerabilidade diante das armas inimigas ou diante dos impactos do mundo externo” (PAZ, 1984, p. 32), pode-se, com esse trecho do *Labirinto*, aludir à postura do personagem, sempre muito silencioso, como se tivesse feito um pacto com a solidão e com ela devesse seguir pela vida toda (como realmente o fez). O fato de estar frente as guerras, defendendo o que achava por melhor para si mesmo e para o povo faz com que se perceba um espírito ímpar no personagem. Em uma análise, essas características tenham sido herdadas em parte de José Arcádio Buendía (pai), que sempre defendeu a necessidade de adquirir novos conhecimentos, mesmo amarrado e definhando em baixo de uma árvore, e Úrsula (mãe), aquela que defendeu até seus últimos dias de vida a indispensabilidade

de conservar a casa sempre bem disposta a acolher novos moradores e visitantes, além do dever de manter a estirpe dos Buendías sempre com a preocupação que os descendentes não nascessem com rabos de porcos (superstição por Úrsula e José Arcádio Buendía serem primos).

Em meio as guerras travadas, poder-se-ia pensar que a solidão não se mostraria presente para o personagem do Coronel Aureliano Buendía, visto a agitação das decisões, a pólvora e as viagens desenvolvidas para alcançar o sucesso das batalhas: a vitória dos liberais. Entretanto, o contrário se fez. Decorridas algumas páginas já com o personagem como coronel, novamente o sentimento de solidão (a solidão também partilhada pelos mexicanos quando, na história do México, *hacer patria* também se vinculava a fazer Revolução) se faz presente para o filho dos Buendías. Esse personagem é descrito, além de solitário, como alguém imerso no poder, mas ao mesmo tempo indiferente e disperso. Ele decide, então, regressar a Macondo, como um movimento de encontrar um refúgio e as recordações antigas, aquelas dos tempos em que ele se preocupava apenas em aprender detalhes da ourivesaria e pensar em Remédios, ou muito antes, quando a novidade chegava com os ciganos e conhecer o gelo era a maior satisfação que poderia se ter.

Krauze (2011), ao dissertar sobre Octavio Paz e o México, admite que a palavra Revolução (não revolta ou rebelião, mas sim Revolução) está muito ligada ao sentimento de criar uma nação, compreender a identidade do país, que por sua vez retoma à ideia de *la mexicanidad*. Dessa maneira, a Revolução “era uma expressão festiva e violenta surgida das profundezas da terra do México, uma exigência armada de justiça e igualdade para a vasta maioria pobre do México” (KRAUZE, 2011, p. 159). Para *hacer patria*, ou seja, compreender o que é o México, o que é ser mexicano, saber exatamente quem se é, logo, uma discussão sobre a construção e compreensão da identidade do país, era preciso aceitar e viver a solidão, usar máscaras mexicanas, não se entregar ao entendimento do outro, mas buscar compreender a si próprio. Nesse movimento está enraizada *la mexicanidad*; para que fosse possível alcançar tais entendimentos, o mexicano precisa encontrar na Revolução o meio para esse fim, para compreender a “natureza essencial do México”, como afirmar Krauze (2011, p. 144). O Coronel de García Márquez (2014) inabalável na própria solidão, assemelha-se muito ao mexicano que busca compreender questões identitárias em meio a própria solidão. Quando o leitor se depara com as primeiras descrições físicas e psicológicas do personagem: um aprendiz de alquimia e iniciante na ourivesaria, não poderia imaginar a grande figura política e patriótica que ele iria se tornar. Ao decidir ser liberal e lutar por essa ideologia, o Coronel procura defender sua pátria, Macondo, não somente o território físico, mas todos aqueles que lá estavam, assim, ele vivencia o que Paz (1984) adverte para o México, busca entender como sua pátria é construída a partir

da revolução armada e, dessa maneira, compreender a si próprio, sempre carregando consigo a solidão e os artifícios das máscaras mexicanas, uma vez que nenhum outro personagem, exceto Úrsula em raros momentos, pode vislumbrar o que acontecia no interior do Coronel. Ele é um dos personagens mais complexos de García Márquez (2011) e, talvez, aquele que mais se preocupa com a pátria.

4.2 MACONDO E A RELAÇÃO COM OS NORTE-AMERICANOS

Desde o início da obra, o povoado de Macondo tem contato com o estrangeiro. Esse contato é marcado nos primeiros capítulos pela chegada dos ciganos na aldeia, trazendo inventos do “mundo moderno”, como o tapete que flutuava ou o objeto que José Arcádio Buendía julgava como a maior descoberta de todos os tempos, o gelo. Além disso, os ciganos trouxeram o laboratório de alquimia, local presente na obra em diversos momentos e relacionado tanto ao Buendía pai quanto a Aureliano filho (foi nesse espaço que o Coronel passou seus últimos momentos de vida confeccionando peixinhos de ouro como um ofício indispensável, assim como a própria solidão era), e com eles veio também Melquíades, sábio cigano que se tornou próximo da família Buendía por insistência de José Arcádio pai e complacência de Úrsula, mãe. A magia dos ciganos era vista como sinal de modernidade. Considerando o início da obra de García Márquez, pode-se perceber que um exemplo claro da consequência do contato com esse primeiro estrangeiro, é a postura adotada pelo patriarca da família Buendía. José Arcádio Buendía fascina-se pela “ciência dos ciganos” e decide que é preciso compreender os “avanços do mundo” e dominá-los. Assim, “José Arcadio Buendía pasó los largos meses de lluvia encerrado en un cuartito que construyó en el fondo de la casa para que nadie perturbara sus experimentos [...] Estuvo varios días como hechizado, repitiéndose a sí mismo en voz baja um sartal de conjeturas” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 12 e 13). Dessa maneira, ao tentar desenvolver conhecimentos de alquimia, o personagem isola-se. Esse perfil dado ao patriarca, liga-se também ao fato de que, se ele dominasse a alquimia, ele conduziria Macondo aos novos inventos, não deixaria seu povo à margem dos novos conhecimentos, o que fica evidente no trecho quando José Arcádio Buendía “pidió el concurso de todos para abrir una trocha que pusiera a Macondo en contacto com los grandes inventos” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 19). Em certo momento, o narrador de García Márquez conta ao leitor que o personagem, tão absorto nas ideias trazidas pelos ciganos, distancia-se da própria família, não percebendo o quanto seus dois filhos cresceram. O desejo por aprender e dominar a ciência vão acompanhar José Arcádio Buendía até a morte.

Pode-se dizer, em uma análise, que Macondo viveu dois períodos grandes de contato com o estrangeiro. O primeiro se deu com os ciganos, houve uma comoção significativa da população e uma curiosidade compartilhada. Macondo absorveu os inventos deles e os acolheram, depois disso, eles partiram. Como mencionado anteriormente, a insanidade de José Arcádio Buendía provocada pelos inventos dos ciganos foi uma das consequências trazidas pelo contato com esse primeiro estrangeiro, além disso, pode-se citar também a fuga de José Arcádio (irmão do Coronel Aureliano, portanto, segunda geração) com uma das ciganas. O segundo período de contato com o estrangeiro se delinea com a Companhia Bananeira, a qual traz para Macondo outros impactos. As transformações trazidas pelo Mr. Brown e a Companhia Bananeira se deram de maneira diferente àquelas que os ciganos proporcionaram a Macondo. A Companhia Bananeira surge na metade do enredo quando o Coronel Aureliano já havia travado algumas batalhas e a família Buendía chegava a sua quinta geração. Úrsula, a matriarca da família, era tataravó dos filhos que vieram do casamento de Aureliano Segundo e Fernanda del Carpio. Dessa maneira, a Companhia Bananeira se apresenta, em um primeiro momento, como sinal de prosperidade para Macondo, nesse período o povoado também se deslumbrava com as lâmpadas elétricas, teatro, cinema e gramofones, por exemplo, nada no início indicava que a empresa iria apenas explorar a aldeia até não poder mais. Os norte-americanos construíram uma espécie de povoado do outro lado da linha do trem e infestaram Macondo com a “prosperidade” prometida. Isso fica evidente no trecho:

Fue una invasión tan tumultuosa e intempestiva, que en los primeros tiempos fue imposible caminar por la calle con el estorbo de los muebles y los baúles, y el trajín de carpintería de quienes paraban sus casas en cualquier terreno pelado sin permiso de nadie [...] Tantos cambios ocurrieron en tan poco tiempo, que ocho meses después de la visita de Mr. Herbert los antiguos habitantes de Macondo se levantaban a conocer su propio pueblo. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 275 e 276).

O modo como é descrito o desenvolvimento da Companhia Bananeira em Macondo, influenciou na construção de aspectos de alguns personagens, como de José Arcádio Segundo, irmão gêmeo de Aureliano Segundo, quarta geração dos Buendías. Nas primeiras descrições, esse personagem é silencioso e absorto em si mesmo. Úrsula, em determinado momento, comenta que os gêmeos haviam de ter sido trocados, pois tais características afloram naqueles que se chamam Aureliano, como o Coronel, entretanto, José Arcádio Segundo segue assim, até o momento em que decide se rebelar contra a Companhia Bananeira que explorava as terras de Macondo com o plantio da banana e não assegurava ao povo condições dignas para o trabalho, permitindo, por exemplo, que houvesse corte e embalo de bananas até mesmo aos domingos.

A aparição da Companhia Bananeira em García Márquez (2014) não é por acaso, essa empresa fictícia faz referência a um processo histórico relacionado à construção identitária da Colômbia, uma vez que em 1899, segundo Martin (2010), o empresário norte-americano Minor C. Keith levou para o país a *United Fruit Company* (UFC), a qual está relacionada diretamente à obra literária. A UFC, assim com a Companhia Bananeira, ofereceu trabalho à população no cultivo da banana, isso influenciou na economia de Aracataca (cidade natal de García Márquez), assim como, mediante a situação que surgiu como consequência dessa “prosperidade” econômica, fez com que os colombianos se questionassem sobre o poder dos norte-americanos nas suas terras e os fizessem ir em busca da afirmação da própria identidade como trabalhador colombiano, não negando os norte-americanos, mas não querendo ser, de certo modo, subjugados por eles.

Além de estarem diretamente ligados à exploração da mão de obra colombiana na UFC, os norte-americanos tinham ações da Ferrovia Santa Marta. De acordo com o biógrafo Martin (2010), em 1910, a linha do trem se expandia de Santa Marta, passando por Ciénaga e Aracataca, chegando em Fundación. Curioso é saber que uma construção de via férrea também trouxe mudanças no povoado fictício de Macondo, ligadas também a empresa bananeira, assim como ocorrido no século XIX na Colômbia. Aspecto que também deve ser verificado é essa outra aproximação entre a realidade histórica do país da família Márquez e a construção fictícia do povoado dos Buendías: “uma das maiores propriedades pertencentes a UFC se chamava Macondo: 135 acres às margens do ris Sevilla, no *corregimiento* de Guacamayal [zona bananeira no município de Magdalena, no norte da Colômbia]” (MARTIN, 2010, p. 69). Assim, é necessário afirmar que há muita semelhança, neste ponto do enredo, com as vivências da própria Colômbia. Em vários momentos da narrativa, um leitor atento pode perceber as fortes ligações que o universo ficcional de García Márquez (2014) tem com a história latino-americana. Verifica-se que um dos aspectos mais marcantes nessas comparações é o que aproxima a Companhia Bananeira (de Macondo) a *United Fruit Company*.

A UFC, assim como a Companhia Bananeira fez em Macondo, criou uma outra comunidade do outro lado da linha do trem, uma espécie de acampamento para os administradores norte-americanos iniciando com gramados de recreação e chegando até a quadra de tênis. Contudo, os trabalhadores colombianos, descontentes com a situação, declararam greve na Zona da Banana, em 12 de novembro de 1928, trinta mil trabalhadores pararam em prol de melhor reconhecimento do trabalho desenvolvido e melhores condições para fazê-lo. Contudo, nem a empresa nem o governo viram essa atitude com bons olhos, porém, em vez de tomarem uma decisão pacífica, para que ambos os lados se beneficiassem, as

autoridades deram ordens para abrir fogo contra os grevistas. Marquette (2010), ao analisar as relações da *United Fruit Company* na América do Sul, em destaque o massacre Ciénaga e a retirada de Magdalena, destaca que:

Os trabalhadores da indústria da banana haviam se reunido na praça da cidade de Ciénaga no dia 6, onde ouviram o discurso do governador da região, e não para protestar. [...] Enquanto isso, o general Cortés Vargas posicionava suas tropas e os preparava para enfrentar “uma multidão de rebeldes”. Quatro metralhadoras foram posicionadas no telhado, em cada canto da praça, cercando-a, e o general Vargas dá a ordem. Os soldados iniciaram o massacre e a multidão, apertada no pequeno espaço, não conseguiu dispersar e muito menos fugir. O embaixador dos Estados Unidos na Colômbia, Jefferson Caffery, informa Washington sobre o resultado do ataque: “Eu tenho a honra de reportar, que o representante da *United Fruit Company* em Bogotá me contou ontem que o número total de grevistas mortos pelo exército colombiano supera mil vítimas”³ (MARQUETTO, 2010, p. 54).

Em consonância com Marquette (2010), Martin (2010) adverte ainda que Cortés Vargas havia ameaçado todos os soldados que não queriam obedecer a ordem de fuzilamento. Além disso, o número de mortos declarado por Caffery, citado acima, foi anunciado um ano após o acontecimento, visto que, em um primeiro momento, as autoridades informaram sobre apenas nove mortos e três feridos. Em 1955, segundo Martin (2010, p. 73), o vice-presidente da UFC afirmou para um pesquisador que “410 foram mortos no massacre daquela noite e mais de mil nas semanas seguintes”, entretanto, os números até hoje são contraditórios e deixam margem para questionamentos. Após esse acontecimento, os executivos e administradores da UFC deixaram Aracataca e a cidade começou a sofrer um declínio. Nessa época, García Márquez vivia sua infância e mal saberia que iria retratar esse marco histórico da própria cidade em um romance anos mais tarde.

A grande greve em Macondo é protagonizada por José Arcádio Segundo, esse personagem, muito timidamente apresentado até então, assume uma postura revolucionária e começa a ser considerado um agente de uma conspiração internacional contra a ordem pública. Não obstante, o que José Arcádio Segundo queria mesmo era trazer dignidade e reconhecimento aos trabalhadores. Assim como na Colômbia, os operários da empresa norte-americana se reuniram (formando uma multidão) para ouvir o decreto a favor ou contra as reivindicações propostas, é nesse momento da narrativa que a ficção se corresponde com a história e García Márquez alude fortemente a um marco memorável de seu país e, ao mesmo tempo, tece uma crítica sobre os desdobramentos midiáticos que se teve na época do acontecimento. Após dado o sinal para abrir fogo contra os trabalhadores, narra-se que José Arcádio Segundo por um

³ Esta citação de Caffery é pontuada por Marquette (2010) em suas reflexões e extraída de Dan Koeppel (2007, p. 88), em *Banana: The fate of Fruit That Changed the World*.

momento não se dá por si (um possível desmaio talvez) e quando desperta, “estaba bocarrriba en las tinieblas. Se dio cuenta de que iba en un tren interminable y silencioso, y de que tenía el cabelo apelmazado por la sangre seca y le dolían todo los huesos. [...] Encima de los vagones se veían los bultos oscuros de los soldados con las ametralladoras emplazadas” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 366 e 367). Ao voltar para o povoado, aturdido com o que presenciou, uma surpresa ocorre: ninguém, além dele, havia percebido o que havia acontecido e quando o personagem tenta contar a alguém sobre o massacre, duvidam da sanidade dele e o ignoram. Mr. Brown foi embora de Macondo (junto com os representantes mais importantes da empresa) antes mesmo das metralhadoras serem apontadas para os trabalhadores e o que se deu como notícia (aqui apontada como a manipulação da mídia real) é que os trabalhadores haviam obedecido a ordem de evacuar a estação e voltado para as suas casas pacificamente, situação que se comprova no trecho:

La noche anterior habían leído um bando nacional extraordinario, para informar que los obreros habían obedecido la orden de evacuar la estación, y se dirigían a sus casas em caravanas pacíficas. El bando informaba también que los dirigentes sindicales, con un elevado espíritu patriótico, habían reducido sus peticiones a dos puntos: reforma de los servicios médicos y construcción de letrinas en las viviendas. [...] Sólo que cuando los militares le preguntaron para qué fecha podía anunciarse la firma del acuerdo, él miró a través de la ventana el cielo rayado de relámpagos, e hizo um profundo gesto de incertidumbre. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 369).

Nesse ponto, pode-se delinear o seguinte paralelo: ao criar na ficção a situação protagonizada por José Arcádio Segundo, a qual apenas esse personagem tem ciência do que realmente foi feito pela Companhia Bananeira aos trabalhadores e, além disso, as explicações dadas em caráter de notificação nacional explicando a obediência e a servilidade dos operários, García Márquez critica o número incerto de trabalhadores massacrados na Colômbia e a relação com a UFC. José Arcádio Segundo, em uma leitura, pode representar aqueles que sobreviveram ao fuzilamento, mas não tiveram voz para relatar o que realmente ocorreu, ou até mesmo as famílias que perderam entes queridos e que também não tiveram “poder” sobre o número relatado. Curioso também é como o autor utiliza a expressão “com elevado espírito patriótico” no trecho citado acima, aqui vê-se uma grande ironia na narrativa, pois ao contrário de patriotismo, muitos envolvidos no real morticínio não souberam *hacer patria*, houve apenas a confirmação do poder norte-americano em terras colombianas. Ademais, assim como ocorreu em Aracataca, após a partida dos estadunidenses, Macondo sofreu um processo de desestabilização, uma grande chuva tomou conta do povoado por quatro anos, onze meses e dois dias. Em uma interpretação, esse período chuvoso na ficção, pode aludir a própria passagem bíblica sobre o dilúvio ou corresponder também à Grande Depressão, considerada o

mais longo período de recessão econômica do século XX. Essa crise instalou-se logo após o massacre da Zona da Banana, período histórico colombiano. Para os Buendías, esse espaço de tempo é marcado pela estagnação e uma atmosfera de retrocesso: as ruas alagadas, animais atolados e a dificuldade em sair de casa fazem com que a narrativa transmita uma prosperidade perdida, o que talvez o próprio García Márquez tenha compreendido da história do seu país.

Com base nisso, é possível afirmar que aspectos que compõem a identidade colombiana, considerando fatos históricos, são apresentados na narrativa. Ao questionar o que é ser colombiano (da mesma maneira como questiona-se o que é ser mexicano em Paz (1984)), tem-se aspectos históricos que constroem a possível resposta para esse questionamento, a relação com os Estados Unidos, o poder econômico que os norte-americanos demonstraram – não somente, mas também – na Colômbia faz parte da busca pelo sentimento identitário, o fazer-se pátria, é extremamente visível em *Cien años de soledad*. Apesar de não se poder confirmar com exatidão qual a intenção do autor ao redigir os capítulos da obra, fica evidente a aproximação do marco histórico e da ficção, outro fator importante que justifica tal paralelo é o fato da pátria do escritor ser a Colômbia. É necessário pontuar também que não foi somente na Colômbia que a *United Fruit Company* estava presente, segundo Marquette (2010, p. 20), “as multinacionais se expandiram pela América Central [...] a United Fruit em pouco tempo consegue se fazer presente na Costa Rica, Jamaica, Cuba, Santo Domingo, Equador, Panamá, Honduras, Colômbia, Nicarágua e Guatemala”, logo, entre 1899 até 1970, os Estados Unidos imperou nas “repúblicas das bananas”, deixando marcas na construção identitária desses países.

García Márquez, em *Viver para contar* (2003), ao narrar sobre a viagem que fez com sua mãe até Aracataca, a fim de auxiliar Luisa Santiaga na venda da casa de seus avós maternos, reflete sobre o período histórico colombiano marcado pela presença da UFC. É necessário pontuar, como já visto no capítulo acerca da biografia do autor, que tal regresso a cidade natal teve grande significância para o escritor, visto que foi nesse momento que ele percebeu aspectos que deveriam ser tratados na composição de sua obra magistral, *Cien años de soledad*. Assim, em uma análise, pode-se verificar a possibilidade de que, considerando as memórias de García Márquez, o Massacre das Bananas tenha sido um dos temas entrevistados a partir do regresso à casa do Coronel Nicolás Márquez. A afirmação sobre a reflexão acerca de suas próprias lembranças ligadas à UFC pode ser vista no trecho: “O paraíso privado da companhia bananeira, do outro lado da estrada de ferro, já sem a cerca de arame eletrificado, era um vasto matagal sem palmeiras [...]. Não havia uma porta, uma greta de um muro, um rastro humano que não tivesse dentro de mim uma ressonância sobrenatural” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003, p. 25). García Márquez pontua que em um momento da viagem, ainda no trem, sua mãe apontou com

um dedo para determinado local e afirmou que tinha sido ali que o mundo havia acabado. O autor conta que se tratava de um prédio em más condições que, segundo Luisa Santiago, teria sido o local onde o exército havia matado os trabalhadores dos bananais. O escritor afirma que:

Eu conhecia o episódio como se o tivesse vivido, depois de ter ouvido meu avô contá-lo e repeti-lo mil e uma vezes desde que tive memória: o militar lendo o decreto que declarava que os peões em greve eram oficialmente uma quadrilha de malfeitores; os três mil homens, mulheres e crianças imóveis debaixo de um sol bárbaro depois que o oficial deu a todos um prazo de cinco minutos para esvaziar a praça; a ordem de fogo [...], a multidão encurralada pelo pânico enquanto ia sendo diminuída [...] (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003, p. 18).

O autor colombiano ressalta também que, em meio as nostalgias, aqueles que até então residiam em Aracataca ou tinham algum vínculo com a cidade, mesmo que fossem apenas memórias, demonstravam certa fé no fato da companhia bananeira voltar. “As opiniões estavam divididas entre quem queria e quem não queria que voltasse, mas todos tinham certeza dessa volta” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003, p. 20). A própria Luisa Santiago esperou até quando pôde para vender a casa dos pais, tendo em vista a crença de que se a UFC retornasse para Aracataca, poder-se-ia cobrar mais pela residência. Márquez assinala também sobre a situação que a cidade natal teve que enfrentar depois da partida da companhia bananeira, ressaltando que o origem de todas as desgraças que assolaram Aracataca tinha sido a matança dos trabalhadores, a qual ainda não se sabia ao certo quantos teriam sido os mortos. “A única coisa certa era que levaram tudo: o dinheiro, as brisas de dezembro, a faca de cortar pão, o trovão da tarde, o aroma dos jasmim, o amor. Só ficaram as amendoeiras empoeiradas, [...] as casas de madeira [...] com suas pessoas taciturnas, devastadas pelas lembranças” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003, p. 31). Aqui cabe evidenciar um contrassenso, apesar da UFC ter trazido males para Aracataca, segundo García Márquez, ainda havia aquele que acreditava, que queria, que os norte-americanos retornassem para a cidade e retomasse com o “império da banana”. É possível refletir que, àqueles que eram favoráveis a esse retorno, talvez acreditassem que a postura da UFC seria outra e que poderia, em uma segunda tentativa, trazer a modernidade e a prosperidade aguardadas antes do massacre ocorrido. É válido perceber que até mesmo a crença na bonança tida pelos sujeitos de Aracataca se assemelha com a dos personagens de Macondo. Tal perspectiva é descrita, nos personagens, como a consequência do contato com as maravilhas que o estrangeiro norte-americano estava proporcionando à Macondo. Se com a magia dos ciganos os indivíduos da narrativa já se espantaram, os avanços vindos com a Companhia Bananeira eram o ápice da modernidade. Isso fica evidente no seguinte trecho da obra:

Deslumbrada por tantas y tan maravillosas invenciones, la gente de Macondo no sabía por donde empezar a asombrarse. [...] Era como si Dios hubiera resuelto poner a prueba toda capacidad de asombro, y mantuviera a los habitantes de Macondo en un permanente vaivén entre el alborozo y el desencanto, la duda y la revelación, hasta el extremo de que ya nadie podía saber a ciencia cierta donde estaban los límites de la realidad (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 270 e 271).

Saldívar (2000) também traz considerações sobre o Massacre das Bananas em Aracataca, a viagem de García Márquez até a cidade e a relação entre esse episódio histórico da Colômbia e o enredo de Macondo. O biógrafo confirma que muito antes de García Márquez chegar aos seus personagens, o autor foi testemunha do drama que lhe ocorreria contar na narrativa, primeiro como criança (ouvindo histórias contadas pelo Coronel Márquez) e em seguida durante os anos de seu próprio amadurecimento como escritor mediante às viagens tidas até Aracataca (em especial a viagem feita com Luisa Santiaga). Segundo Saldívar, as mudanças ocorridas em Aracataca, as quais estavam relacionadas à UFC, deram-se quando os Márquez Iguarán estavam se instalando na cidade. “Num instante Aracataca tinha-se transformado num povo de Babel, na farra livre e solta da bonança bananeira, que o tempo se encarregava de revelar em sua essência encoberta: era uma tragédia de efeito retardado e não uma explosão exaltada do progresso” (SALDÍVAR, 2000, p. 46). Ao ler o trecho citado, pode-se perceber que basta trocar “Aracataca” por “Macondo” e se tem o mesmo panorama. A cidade fictícia de García Márquez também recebeu sujeitos diversos, atraídos pelas propostas da Companhia Bananeira, tornando-se um “povo de Babel”, além disso, a mesma bonança bananeira e a mesma tragédia também podem ser encontradas em Macondo. Assim:

Os esquemas econômicos, sociais e culturais da aristocracia de Aracataca nos quais se moviam os Márquez Iguarán seriam transpostos quase que literalmente por García Márquez aos seus romances, especialmente em Cem anos de solidão, onde os Buendías são seu correlato, a referência obrigatória de toda sociedade macondiana (SALDÍVAR, 2000, p. 50 e 51).

Desse modo, tendo em vista o que já foi posto, tem-se uma linha reflexiva que, considerando o enredo de García Márquez (2014), o leitor consegue vislumbrar aspectos históricos relacionados à identidade latino-americana na ficção desenvolvida: José Arcádio Segundo protagoniza o que vários países da América Latina experienciaram com o imperialismo norte-americano na figura da *United Fruit Company* (revelada como Companhia Bananeira na trama de García Márquez), principalmente na Colômbia. Vislumbra-se, assim, na ficção a correspondência com as marcas que os norte-americanos deixaram com o massacre de 1928 (esse episódio na história da Colômbia ficou conhecido como Massacre das Bananeiras).

Interessante é poder perceber tais ligações e como elas estão presentes na criação literária de *Cien años de soledad*. José Arcádio Segundo não é somente um personagem, ele é a identidade pulsante dos países, especialmente da Colômbia, assolados pelo imperialismo norte-americano.

4.3 LIBERAIS E CONSERVADORES EM MACONDO E NA COLÔMBIA

Coronel Aureliano Buendía, antes apenas Aureliano, faz parte da segunda geração da estirpe fundadora de Macondo, é o segundo filho de José Arcádio Buendía e Úrsula Iguarán. Personagem de grande destaque em García Márquez (2014) não somente pela solidão que traz consigo ao longo de toda obra, mas também pelas diversas transformações identitárias que ele enfrenta. Essas mudanças não podem ser julgadas como boas ou ruins para Aureliano, elas fazem parte da sua composição identitária. Aureliano é o primeiro personagem apresentado na obra, a qual se inicia com uma cena que envolve o Coronel já adulto. Ele está diante de um pelotão de fuzilamento e retorna a tempos remotos quando se lembra da primeira vez em que viu gelo. Essa memória é explicada algumas páginas adiante e está ligada à imagem que Aureliano tem de José Arcádio Buendía, pai, e aos inventos dos ciganos que chegaram a Macondo quando a aldeia estava nos primeiros anos de fundação. A partir dessa lembrança, o narrador apresenta os demais personagens e principalmente, nessas primeiras páginas, conta sobre a fundação de Macondo. Tendo em vista a construção do personagem, assim como os episódios políticos que ele protagoniza na ficção, este subcapítulo tem como objetivo apresentar a linha de raciocínio entre o liberalismo e o conservadorismo presentes na Colômbia a começar pelo século XIX.

O Coronel é descrito, quando jovem, como uma figura franzina comparado ao irmão corpulento e pacato, embora apresentasse grande interesse pelo laboratório de alquimia que o pai havia ganhado de Melquíades. Aureliano parece estar sempre solitário, beirando ao desinteresse. Contudo, a identidade do personagem sofre transformações após seu casamento com Remédios Moscote; mesmo após ficar viúvo, Aureliano continua a frequentar a casa do sogro para conversar e jogar dominó. Dom Apolinar Moscote, delegado de Macondo, era aquele que (antes de Aureliano tornar-se coronel) mais se aproximava de questões políticas no povoado, era ele quem demonstrava entender das diferenças entre liberais e conservadores, promovia votação política na aldeia e, durante conversas com o genro, tentava fazer com que Aureliano compreendesse o quanto a disputa entre esses dois grupos políticos era importante. Aureliano, no início, não estava interessado no assunto, mesmo simpatizando mais com a causa liberal; ele não compreendia como alguém poderia fazer guerra por coisas que não podiam ser

tocadas com as mãos. Entretanto, o interesse político nasce em Aureliano quando, acompanhando uma campanha e votação política organizada pelo Sr. Apolinar, o futuro Coronel percebe o cinismo com que o sogro adultera o resultado, possibilitando que os conservadores “ganhassem” mais votos. A indignação foi tamanha que Aureliano se rebelou:

Aureliano entró en la casa de Gerineldo Márquez [...] imprimió a su voz una autoridad que nunca se le había conocido. ‘Prepara los muchachos’, dijo. ‘Nos vamos a la guerra’. Gerineldo Márquez no le creyó. [...] Don Apolinar Moscote tuvo dificultades para identificar aquel conspirador de botas altas y fusil terciado a la espalda con quien había jugado dominó hasta las nueve de la noche.

- Esto es un disparate, Aurelito – exclamó.

- Ningún disparate – dijo Aureliano –. Es la guerra. Y no me vuelva a descer Aurelito, que ya soy el coronel Aureliano Buendía (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 127 e 128).

Tendo em vista essa decisão de Aureliano, é possível notar que há uma grande diferença entre Aureliano antes e depois de se tornar liberal. Em certos momentos, é como se o leitor estivesse diante de outra personagem, não mais o filho de José Arcádio Buendía e Úrsula. Aureliano marca sua transformação identitária não apenas pelo título de coronel que ele mesmo o dá, mas pela postura que apresenta durante a guerra, lutando por algo que há pouco ele mesmo não compreendia o motivo. A narrativa marca que o Coronel Aureliano promoveu trinta e duas rebeliões armadas e em nenhuma saiu vitorioso. Em alguns momentos, entre esses confrontos, ele voltava a Macondo, mas logo partia novamente, deixando Úrsula desesperada.

Martin (2010), assim como também pontuado por Saldívar (2000), afirma que o escritor colombiano teve em sua vida uma figura muito importante: o avô materno. Nicolás Márquez Mejía era veterano da Guerra dos Mil Dias (confronto civil marcado pelo embate entre o Partido Liberal Colombiano e o Partido Conservador Colombiano entre 1899 e 1902, devastando a República da Colômbia e resultando na vitória do governo conservador e na separação do Panamá, em 1903, até então considerado um departamento da Colômbia), foi membro do Partido Liberal Colombiano e tesoureiro de Aracataca; ele auxiliou na criação de García Márquez, construindo, assim, um forte vínculo com o neto. Segundo Martin, García Márquez tinha seu avô como um herói de guerra, alguém que sabia pelo o que lutava, “certamente valia a pena educar o menino; seria ele quem herdaria as memórias do velho coronel, sua filosofia de vida e sua moralidade política, além da visão de mundo; [...] Foi o avô quem lhe contou sobre a Guerra dos Mil Dias, sobre [...] seus amigos, todos liberais heroicos” (MARTIN, 2010, p. 79). Assim, pode-se tecer uma linha comparativa entre o Coronel Nicolás Márquez e o Coronel Aureliano. Entretanto, não é possível afirmar que todas as características identitárias do personagem sejam cópias legítimas do avô de García Márquez. É provável que tal semelhança

decorra de uma inspiração do próprio autor na figura do avô, considerando a ligação entre os dois e a admiração do neto pelo herói liberal. Essa proposição é apresentada também por Krauze (2011). Ao discutir sobre o autor colombiano, afirma que “o avô de García Márquez é uma figura destacada nos primeiros romances do escritor [...] A história dele, por sua vez, inspirou o personagem do coronel Aureliano Buendía em *Cem anos de solidão*” (KRAUZE, 2011, p. 392).

É importante destacar que não apenas Aureliano tem proximidade com quem foi o Coronel Nicolás Márquez, mas há também um episódio com José Arcádio Buendía, pai do Coronel Aureliano, que é inspirado no avô de García Márquez. Krauze aponta que em 1908, na cidade de Barrancas (Argentina), o patriarca da família Márquez teve sua vida marcada por um “assunto de honra”, em que a única escolha foi enfrentar um amigo e ex-tenente, Medardo Pacheco. Conta-se que o confronto começou devido a um comentário insinuante feito pelo avô de García Márquez dirigido à mãe de Medardo, a situação se encaminhou para um “duelo de morte”, proposto pelo Coronel Nicolás para defender a própria honra. O resultado foi a morte de Medardo e o remorso do Coronel, sentimento revelado ao neto diversas vezes. Transformada em ficção, cena parecida ocorre em *Cien años de soledad*. Antes de fundar Macondo, o pai dos Buendías já casado com Úrsula, vivia em Riohacha⁴. Uma vez perdida uma disputa entre galos de briga, Prudêncio Aguilar irritou José Buendía alegando que com a vitória o galo poderia fazer um favor à mulher de José Buendía, enfurecido, o pai dos Buendías ameaçou Prudêncio de morte e cumpriu, matando o “inimigo” com uma lança. O assassinato de Prudêncio Aguilar fez com que o jovem casal decidisse deixar Riohacha e ir em busca de um novo local, esse seria mais tarde Macondo, assim, “antes de partir, José Arcadio Buendía enterró la lanza em el pátio y degolló uno tras outro sus magníficos galos de pelea [...] Solamente procuraban viajar en sentido contrario al camino de Riohacha para no dejar ningún rastro ni encontrar gente conocida” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 35). Krauze afirma ainda que “os dois personagens, o real e o imaginário, vivem nas garras de um ‘terrível remorso’. Os dois recusam a se arrepender e os dois insistem: ‘Faria tudo de novo’” (2011, p. 397).

Quando transformado em Coronel Aureliano Buendía, o filho de José Arcádio Buendía e Úrsula Iguarán carrega consigo não somente a trama de um personagem filho dos fundadores de Macondo, mas protagoniza o embate entre as perspectivas políticas liberais e conservadoras. O Coronel Aureliano decide defender as ideias liberais, mesmo, em certo momento, afirmando que a única diferença entre liberais e conservadores é que os primeiros vão à missa das cinco e

⁴ Riohacha é vista como local ficcional se analisada dentro da obra de García Márquez (2014), entretanto, ela é real, é uma das cidades pós-hispânicas mais antigas da Colômbia e da América Latina, fundada em 1545.

os outros à das oito, passagem que indica significativa ironia em toda a batalha. De certo modo, na ficção, há indícios que a guerra era travada com dois objetivos: o primeiro (àquele que todos deveriam crer) estava ligado à ideia de que ambos os partidos defendiam ideias justas para a população e que cada um possuía o melhor tipo de governo; o segundo (esse deixado subentendido) se relacionava ao luxo de ter a vitória para aumentar o “ego patriótico”, nesse caso, há a correspondência com a fala do Coronel, os partidos não se diferenciam, ambos buscam o exibicionismo em sair vitorioso.

O personagem, como já elucidado, engaja-se na disputa política devido a uma situação de votação eleitoral injusta em que o próprio sogro é conivente e, a partir desse momento, torna-se, por um título dado por ele mesmo, o Coronel Aureliano. Já nesse momento é possível perceber que o personagem assume características de sujeito independente e certo das ações que irá tomar. Desde o início da narrativa o leitor conhece Aureliano não somente pelo narrador onisciente, mas também pelas expressões e impressões que Úrsula, em discurso direto, dirige ao filho e sobre o filho. A matriarca revela atributos da personalidade do personagem antes e depois desse se tornar participante da guerra. Em certa ocasião, quando o Coronel já estava tomado pelos combates políticos, Úrsula declara: “Dios mío [...] Ahora parece un hombre capaz de todo” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 192), e ele realmente era. A situação em que a centenária faz esse comentário diz respeito ao ataque (com mil homens armados) à Macondo liderado por Aureliano e a decisão do personagem em fuzilar o general Moncada que, mesmo sendo seu amigo, deveria ser “morto pela revolução” por ser partidário do conservadorismo. No diálogo entre o general conservador e o coronel liberal, pode-se perceber a irredutível decisão de Aureliano em fazer parte de uma guerra mesmo sabendo que o objetivo dela talvez não valesse o sacrifício:

– Sabes mejor que yo – dijo [Coronel Aureliano] – que todo consejo de guerra es una farsa, y que en verdad tienes que pagar los crímenes de otros, porque esta vez vamos a ganar la guerra a cualquier precio. Tú, en mi lugar, ¿no hubieras hecho lo mismo? [...]
 “Probablemente”, dijo [general Moncada], “Pero lo que me preocupa no es que me fuziles, porque al fin y al cabo, para la gente como nosotros esto es la muerte natural [...] Lo que me preocupa – agregó – es que de tanto odiar a los militares, de tanto combatirlos, de tanto pensar en ellos, has terminado por ser igual a ellos. Y no hay un ideal en la vida que merezca tanta abyección [...] no sólo serás el dictador más despótico y sanguinario de nuestra historia, sino que fusilarás a mi comadre Úrsula tratandi de apaciguar tu conciencia. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 195).

Considerando que a construção do personagem do Coronel Aureliano Buendía sofreu influências da relação próxima entre García Márquez e seu próprio avô materno, Coronel Nicolás Márquez, um liberal convicto, é necessário refletir sobre a história política que

atravessa a Colômbia para, então, compreender e justificar a correspondência dos aspectos entre a ficção e a realidade. Apesar do avô de Márquez o situar com suas próprias narrativas no contexto político liberal e conservador do país, não somente a ele se pode tecer relação comparativa com o coronel fictício. Segundo Faulhaber (2010), em texto que aborda as trajetórias políticas de líderes nacionalistas da Colômbia, como o general Rafael Uribe Uribe e o líder político Jorge Eliecer Gaitán, a autora explora a ideia de que tais figuras políticas também apresentam relação com o personagem do Coronel Aureliano Buendía, visto que ambos são marcados por trajetórias sociais de movimentação e defesa do liberalismo na Colômbia. A autora afirma que, considerando o engajamento do escritor literário em questões de construção nacional, a história de Macondo está ligada à realidade colombiana. “O protagonista é reconstruído dentro de diferentes referenciais, dependendo do ponto de vista. Em uma perspectiva dialógica, [...] ao configurar a personagem do coronel Buendía, [...] [García Márquez] fornece pistas para a interpretação do inconsciente histórico na Colômbia” (FAULHABER, 2010, p. 622).

Assim, pode-se interpretar que o primeiro contato (e a primeira influência sobre o personagem de Macondo) se deu pela figura do avô de García Márquez. Entretanto, o posicionamento político liberal adotado pelo Coronel Nicolás Márquez também é visto nos líderes Uribe Uribe (esse, por coincidência ou não, lutou junto com Nicolás Márquez na Guerra dos Mil Dias) e Gaitán, sendo o assassinato desse último o marco do despertar de García Márquez para as questões políticas. Seria uma postura ingênua aquela que crê que a vivência e as experiências do escritor não influenciam sua própria escrita.

Considerando o contexto histórico da Colômbia sobre os embates entre liberais e conservadores, os quais datam de muito antes das experiências de García Márquez com o próprio avô ou com o conhecimento do escritor sobre as figuras políticas citadas acima, Villegas (2015) tece informações sobre a história dos partidos políticos na Colômbia, afirma que na metade do século XIX houve importantes marcos históricos no que tange o nascimento dos partidos tradicionais da Colômbia. Em 1839 ocorreu a chamada *guerra de los supremos*, em que diferentes chefes militares, pertencentes a várias regiões do país, levantaram-se sobre o governo colombiano da época, Pedro Alcántara Herrán sucedeu Ignacio de Márquez e o Partido Conservador foi constituído (nome acolhido em 1848). Os oponentes a esse partido se denominaram liberais no ano seguinte.

É importante ressaltar que o ano de 1850 foi marcado pela Revolução Liberal, a qual é vista como ponto extremamente significativo para as interpretações socioeconômicas da política colombiana. Foi nessa época que ambos os partidos se fixaram ideologicamente. O

autor (2015, p. 29) indica que durante esse processo revolucionário, percebe-se diferenças fundamentais entre o liberalismo e o conservadorismo colombianos. Aqueles que se julgavam conservadores defendiam a necessidade da continuidade de um Estado colonial, temiam que as mudanças interferissem em seus interesses econômicos. Para eles, ver todos os homens como seres iguais poderia causar a perda de prestígio e poder social. Em contrapartida, os liberais acreditavam que a mudança era algo indispensável e o Estado necessitava de uma transformação, em vez das relações serem de caráter coloniais, elas deveriam estar pautadas em um governo em que houvesse leis gerais que coubessem para todos, enfocando principalmente o livre comércio. Dessa maneira: “Los liberales colombianos concebían la sociedad como una suma de individuos racional y jurídicamente iguales. [...] Los conservadores consideraban la sociedad como una jerarquía de hombres con diferentes habilidades y funciones” (VILLEGAS, 2015, p. 30). Se por um lado, os liberais acreditavam que o progresso e o bem-estar da sociedade estavam relacionados à liberdade intelectual e material dos indivíduos, por outro lado, os conservadores defendiam que a política econômica, assim como as ações do Estado, deveria estar associada ao bem-estar geral da população, não somente aos interesses particulares do sujeito.

Segundo o estudioso, além da *guerra de los supremos* e da Revolução Liberal de 1850, a Colômbia também enfrentou outros conflitos significativos entre liberais e conservadores. A exemplo disso, destaca-se a *Guerra de los Mil Días* e *La violencia*. Sobre a guerra apontada, o autor afirma que ela “no solamente provocó el derramamiento de sangre en el país sino también el desmembramiento de su territorio: al final de la guerra, Panamá se separó de la nación colombiana” (VILLEGAS, 2015, p. 34). Aqui, cabe voltar a reflexão para a ficção de García Márquez (2014) e perceber novamente a correspondência com a realidade colombiana. Os confrontos enfrentados pelo Coronel Aureliano Buendía retratam também cenas violentas e, em vários momentos, pode-se perceber, talvez pela personalidade fria e indiferente do personagem, que o motivo de guerrilhar oscila entre defender realmente a causa liberal e a obstinação em apenas sair vitorioso sob o sangue derramado dos oponentes, assim como pontuado sobre a *Guerra de los Mil Días*. Acerca ainda da guerra verídica citada, é interessante verificar que esse conflito apresentou dois momentos: primeiro, vê-se conflitos tradicionais entre exércitos liberais e conservadores; segundo, há grande violência e, infelizmente, muito sangue derramado. Tendo isso em vista, há, novamente, correspondência com a ficção. Ao narrar a guerra em que o Coronel Aureliano participava não há menção do fato histórico, tampouco a batalha ficcional ganha um nome, entretanto, percebe-se também duas fases que a compõe: “Existe uma primeira fase destacada por batalhas sanguinárias e a patente derrota dos Liberais,

a qual se encerra com o aprisionamento do Coronel Aureliano Buendía. Já a segunda, inicia-se quando este escapa e reúne suas tropas sobreviventes [...] [iniciando] à fase de guerrilha” (CUNHA, M., 2014, p. 70). Dessa maneira, verifica-se novamente a correspondência entre a narrativa ficcional e os relatos históricos da Colômbia. A guerra enfrentada em Macondo foi, em seu contexto de ficção, tão importante quanto a Guerra dos Mil Dias na pátria de García Márquez.

Em certos trechos do romance quando se relata sobre a guerra e um dos confrontos liderados pelo filho de Úrsula, narra-se: “La guerra, que hasta entonces no había sido más que una palabra para designar una circunstancia vaga y remota, se concretó en una realidad dramática” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, 143) e “De los veintiún hombres que lo [Coronel Aureliano] siguieron a la guerra, catorce murieron en combate, seis estaban heridos, y sólo uno lo acompañaba en el momento de la derrota final: el coronel Gerineldo Márquez” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 150). Dessa maneira, percebe-se que na ficção os “marcos históricos” políticos de Macondo trouxeram brutalidade e nenhum avanço social, pelo contrário. A memória sobre o Coronel Aureliano foi se apagando, sobrando-lhe apenas o nome de uma rua no povoado. Nesse ponto, é possível perceber um viés reflexivo e sugestivo da realidade: apesar das guerras terem caráter significativo tanto na realidade quanto na ficção, elas não trouxeram bem-estar para nenhuma das populações.

Ao dissertar sobre os partidos de ideologias liberal e conservadora, M. Cunha (2014) adverte que ambos os partidos não apresentavam total concordância, havia divisões internas criadas e extintas ao longo dos anos. A autora aponta que entre os Liberais colombianos havia os radicais e os moderados, chamados, respectivamente, de Olimpo Radical e Os Independentes. Os conservadores possuíam uma unidade maior, contudo, alguns julgavam-se mais centralistas, porém não assumiam nomes específicos. A situação social do país ou até mesmo o cenário político e econômico internacional influenciavam as ações políticas dos partidos, eles não são, portanto, estáticos. M. Cunha ressalta ainda que “é importante lembrar que, em essência, ambos os partidos são liberais, no sentido de que desejavam deixar de ser colônia. Ambos se opõem a influência da ex-metrópole e têm suas raízes em partidos que lutaram pela independência” (CUNHA, M., 2014, p. 33). Não obstante, mesmo que a dinâmica do pensamento dos partidos mudasse durante as décadas, as disputas partidárias sempre afluíam. É interessante notar também que a influência dos partidos era tamanha que ia além da política, ser liberal ou conservador fazia parte da construção identitária dos sujeitos. Muitos indivíduos não conheciam totalmente as perspectivas do partido que seguiam, mas o faziam

para pertencer a uma linhagem, afirmar-se como cidadão de uma comunidade onde se debatia o que era melhor para a nação.

Além disso, a estudiosa explica que muitas são as diferenças ente os partidos Liberal e Conservador, porém aquela que se destaca é a relacionada à questão religiosa. Para os liberais, uma das prioridades nas ideias relacionadas às políticas públicas era a educação pública e laica. O clero, por sua vez, pregava contra essas reformas e recebia o apoio dos conservadores, esses garantiam certa “aliança” com a igreja o que influenciava durante períodos eleitorais. Tendo isso em vista, é possível verificar semelhança dessa disputa religiosa entre os partidos em *Cien años de soledad*. Ao explicar a diferença entre os partidos para o genro, Dom Apolinar Moscote afirma sua visão política conservadora e, desse modo, declara-se defensor do clero. Verifica-se esse momento na passagem que narra uma conversa entre o Coronel Aureliano, que ainda não possuía o título de guerra, e o próprio sogro:

Los liberales, le decía [Dom Apolinar Moscote] eran masones; gente de mala índole, partidaria de ahorcar a los curas, de implantar el matrimonio civil y el divorcio, de reconocer iguales derechos a los hijos naturales que a los legítimos, y de despedazar al país em un sistema federal que despojara de poderes a le autoridad suprema. Los conservadores, en cambio, que habían recibido el poder diretamente de Dios, propungnaban por la estabilidad del orden público y la moral familiar; eran los defensores de la fe de Cristo, del principio de autoridad, y no estaban dispuestos a permitir que el país fuera descuartizado en entidades autónomas (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 121).

Considerando essa posição do personagem Dom Apolinar, é possível perceber que a ficção de García Márquez critica as perspectivas equivocadas que a própria realidade colombiana apresentava. O sogro de Aureliano multiplica um discurso errôneo sobre o liberalismo, vê os liberais como maçons (ideia errada de que a maçonaria seja algo de homens sem religião) e, nessa linha de pensamento, seriam sujeitos que objetivavam destruir a Igreja. Tem-se também a visão dos conservadores como protetores da religião e dos bons costumes, contrários a toda “bagunça liberal”. Contudo, como M. Cunha (2014) aponta, os liberais na realidade colombiana não defendiam o ateísmo, mas o poder da Igreja em decisões do Estado, algo completamente diferente. Outro exemplo dessa situação é a reação de Amaranta, irmã do Coronel Aureliano, ao ganhar de presente um livro de orações do Coronel Gerineldo Márquez, defensor das causas Liberais. A moça não compreende e julga o presente, visto que seria algo quase incrédulo ganhar um livro católico de alguém que ia contra a igreja. Novamente há uma crítica sobre o entendimento da postura do Partido Liberal na realidade.

Villegas (2015) explica que o desenvolvimento social e econômico da Colômbia só começou a ser favorecido em 1957 pelo sistema governamental intitulado de *Frente Nacional*.

Essa decisão política envolvia a ideia de um governo bipartidista (liberais e conservadores), prezando pela concórdia nacional e garantia da consolidação da democracia. Na ficção de García Márquez (2014) não é narrado algo assim, vê-se, ao final do confronto, um personagem que decide deixar para trás as grandes batalhas e voltar a ser apenas Aureliano. Apesar de ainda se referirem a ele como Coronel Aureliano, o protagonista no cenário liberalismo *versus* conservadorismo termina seus dias indiferente a tudo, fabricando peixinhos de ouro, sem apresentar qualquer ambição. A morte do personagem não é gloriosa, tampouco influencia qualquer outra revolução. Ele apenas deixa de viver, como qualquer outro morador do povoado. A decisão do filho de Úrsula em voltar a ter uma vida alheia pode ser interpretada como uma grande ironia na vida do personagem: a solidão falou mais alto do que a própria revolução. Há, de certa maneira, uma desmistificação do herói de guerra.

Considerando as reflexões postas, pode-se afirmar mais uma vez a correspondência entre a realidade, nesse caso a colombiana, e o romance de García Márquez. O autor novamente explora a ficção para tecer críticas sobre fatos históricos latino-americanos e compor, em seus personagens, identidades que são influenciadas por esses acontecimentos. Vislumbra-se outra vez uma linha tênue entre a América Latina e Macondo. A ligação entre a guerra liderada pelo Coronel Aureliano e a *Guerra de los Mil Días* é defendida também em Martin (2010, p. 368): “A história da Colômbia é dramatizada por intermédio de dois eventos principais: a Guerra dos Mil Dias e o massacre dos trabalhadores bananeiros [...]. Estas eram, é claro, as principais referências históricas que formavam o contexto da própria infância de García Márquez”. Logo, o que o filho de José Arcádio Buendía e Úrsula se dispôs a enfrentar foi também aquilo que a Colômbia enfrentou, o embate entre dois partidos na busca por um governo se não ideal, justo.

4.4 GARCÍA MÁRQUEZ E A IDEOLOGIA MARXISTA

Considerando as últimas reflexões apresentadas, outro aspecto merecedor de atenção e que também está presente na ficção sobre os Buendías é a perspectiva política. Neto de um liberal convicto, García Márquez, como intelectual de sua própria época, também era engajado em discussões sobre regimes governamentais, pode-se pensar que isso seja uma “herança” do Coronel Márquez. Segundo Krauze, foi em 1948, com o episódio conhecido como *El Bogotazo*⁵, que García Márquez iniciou sua consciência política. O assassinato de Gaitán

⁵ Expressão que representa uma série de protestos que aconteceram após a morte do líder liberal Jorge Eliécer Gaitán no centro de Bogotá (Colômbia). Na sequência desse episódio, houve um grande período de violência social e política (conhecida como *La violencia*) que durou até aproximadamente 1958.

alimentou no autor colombiano certo repúdio ao imperialismo americano (já crescente desde as reflexões sobre o massacre de 1928 ligado a *United Fruit Company*). “O jovem [García Márquez] começou a desenvolver uma desconfiança contra a democracia representativa e contra os valores republicanos” (KRAUZE, 2011, p. 401). Krauze afirma ainda que a Colômbia não foi um país defensor de golpes ou ditaduras; o estudioso reconhece que na metade do século XX, esse foi o país que apresentou uma forma mais tenaz a democracia. Contudo, a violência parecia persistir nesse território, principalmente pela discórdia entre liberais e conservadores, conflito que data do século XIX na América Latina.

Talvez por influência das histórias que o avô materno lhe contava sobre a importância de um posicionamento político ou pelo momento histórico e social ao qual García Márquez estava vivendo: uma América Latina em meio a revoluções, como a Revolução Cubana, por exemplo, o autor colombiano é atento não somente a questões literárias, mas aquelas de cunho político e social também. Certo é que a literatura composta por García Márquez traz, em algumas obras, uma reflexão política acentuada, como é o caso de *El otoño del patriarca*, publicado em 1975, e mesmo *Cien años de soledad*, texto publicado anteriormente, em 1967. Martin (2010) ao biografar sobre a trajetória de García Márquez, pondera sobre a vida política do autor, possibilitando perceber que um dos fatores que levou o escritor a engajar-se nesse meio, além da influência do avô, foi o fato de ele estar em constante contato com a esfera jornalística, trabalhar na *Prensa Latina* e depois de alguns anos fundar a *Alternativa*, auxiliou-o a tomar consciência do que a América Latina estava vivenciando naquele momento no âmbito governamental, principalmente na Colômbia, Chile e Cuba. Faz-se interessante a reflexão sobre os possíveis aspectos político admitidos por García Márquez em suas obras, aqui cabe essencialmente Macondo. Entender o período vivenciado pelo autor e como esse foi absorvido e interpretado por ele auxilia no olhar dado ao personagem de José Arcádio Segundo, por exemplo, e outros aspectos marcados na obra, em especial a maneira como as terras foram divididas na aldeia fictícia e como se deu a aparição do governo na figura de Dom Apolinar Moscote.

Ao refletir sobre a vida de García Márquez, verifica-se que a partir de 1960 houve maior engajamento do autor colombiano em questões políticas. Segundo Martin (2010), Masetti, fundador da *Prensa Latina*, solicitou que Márquez ficasse um período em Cuba para ser correspondente do jornal. O objetivo desse pedido era fazer com que García Márquez direcionasse alguns métodos do periódico e assessorasse no treinamento de novos jornalistas para, então, assumir o cargo específico. García Márquez chegou a Cuba pouco tempo depois da Revolução Cubana ter acabado, Fidel Castro assumira o governo (no início deste mesmo ano,

o governante nacionalizou numerosas empresas e, em agosto, desapropriou todos os locais que estavam em posse norte-americana na ilha), o país estava “ferendo” com todos esses acontecimentos, pulsando por transformações e o autor colombiano estava prestes a absorver tudo isso. Em contato tão próximo com tais fatos como García Márquez estava tendo, o escritor colombiano “aprenderia lições amargas que lhe marcariam a atitude e as atividades políticas no futuro. Ele já se fazia a mesma pergunta que estava sendo feita por quase todos da ilha, [...]: no que Fidel Castro estava pensando?” (MARTIN, 2010, p. 326).

Em 1961, Márquez e sua família (que até então vivia em Barranquilla, cidade no norte da Colômbia) partiram para Nova York, mesmo longe de Cuba, o autor não rompera laços com o que estava ocorrendo com o país, porém, nesse ano, via tudo pelas terras norte-americanas. Segundo Martin (2011), os funcionários da *Prensa Latina* que estavam nos EUA, incluindo Márquez, viviam sob pressão dos refugiados cubanos e daqueles que eram anticastro, pode-se dizer que foi uma época de grande tumulto. O biógrafo de García Márquez conta que alguns anos depois, o autor relatou a William Kennedy, romancista norte-americano, que Nova York era “um lugar como nenhum outro. Apodrecia, mas também estava num processo de renascimento, como a selva. E me fascinava” (KENNEDY, p. 258 apud MARTIN, p. 330, 2011). Pode-se perceber que essa época foi extremamente decisiva para García Márquez, foi nesse período que ele percebeu ainda mais a condição política da América Latina, principalmente as relações governamentais de Cuba e construiu em si uma identidade política. Não se pode afirmar exatamente o que se passava pelos pensamentos de García Márquez, contudo, é possível verificar que dois pontos o marcaram profundamente, de modo a ser possível encontrá-los em sua ficção: o imperialismo norte-americano na Colômbia (na figura da *United Fruit Company*), anos antes da experiência do escritor com Cuba, e os desdobramentos da Revolução Cubana, considerando o posicionamento governamental de Fidel Castro.

Em 1964 a estadia da família Márquez em Nova York terminou, assim como o relacionamento do autor com a *Prensa Latina*. García Márquez partiu para o México e nos anos que permaneceu nesse país escreveu *Cien años de soledad*. É necessário ressaltar que coincidentemente ou não, ao criar o universo fictício de Macondo, Márquez já apresentava reflexões sobre a política. O período vivenciado na *Prensa Latina* possibilitou ao autor essa consciência que se pode encontrar nos personagens Buendías. Ao tratar de questões históricas colombianas e latino-americanas, Márquez compreendeu também aspectos políticos, não foi por acaso as características dadas aos personagens. Martin (2010) afirma que em 1973, já tendo o reconhecimento de *Cien años de soledad*, Márquez deixou o México (nesses nove anos

decorridos, o autor esteve em outras cidades como Barcelona e Paris, porém sua residência era mexicana) e partiu para Colômbia. Nesse período, García Márquez declarou que “a América Latina carecia de grandes líderes. Os únicos verdadeiros líderes no continente eram Castro e Allende⁶, os demais eram ‘meros presidentes da República’” (MARTIN, 2010, p. 455). Em 1978, García Márquez declarou em entrevista a Luis Suárez, publicação intitulada *El periodismo me dio conciencia política*, a qual consta em Martin (2010, p. 459):

O senso de solidariedade, que é a mesma coisa que os católicos chamam de Comunhão dos Santos, tem um significado muito claro para mim. Quer dizer que, em todos os nossos atos, cada um é responsável por toda a humanidade. Quando uma pessoa descobre isso é porque sua consciência política atingiu o nível mais elevado. Modéstia à parte, é meu caso. Para mim, não existe um ato em minha vida que não seja um ato político.

Segundo o biógrafo do autor, o golpe de estado que o Chile sofreu foi o momento crucial para García Márquez. Para afirmar seus ideais, o autor além de declarar estar “em greve”, garantindo não escrever nada de cunho literário até que o governo de Pinochet caísse, lançou a revista *Alternativa*. A primeira publicação objetivava trazer reflexões sobre a necessidade de pensar sobre a política. Segundo Martin (2010), o primeiro slogan publicado pela revista de Márquez, em 1974, era “Ousar pensar é começar a lutar”, segundo o biógrafo, esse texto promovia reflexões sobre o despertar da consciência política, algo muito sugestivo visto o próprio “despertar” de Márquez e a ânsia política que a própria América Latina estava vivendo. Sem dúvida, o lançamento da *Alternativa* era um indício que García Márquez tinha interesse em se aproximar de um dos maiores líderes de esquerda que a América Latina conheceu: Fidel Castro. Krauze (2011) adverte, corroborando com Martin (2010), que Fidel foi para Márquez o retorno à memória do Coronel Nicolás Márquez, alguém que o escritor não desejaria esquecer, mas sim aproximar-se, pois tal como foi a relação com o avô materno, Márquez nutria real admiração pelo governante de Cuba. Sobre a decisão a respeito da “privação” da escrita literária e a aproximação a Fidel, Martin (2010, p. 466) afirma:

Quando García Márquez declarou que não escreveria outro romance até que Pinochet caísse, foi por duas boas razões: a primeira, e principal, é que estava determinado a fazer contato com o próprio patriarca vivo da América Latina, Fidel Castro; mas, em segundo lugar, não lhe sobrara mais nada de importante, naquele momento, a respeito do que pudesse escrever [...]. No que se referia à literatura, não estava certo sobre o que faria nem para onde iria. Então, concentrou-se em Fidel Castro.

⁶ Fundador do Partido Socialista, Salvador Allende governou o Chile entre 1970 e 1973 sob os ideais marxistas. Sofreu um golpe de estado liderado por seu chefe das Forças Armadas, Augusto Pinochet.

A aproximação a Fidel se deu pelos textos jornalísticos de García Márquez. Certa ocasião, o escritor publicou textos sob o título “De um lado de Cuba a outro” com elogios e pequenas críticas ao país. Em 1976, García Márquez estava em Cuba, sabendo da decisão de Fidel em enviar milhares de soldados cubanos para a Angola a fim de apoiar as forças marxistas do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), visto que o país africano havia se tornado independente de Portugal e enfrentava períodos difíceis, García Márquez propôs a Carlos Rafael Rodríguez (irmão de Fidel Castro, revolucionário e dirigente do Partido Comunista de Cuba) a ideia de escrever um texto sobre a expedição cubana à África, ressaltando a importância das ações e apoio de um país de Terceiro Mundo em uma situação que envolvia pátrias consideradas de Primeiro e Segundo Mundos. Fidel apoiou a ideia e o artigo foi veiculado em diversas partes do mundo. Assim, García Márquez iniciou sua relação duradoura e cada vez mais próxima com o governante de Cuba. Segundo Martin (2010), García Márquez e Fidel Castro compartilhavam diversas características: ambos haviam se tornado anti-imperialistas devido ao monopólio bananeiro dos Estados Unidos, na figura da *United Fruit Company*, além disso, os dois presenciaram as situações decorrentes do Bogotazo, em 1948. O biógrafo conta que o próprio Fidel afirmou que a herança caribenha e a vocação latino-americanista foram aspectos que o levaram à construção de uma amizade com o autor colombiano. Entretanto, mesmo com a aproximação com Fidel Castro, não é possível afirmar que García Márquez era comunista.

Com base nas experiências relacionadas à política, é possível verificar que García Márquez vivenciou dois grandes períodos: a construção de sua consciência política (marcada pelas histórias de infância contadas pelo avô sobre liberais e conservadores e os marcos históricos *El Bogotazo* e *La Violencia*) e o despertar para reflexões políticas a partir do atentado contra Allende. Assim, pode-se verificar correspondência entre essas situações vividas por García Márquez e sua própria escrita literária. A criação de Macondo ocorreu entre o período da *La violencia* e o falecimento de Salvador Allende, em ambas as situações o escritor estava na Colômbia, pode-se admitir que o período vivenciado pelo autor era de transição, ele estava percebendo e tomando consciência do que estava ocorrendo na Colômbia e sentindo ares revolucionários. Com essas reflexões, pode-se criar uma linha de raciocínio histórica e compreender como ela se apresenta na escrita literária de García Márquez, principalmente em *Cien años de soledad*.

Em uma análise, objetivando verificar reflexões de cunho político na composição da narrativa de Macondo e considerando o momento político vivenciado pelo autor e pela própria América Latina, é possível observar aspectos da ficção de García Márquez a partir das ideias

propostas por Rousseau e Marx. É interessante pontuar que essas obras filosóficas foram escolhidas não somente pela possível ligação com a obra literária, mas também por serem importantes no contexto de reflexão atemporal sobre política. Em um primeiro momento, faz-se interessante pontuar conceitos defendidos por Rousseau em *Do contrato social ou princípios do Direito Público*⁷, apesar dessa obra ser datada do século XVIII, a relevância das perspectivas apresentadas se justifica por si só na escolha desse texto como ponto de reflexão. *Cien años de soledad* não é uma obra cujo objetivo principal é o filosófico, contudo, à luz da filosofia, pode-se construir interpretações sobre as questões políticas que a obra literária apresenta. Rousseau defende que antes de verificar qual o melhor posicionamento político que determinado povoado irá adotar, é necessário que o povo entenda a si mesmo: “antes de examinar o ato pelo qual um povo elege um rei, seria bom examinar o ato pelo qual um povo é um povo, sendo esse ato anterior ao outro, é o verdadeiro fundamento da sociedade” (ROUSSEAU, 2017, p. 22-23). Dessa maneira, é possível questionar: O que faz do povo de Macondo um povo? Qual a singularidade das identidades dos personagens que lá habitam? Já foi discutido neste estudo a correspondência entre a ficção de García Márquez e a história da Colômbia e isso não pode ser deixado de lado neste momento também, contudo, percebe-se do mesmo modo a emergência da simplicidade na aldeia no período de fundação. Aqui a palavra simplicidade não anula o caráter complexo da identidade dos personagens e as questões históricas que a narrativa propõe, entretanto, deve-se olhar para os Buendías e demais seguidores da família e perceber que o ideal para eles, no princípio de Macondo, era a liberdade e a igualdade, essas eram as características que os tornavam um povo único, com suas próprias características. Há em Macondo um sentimento de união, aspecto que pode ser evidenciado antes do contado com os estrangeiros (ciganos e depois norte-americanos). Rousseau (2017, p. 31 e 32) defende que são necessárias algumas condições para que os sujeitos tenham direito sobre qualquer terreno:

Primeira, que esse terreno ainda não esteja habitado por ninguém; segunda, que só se ocupe a quantidade de que se necessita; terceira, que não se tome posse dele através de uma cerimônia vã, mas pelo trabalho e pela cultura da terra, único sinal de propriedade que, na falta dos títulos jurídicos, deve ser respeitado por alguém.

A primeira condição pontuada por Rousseau pode ser relacionada ao trecho da obra de García Márquez que explicita que o patriarca dos Buendías e todos aqueles que seguiam junto com ele são os primeiros a vislumbrarem as terras que seriam Macondo:

⁷ Obra datada de 1762. Neste estudo, optou-se por se utilizar a edição de bolso, publicada em 2017, pela Editora Vozes.

Después de casi dos años de travesía, fueron los primeros mortales que vieron la vertiente occidental de la sierra. Desde la cumbre nublada contemplaron la inmensa llanura acuática de la ciénaga grande, explayada hasta el outro lado del mundo. [...] [José Arcadio Buendía] al día siguiente convenció a sus hombres de que nunca encontrarían el mar. Les ordenó derribar los árboles para hacer un claro junto al río, en el lugar más fresco de la orilla, y allí fundaron la aldea (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 35 e 36).

A segunda e terceira condições ficam perceptíveis no trecho em que García Márquez (2014, p. 18 e 19) pontua sobre a relação com o cultivo da terra de Macondo, assim como a relação com os animais, para que o povoado prosperasse:

Al principio, José Arcadio Buendía era una especie de patriarca juvenil, que deba instrucciones para la siembra y consejos para la crianza de niños y animales, y colaboraba con todos, aun em el trabajo física, para la buena marcha de la comunidad. [...] En poco tiempo [José Arcadio Buendía] llenó de turpiales, canarios, azulejos y petirrojos no sólo la propia casa, sino todas las de la aldea.

Dessa maneira, pode-se perceber que, além da importância da figura de José Arcadio Buendía, no início da narrativa, o povoado de Macondo trabalhava unido com o mesmo interesse: seja no plantio, na criação do gado ou na criação das crianças. Essa ideia também corrobora com escritos de Rousseau (2017, p. 23), quando o pensador afirma que os homens devem unir suas próprias forças para se conservar e, desse modo, prosperar. Ademais, o direito que cada sujeito (nesse caso, morador de Macondo) tem sobre seu próprio bem material tem de estar em consonância com o direito que a comunidade tem sobre todos, aqui novamente se apresenta a ideia de igualdade e como exemplo de correspondência com a narrativa há a figura do patriarca da família Buendía. Ainda no trecho citado acima, pode-se verificar que ele zela pelo equilíbrio da aldeia, mesmo a criação de pássaros estava presente em toda a aldeia, não somente na casa desse personagem, isso faz com que emergja “ligação social” entre os indivíduos. Rousseau (2017, p. 40) também apresenta uma perspectiva sobre a postura do governante (visto como Soberano na linguagem da obra do filósofo), para tanto, o pensador afirma que o governante “não ultrapassa nem pode ultrapassar os limites das convenções gerais, e que todo homem pode dispor plenamente dos seus bens e da sua liberdade naquilo que foi estipulado por essas convenções”. Em Macondo, no princípio, não há nenhum tipo de eleição ou decisão sobre a figura de um comandante para o povoado, entretanto, é possível perceber a construção do personagem de José Arcadio Buendía como mediador entre os habitantes. García Márquez (2014) descreve esse personagem como um patriarca juvenil, aquele que colaborava em todos os aspectos para que a comunidade prosperasse, desde conselhos acerca de plantios até a própria efetivação do trabalho físico. Esse elemento faz aflorar o sentimento de respeito

nutrido pelo povoado e destinado a essa família, visto que eles não eram considerados governantes de Macondo, mas pioneiros na busca por um espaço tranquilo para a sobrevivência, sem a primazia de classes.

Além da perspectiva sobre a figura do governante, Rousseau discute sobre qual povo estaria apto a receber certa legislação, curioso é perceber a relação entre o que o filósofo apresenta e a correspondência com Macondo:

Aquele [povo] que, já ligado por qualquer laço de origem, de interesse ou de convecção, não conheceu ainda o verdadeiro jugo das leis; [...] aquele onde cada membro pode ser conhecido por todos e onde não se é absolutamente forçado a sobrecarregar um homem com um fardo que ele não pode suportar; [...] aquele que não é nem rico nem pobre e pode bastar-se a si mesmo; enfim, aquele que une à consistência e um povo antigo a docilidade de um povo novo (ROUSSEAU, 2017, p. 58).

Assim, é possível perceber que as primeiras descrições de Macondo, como a aldeia se apresentava em sua gênese, podem ser interpretadas como características de um povoado com condições favoráveis ao desenvolvimento de uma consciência política justa e solidária, onde a igualdade e o direito de cada indivíduo eram respeitados.

Considerando o que já foi posto sobre o “ser povo” em prosperidade, é necessário compreender outra característica que permeia Macondo: a liberdade dos sujeitos desde a escolha em se aventurar e fundar a aldeia até a maneira como cada um vivia no início. “Em lugar da velha sociedade burguesa com suas classes e seus antagonismos de classes surge uma associação na qual o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos” (MARX & ENGELS, 2011, p. 67), assim declara Karl Marx e Friedrich Engels em *O manifesto do partido comunista*⁸. A perspectiva de ser livre aparece inicialmente na narrativa quando José Arcádio Buendía, patriarca da família, decide empreender uma travessia, saindo de Riohacha com o intuito de fundar novo povoado, e vários amigos dele, jovens e ansiosos pela aventura, decidem levar as próprias famílias e seguir os Buendías rumo a “la tierra que nadie les había prometido” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 35). Assim, é possível perceber que todos aqueles se mostraram livres, não obrigados, a fazerem parte da fundação de Macondo. Outro aspecto de grande importância na obra é como Macondo foi disposta para que todos os seus moradores, nutridos pela liberdade de ter escolhido fazer parte daquele local, desenvolvessem-se de forma igual e justa:

⁸ Obra datada de 1848. Neste estudo, optou-se por se utilizar a edição de bolso, publicada em 2011, pela Editora Vozes.

Jose Arcadio Buendía, que era el hombre más emprendedor que se vería jamás en la aldea, había dispuesto de tal modo la posición de las casas, que desde todas podía llegarse al río y abastecerse de agua con igual esfuerzo, y trazó las calles con tan buen sentido que ninguna casa recibía más sol que otra a la hora del calor. En pocos años, Macondo fue una aldea más ordenada y laboriosa que cualquiera de las conocidas hasta entonces por sus 300 habitantes. Era en verdade una aldea feliz, donde nadie era mayor de treinta años y donde nadie había muerto (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 19).

Tendo em vista os primeiros momentos a partir da fundação de Macondo, García Márquez (2014) explicita as intenções dos indivíduos relacionados a esse marco frente ao convívio que estava sendo construído naquele espaço. É possível perceber, nesse momento, a ânsia por uma comunidade livre, estabelecida não a partir de divisões sociais, mas pautada na igualdade e no direito de todos. Esse trecho é um dos mais significativos considerando a correspondência com as ideias marxistas, uma vez que essa ideologia política promove a construção de uma sociedade igualitária, baseada na propriedade comum dos meios de produção, Macondo pode ser vista como aldeia muito próxima dessas ideias. Nesse ponto inicial, pode-se interpretar Macondo como um local que ainda não teve contato com outras formas de governo.

Contudo, o equilíbrio estabelecido em Macondo sofre rupturas. A primeira a ser considerada dá-se com a chegada dos ciganos, sujeitos descritos como portadores de inúmeras invenções e conhecimentos que não haviam sido conhecidos na aldeia até então. Os habitantes se deslumbram com as visitas desses nômades, de maneira que até mesmo José Arcádio Buendía entregou-se ao deleite dos conhecimentos dos recém-chegados, confiando em argumentos e invenções oferecidos por Melquíades, cigano de extrema importância no texto, que está presente até o fim da narrativa:

Quienes lo conocían [José Arcádio Buendía] desde los tiempos de la fundación de Macondo se asombraban de cuánto había cambiado bajo la influencia de Melquíades. [...] [Além disso] Aquel espíritu de iniciativa social [do patriarca] desapareció en poco tiempo, arrastrado por la fiebre de los imanes, los cálculos astronómicos, los sueños de transmutación y las ânsias de conocer las maravillas del mundo” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 17-19).

Ademais, José Arcádio, primogênito da família, decide entregar-se aos braços de uma cigana e seguir os visitantes, empregando uma fuga de Macondo. Úrsula, por sua vez, percebendo os devaneios do marido e preocupada com a fuga do filho, decide ir em busca do filho mais velho, porém ao retornar a aldeia, sem sucesso, traz consigo grande fluxo migratório, o qual influencia na transformação física de Macondo, “de modo que la escueta aldea de otro tiempo se convirtió muy pronto en un pueblo activo, con tiendas y talleres de artesanía, y una

ruta de comercio permanente por donde llegaron los primeros árabes de pantuflas y argolas en las orejas, cambiando collares de vidrio por guacamayas” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 53). Isso posto, Farias & Simioni (2009, p. 160) argumentam que o período relacionado à fundação de Macondo alude à América antes do contato europeu, como já mencionado, pautada em concepções acerca da criação de uma terra livre, “passando depois pela hifenização populacional propiciada pela convivência entre índios, castelhanos e ciganos, (...) [configurando] a nova formatação social resultante desse entrecruzamento”. A chegada dos ciganos marca, portanto, o contato com o outro, com o estrangeiro. Não é possível afirmar que os ciganos “colonizaram” Macondo, como fizeram os europeus nas terras latino-americanas, contudo, na ficção de García Márquez pode-se perceber que o que esses nômades trouxeram para o povoado, assim como àqueles que vieram depois com Úrsula, marcaram grande mudança na aldeia. Com o comércio se estabelecendo em Macondo, surge também indícios do capitalismo e do governo, na figura de Dom Apolinar Moscote.

Em vista disso, até esse ponto da análise se tem a seguinte perspectiva: Macondo, em sua fundação, corresponde a um modelo edificante de sociedade conforme os pilares das ideias marxistas, visto a igualdade ente os indivíduos e a não constituição de classes. Contudo, com a aparição do comércio estrangeiro e as mudanças que ele gerará no local, García Márquez marca o início de uma sociedade que irá se deslumbrar com outro sistema, o capitalismo, o qual não trará benefícios aos sujeitos, mas o contrário ocorre.

Segundo as ideias de Marx & Engels (2011), a sociedade igualitária seria alcançada quando o proletariado se unisse e lutasse pelos próprios direitos, buscasse um sistema justo, sem a propriedade privada ou divisões de classes. Logo, é possível verificar que os filósofos partem de uma sociedade desigual para justificar a necessidade de um movimento de transformação social pautada na ideologia marxista. Boucher (2015, p. 12), ao discutir sobre o marxismo, afirma que esse foi uma das contribuições mais significativas para o pensamento do século XX, influenciando áreas das ciências sociais, assim como interpretações humanistas, “desde a filosofia, através da sociologia e da história, até a literatura”. O autor ainda declara que “o marxismo é uma política de luta de massa e mobilização popular em nome de uma alternativa social ao sistema do lucro, e isto provavelmente permanecerá como uma característica da vida política no futuro”. Curioso é perceber que em García Márquez (2014) o contexto narrativo em que é visto correspondência com o marxismo se dá em uma ordem contrária. Se na raiz das ideias de Marx há uma sociedade desigual, luta do proletariado, culminando em um sistema comunista; em García Márquez tem-se uma sociedade igualitária, corrompida pelo capitalismo e a perda do equilíbrio do sistema. Isso é percebido gradualmente

na narrativa, sendo o ápice caracterizado com o embate entre os trabalhadores de Macondo e a Companhia Bananeira.

Como já posto anteriormente, a presença da Companhia Bananeira em Macondo e os desdobramentos dessa no povoado se dá em alusão ao período que a *United Fruit Company* permaneceu na Colômbia, principalmente o episódio, em 1928, conhecido hoje como Massacre das Bananeiras, em que trabalhadores colombianos reivindicavam melhores condições para o trabalho. Nesse ponto, é interessante perceber não a aproximação com a história vista na Colômbia, mas como a situação fictícia promove a correspondência entre as perspectivas marxistas sobre a necessidade do proletariado se unir e buscar melhorias no sistema. José Arcádio Segundo, quarta geração dos Buendías, é o personagem central nessa situação. Em certo momento, Úrsula compara o temperamento e as ações do seu tataraneto às decisões do próprio filho, Coronel Aureliano. A matriarca vê em José Arcádio Segundo um espírito rebelde e de certa maneira, preocupa-se com ele, lembrando e comparando com o que já havia vivido com a segunda geração da própria família. Pode-se perceber, mais uma vez, que García Márquez traz para a ficção outro aspecto provocador da realidade: o tataraneto de Úrsula e José Arcádio Buendía traz consigo a postura que Marx defende ser a necessária para o proletariado. Quando a grande greve dos trabalhadores de Macondo iniciou, foi esse personagem um dos defensores da causa, pois ele acreditava que a sua classe poderia e deveria ter direitos melhores no trabalho que desenvolvia, vê-se, também, a exploração do capitalismo na figura da Companhia Bananeira, a exploração de uma classe dominadora sob uma classe dominante. O luxo relacionado ao Mr. Brown é mais um fator que corresponde à situação analisada. Macondo sofre com a ganância do lucro, perde a igualdade social presente na fundação do povoado, porém revela um personagem convicto na busca pela melhora social.

O inconformismo dos trabalhadores do povoado se devia às más condições de trabalho, além da exploração da mão de obra. Os funcionários deveriam cortar e embalar bananas até mesmo aos domingos. Ademais, os protestos englobavam até mesmo a insalubridade das moradias e trapaças médicas, logo, percebe-se que as consequências do estabelecimento da Companhia Bananeira em Macondo realmente pontuou a separação de classes e a primazia de uma: a estrangeira. Isso é perceptível no trecho:

La inconformidad de los trabajadores se fundaba esta vez en la insalubridad de las viviendas, el engaño de los servicios médicos y la iniquidad de las condiciones de trabajo. [...] José Arcadio Segundo fue encarcelado porque reveló que el sistema de los vales era un recurso de la compañía para financiar sus barcos fruteros, que de no haber sido por la mercancía de los comisariatos hubieran tenido que regresar vacíos desde Nueva Orleans hasta los puertos de embarque del banano. Los otros cargos eran

del dominio público. [...] Los obreros de la campaña estaban hacinados en tambos miserables (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 358 e 359).

Aqui novamente há a relação entre ficção e realidade: García Márquez, com o atentado contra Allende, tomou para si a necessidade de refletir sobre um posicionamento político, da mesma forma, vemos o florescer dessas reflexões em José Arcádio Segundo devido a um marco histórico dentro da ficção, o estabelecimento da Companhia Bananeira em Macondo e a crescente exploração da mão de obra dos personagens trabalhadores. Percebe-se que em ambos os casos houve algo significativo, tanto na realidade quanto na ficção, que impulsionou a decisão de ambos. É necessário pontuar que em nenhum momento da narrativa de Márquez encontra-se a palavra comunista, tampouco a menção ao marxismo ou a Marx, entretanto, a maneira como é apresentada as situações, a indicação da divisão de classes, sendo a classe trabalhadora àquela mais desfavorecida, além das reivindicações feitas pelo proletariado ficcional, pontuam a possibilidade de relacionar a narrativa com as perspectivas da ideologia política de Marx.

Além de assinalar a postura do proletariado, também é possível perceber em García Márquez (2014) certa correspondência com o perfil da burguesia, essa representada principalmente pela figura do Mr. Brown. Marx & Engels afirmam que “a burguesia suprime cada vez mais a dispersão dos meios de produção, da propriedade e da população. Aglomerou a população, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade em poucas mãos. A consequência necessária disso foi a centralização política” (2011, p. 45). A relação com a burguesia é expressa pela descrição que o autor colombiano dá aos chamados “los gringos”, aqueles que chegaram a Macondo para trazer transformações e “modernidade”. Percebe-se a diferença desses estrangeiros desde a narração sobre as roupas das mulheres até o exagero das casas que possuíam janelas de tela metálica. Toda essa mudança que ocorreu no povoado marcou o estabelecimento das classes, mostrou a exploração do estrangeiro sobre terras que não pertenciam a eles (aludindo mais uma vez a história das terras latino-americanas). Os sujeitos que residiam na aldeia passaram a constituir a classe operária e, por outro lado, a burguesia foi composta por aqueles que chegavam trazendo novidades e oferecendo “trabalho”. É curioso verificar que a classe mais privilegiada foi formada pelo outro, pelos indivíduos que não participaram da construção do povoado; em certos momentos percebe-se a sugestão de que esses personagens “burgueses” poderiam justificar (erroneamente) a exploração das terras de Macondo pela grande modernidade que traziam. Narra-se que a chegada desses estrangeiros, dessa classe, portanto, foi tumultuada e agressiva aos ares de Macondo: “Dotados [los gringos] de recursos que en otra época estuvieron reservados a la Divina Providencia, modificaron el

régimen de lluvias, [...] y quitaron el río de donde estuvo siempre y lo pusieron con sus piedras blancas y sus corrientes” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 274).

García Márquez, assim como tantos outros autores, é um escritor marcado pelo seu próprio tempo: uma América Latina com influências políticas. Apesar de estar claro que o “inimigo” da classe trabalhadora era o imperialismo, especialmente o norte-americano (não sendo esse o único), o ano de 1920 apresentou o marxismo para a América Latina e a consolidação dessas ideias ocorreu apenas entre 1930 e 1950, exercendo, segundo Netto (2012), grande influência sobre os intelectuais do continente, como foi o caso de Pablo Neruda, por exemplo. O estudioso afirma que as perspectivas marxistas não foram tomadas pelo continente da mesma maneira, o que acarretou que essa ideologia política tomasse característica polifônica. Avançando pelos anos, é possível perceber que a relação da América Latina com o marxismo foi se tornando cada vez mais próxima, permitindo que esse pensamento político ecoasse no continente e fosse discutido até mesmo em âmbitos acadêmicos, tal a importância que as ideias marxistas estavam adquirindo. Verifica-se isso no trecho a seguir:

Fenômeno próprio dos anos 1960, seja pela abertura da universidade latino-americana às demandas políticas da época, seja pela gravitação posta pela renovação do marxismo que então tinha curso, foi o desenvolvimento de uma relação positiva entre as ciências sociais acadêmicas e o pensamento marxista, de onde emergiu a chamada “sociologia crítica”, cujos frutos são perceptíveis até hoje em vários países latino-americanos. (NETTO, 2012, p. 17).

Considerando o que foi posto, não se pode medir com exatidão o que o marxismo foi para García Márquez e o que o próprio autor (com a escrita jornalística e literária) foi para essa ideologia política, certo é que eles se relacionaram e, a partir dessa aproximação e verificando as correspondências que a narrativa de *Cien años de soledad* sugere com relação à história da América Latina, pode-se afirmar que há traços de Marx em Márquez, seja pelo momento histórico que o autor viveu, pelas crenças que ele mesmo adquiriu com base nessa perspectiva política ou até mesmo pela aproximação a Fidel Castro. Sobre o motivo não se pode ter certeza, contudo, o que é narrado em Macondo alude às reflexões marxistas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever *Cien años de soledad*, García Márquez fez mais do que narrar a ficção de Macondo. Junto à estirpe dos Buendías está também a dos colombianos. Estudando a biografia do autor e a história de sua própria nação, percebe-se, além do crescimento intelectual, literário e político de Márquez, o quão rica é a composição da obra analisada, visto que, se em uma leitura de fruição, o leitor se deleita com Macondo, em uma interpretação mais atenta e crítica, vê-se as experiências vividas pelo povo colombiano. É importante ressaltar que o objetivo proposto inicialmente foi alcançado e a hipótese confirmada. É evidente em diversos aspectos a relação entre a ficção de García Márquez e as questões históricas e políticas da sua própria pátria.

Ao apresentar considerações sobre a metáfora da solidão na América Latina, García Márquez reflete sobre as consequências da construção equivocada que o outro (o estrangeiro) tem sobre a América Latina. Isso se confirma no seu próprio discurso em decorrência do recebimento do Prêmio Nobel de Literatura. É interessante pontuar que, mesmo que García Márquez abranja nesse discurso toda a América Latina, esse sentimento de solidão também está presente na Colômbia. Essa solidão também é colombiana. É possível afirmar isso atentando-se para a história do país, a incompreensão e a ganância com que os norte-americanos trataram as terras colombianas no período do apogeu da *United Fruit Company* pode ser tido como exemplo dessa solidão. Um dos aspectos envolvidos nessa metáfora é a relação estabelecida entre o eu e o outro, logo, entre a América Latina ou a própria Colômbia e estrangeiro (norte-americano ou europeu) respectivamente. Para tanto, uma das maneiras possíveis para diminuir esse sentimento é a compreensão e prática da alteridade. A construção da compreensão sobre o outro e a aceitação sobre sua cultura poderia minimizar a solidão daqueles que não são compreendidos e auxiliar no desenvolvimento crítico daqueles que compreendem. Ao apresentar considerações sobre a comparação entre o sentimento de solidão de Macondo e a solidão mexicana da obra de Octavio Paz, verifica-se um aspecto importante que liga essas duas percepções. García Márquez constrói os personagens sempre com uma característica em comum: a solidão, esse sentimento está enraizado na ideia que o próprio autor tem sobre as consequências da colonização da América Latina. A errônea compreensão sobre os latino-americanos corresponde à solidão da aldeia de Macondo. A solidão em Paz também está arraigada na colonização, porém com foco no México. A incompreensão e as incertezas do mexicano sobre sua própria história levam-no à solidão. Logo, a ideia de solidão latino-americana de García Márquez dialoga com a solidão mexicana de Paz e tal sentimento é

correspondente na ficção de Macondo. A sensação de ser solitário (na ficção) se relaciona com as consequências do processo de colonização e, portanto, na influência desse período na construção identitárias dos povos da América Latina.

Considerando as reflexões obtidas sobre o imperialismo norte-americano, com a *United Fruit Company*, e a *Guerra de los Mil Días*, aspectos históricos da Colômbia, é perceptível as influências que as experiências da infância e juventude de García Márquez tiveram no romance. Cabe ressaltar que em todas as correspondências vistas entre a história e a ficção do autor colombiano, principalmente essas que se ligam à Colômbia, não são tidas por acaso nem representadas com o único objetivo de “preservar” a história colombiana, pode-se verificar que García Márquez pontua críticas dentro da própria escrita literária sobre os acontecimentos. Ao narrar sobre a Companhia Bananeira, tem-se perspectiva sobre o quão devastador foi a UFC para a Colômbia, como as informações sobre o protesto dos trabalhadores foram negligenciadas e a importância que esse marco histórico representou na construção identitária dessa pátria. José Arcádio Segundo, personagem da trama, foi delineado ficticiamente para representar a indignação do povo colombiano e a tentativa dos norte-americanos em “apagar” o desfecho desse protesto: a morte de diversos trabalhadores. A narrativa é incrivelmente construída para aludir ao acontecimento e mostrar o quanto desumano ele foi. A respeito das correspondências entre liberais e conservadores colombianos e a posição desses posicionamentos políticos em Macondo, vê-se a importância da construção do personagem do Coronel Aureliano Buendía. A composição da identidade desse indivíduo fictício representa grande complexidade: em primeiro lugar, ele traz consigo o sentimento de solidão (aquele partilhado com os sujeitos latino-americanos e enraizado nas consequências da colonização), em sequência, há a correspondência entre as influências das histórias de guerra do avô de Márquez e a crítica sobre os partidos liberais e conservadores da Colômbia. O Coronel Aureliano é, portanto, a expressão fictícia da história política da Colômbia. Não apenas um personagem, mas uma nação. É ele quem protagoniza, mesmo que ficticiamente, a *Guerra de los Mil Días*.

O último aspecto analisado nesta pesquisa se refere à correspondência entre perspectivas políticas e Macondo. Ao analisar a biografia de García Márquez e verificar o próprio momento histórico que o autor viveu na Colômbia, pode-se afirmar que o escritor estava em contato com pensamentos políticos e, a partir do contato com amigos intelectuais e devido ao seu próprio trabalho como jornalista, García Márquez ao mesmo tempo que amadureceu como autor de obras literárias, desenvolveu pensamento crítico sobre a política. As ideias relacionadas a perspectivas políticas presentes na obra não são delineadas em um personagem específico, como é o caso do Liberalismo no Coronel Aureliano Buendía, mas sim em situações que

decorrem no povoado. A fundação da aldeia apresenta traços da ideologia de Marx: a igualdade entre os sujeitos e a não criação de classes dominantes; a chegada do comércio dos ciganos e a UFC marcam a crítica ao capitalismo e à burguesia; ademais, o protesto dos trabalhadores, além de estar relacionado à história da Colômbia, aponta reflexão sobre a necessidade da união da classe operária (visão tida em Marx). Logo, vê-se que as perspectivas políticas se apresentam relacionadas aos acontecimentos de Macondo e, de maneira sutil, corroboram com o pensamento defendido por Marx na busca de uma sociedade justa. Contudo, é necessário pontuar novamente que em nenhum momento, mesmo nos textos biográfico e autobiográfico, García Márquez é visto como partidário do comunismo. O fato de poder analisar e verificar perspectivas de Marx na composição de Macondo (principalmente em sua fundação), não permite afirmar Márquez como defensor de Marx.

Por fim, é necessário pontuar que a contextualização sobre a história da Colômbia e a própria biografia de García Márquez foram muito significativas para a análise literária proposta. Foi possível, à luz de informações históricas, compreender e verificar os aspectos propostos para reflexão. A Colômbia é berço de inúmeros marcos históricos e García Márquez traz *Cien años de soledad* como uma maneira de manter viva a história da própria nação, não apenas documentando, mas narrando de maneira crítica o que não se pode ser esquecido: as experiências que permeiam a identidade colombiana. É possível afirmar ainda que, ao compor a obra, García Márquez deu ao outro (estrangeiro) uma “ferramenta” para tentar entender a Colômbia e até mesmo a própria América Latina, sendo Macondo, desse modo, uma oportunidade para que a solidão do continente possa diminuir. Assim, pode-se afirmar que a história da Colômbia, de García Márquez e de Macondo apresentam importantes relações e significativas correspondências, as quais possibilitam ao leitor conhecer os colombianos por meio dos Buendías.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, Gleydson Pinheiro. **Multinacionais e neocolonialismo**: a atuação da *United Fruit Company* na América Latina no século XX. Disponível em: <<https://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoos/article/download/4/16>>. Acesso em: 15 de jul. de 2019.
- ANDÉN, Julia. **Identidad y poscolonialidad em *Cien años de soledad***. Disponível em: https://gupea.ub.gu.se/bitstream/2077/29417/1/gupea_2077_29417_1.pdf>. Acesso em 24 de jun. de 2018.
- AUGÉ, Marc. **O sentido dos outros**: atualidade da antropologia. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura**: algumas considerações. Disponível em: <https://www.historia.ufg.br/up/114/o/ARTIGO__BORGES.pdf>. Acesso em: 13 de jun. de 2019.
- BOUCHER, Geoff; tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. **Marxismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- CUNHA, Karla Pereira. **Gabriel García Márquez e Octavio Paz**: a questão da identidade ibero-americana em *Cien años de soledad* e *El laberinto de la soledad*. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppghistoria/files/2009/12/Karla-CunhaPereira-.pdf>>. Acesso em 22 de março de 2019.
- CUNHA, Marina Procópio Rodrigues da. **Representações da Guerra dos Mil Dias em Cem Anos de Solidão e Ninguém Escreve ao Coronel**. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17287/1/2014_MarinaProcopioRodriguesdaCunha.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2018.
- FARIAS, Vera Elisabeth Prola; SIMIONI, Ronan. **Cem anos de mitos, imperialismo e solidão**: Macondo e a (des)construção identitária Latino-Americana. Disponível em: <<http://sites.unifra.br/Portals/36/artigos%20letras/artigos%20letras/cem%20anos%20de%20mitos.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2016.
- FAULHABER, Priscila. **Repensando a historicidade discursiva no exame das trajetórias políticas de dois líderes nacionalistas da Colômbia**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v5n3/04.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2018.
- FUENTES, Carlos. **Para darle nombre a América**. In: MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cien años de soledad*. España: Printer Industria Gráfica, 2007.
- GARCÍA MARQUÉZ, Gabriel. **Cien años de soledad**. 5. edición. España: Penguin Random House Grupo Editorial, 2014.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel; tradução Eric Nepomuceno. **Eu não vim fazer um discurso**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GARCÍA MÁRQUEZ, García; tradução Eric Nepomuceno. **Viver para contar**. Rio de Janeiro: Recrod, 2003.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJP, 2005.

HALL, Stuart; tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

JUNIOR, José Veranildo Lopes da Costa. **La masacre de la bananera na narrativa de Gabriel García Márquez**. Disponível em: <www.periodicos.ufam.edu.br/Decifrar/article/download/3431/3211/>. Acesso em: 17 de jul. de 2019.

KRAUZE, Enrique; tradução Magda Lopes. **Os redentores: ideias e poder na América Latina**. São Paulo: Saraiva, 2011.

LA TORRE, Felipe Villa de. **Úrsula Iguarán, ‘Madre Universal’**: Empoderamiento y sabiduría feminina a partir del universo wayúu. Disponível em: <<https://pipevilla.files.wordpress.com/2017/10/tfm-felipe-villa-4-septiembre-2016.pdf>>. Acesso em 19 jun. 2018.

LAROSA, Michael J.; MEJÍA, Germán R.; tradução Matías Godoy. **Historia concisa de Colombia (1810-2013)**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana e Editorial Universidad des Rosario, 2013.

LLOSA, Mario Vargas. **Cien años de soledad: realidad total, novela total**. In: MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cien años de soledad**. España: Printer Industria Gráfica, 2007.

LLOSA, Mario Vargas; tradução de Bernardo Ajzenberg. **Sabres e utopias: visões da América Latina**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

LUCENA, Karina de Castilhos. **Os caminhos de Aracataca a Macondo**. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/308>>. Acesso em 14 de jun. de 2019.

MARQUETTO, Stéfano Rahmeier. **United Fruit Company: poder e influência na América Latina**. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/28378>>. Acesso em: 08 abr. de 2018.

MARTIN, Gerald; tradução Cordelia Magalhães. **Gabriel García Márquez: uma vida**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.

MARTINS, Giovana Maria Carvalho. **O uso de Literatura como fonte histórica e a relação entre Literatura e história**. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1318.pdf>>. Acesso em: 06 de jun. de 2019.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MELO, João de. **Gabriel García Márquez e o Realismo Mágico Latino-Americano**. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/revista-no02-ibero-americanas/1283-1283/file.html>>. Acesso em 19 de março de 2019.

MELO, Jorge Orlando. **Historia mínima de Colombia**. México: El Colégio de México, 2017.
NETTO, João Paulo. **Nota sobre marxismo na América Latina**. Disponível em: <<https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2012/07/O-marxismo-na-America-Latina-JP-Netto.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

PAZ, Octavio; tradução Eliane Zagury. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PEREIRA, Ingrid Michelle Lopes. **Arquivo e Memória: uma análise dos conceitos de arquivo segundo Michel Foucault e Roberto Gonzalez Echevarría**. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/viewFile/620/745>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura**. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30220/pdf>>. Acesso em: 13 de jun. de 2019.

REZENDE, Antonio Paulo. **Octavio Paz: as trilhas do Labirinto**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v20n39/2988.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social ou princípios do Direito Público**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SALDÍVAR, Dasso; tradução Eric Nepomuceno. **Gabriel García Márquez: viagem à semente**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Bruna Ferreira da. **A identidade latino-americana em Cem Anos de Solidão (1967), de Gabriel García Márquez**. Disponível em: <www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/111490>. Acesso em: 15 de jul. de 2019.

TORRE, Michelle Márcia Cobra. **Literatura, História e Memória em Gabriel García Márquez: Cem anos de solidão, O general em seu labirinto e O outono do patriarca**. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/LETR-AQVQK5/tese_michelle_m_rcia_cobra_torre.pdf?sequence=1>. Acesso em 27 de março de 2019.

TRAUMANN, Andrew. **Os Colombianos**. São Paulo: Contexto, 2018.

VILLEGAS, Germán Lozano. **Historia de los partidos políticos em Colombia**. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6132869.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2018.